

D. IGNEZ SABINO

4

MULHERES ILLUSTRES

DO BRAZIL

Prefacio do Arthur ORLANDO

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

1, RUA MOREIRA CESAR, 71 | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
RIO DE JANEIRO | PARIS

CT
3303
.S231
1996

GRAD
31403163
SOC
10-7-98

MULHERES ILLUSTRES
DO BRAZIL



D. IGNEZ SABINO.

AS SENHORAS BRAZILEIRAS

O. C. D.

Este livro é vosso : acceitae-o

PREFACIO

O presente livro não é um trabalho de floricultura. O *Panthéon feminino*, se por um lado faz lembrar os jardins pensis do tempo de Semiramis, por outro lado reflecte o espirito do seculo, para o qual, no dizer de Tobias Barretto, « a propria poesia já não é o que foi outr'ora, uma cousa frivola, pueril, porém um acto de sensatez, uma profissão de fé philosophica, um trabalho serio e reflectido como uma conta corrente. »

O que á primeira vista parece um trabalho de jardinagem, não é em seu todo senão um estudo de psychologia feminina.

Não é que a auctora não goste de cultivar as bellas filhas da primavera ; mas nas *Mulheres Illustres* o cultivo das flores visa um outro fim que a emoção esthetica.

Todavia, entre nós, ella tem passado despercebida, não obstante em 1860, o fallecido escriptor Snr. Norberto de Souza haver escripto sobre algumas, manifestando desejo que uma senhora brasileira tomasse a si o trabalho de continuar a sua obra com mais desenvolvimento, dando aos esboços os traços sentimentaes desse agrupado de sensações que assaltam a alma feminina e que só uma mulher as pode conhecer bem. Concordo com o illustre litterato.

Porque razão a mulher não poderá ser conhecida pela penna de outra mulher, estudando em *si*, a psychologia alheia?

Nas longas horas de reflexão e de estudo em que se immerge a minh'alma de artista, que trabalha isoladamente, chamei sobre mim a grande missão de resolver o bello mas difficil problema, steryotipando os esboços historicos que apresento, não só como uma lição de historia patria, como tambem realçando os tons dos sentimentos de cada esboçada nas suas qualidades affectivas, de accordo com o fim litterario a que eu o destino.

Por isso, enfeixo neste *Panthéon* as « Mulheres Illustres do Brazil », formando o primeiro volume onde empreguei toda a minha actividade mental, toda a boa vontade, apezar

dos obstaculos que encontrei á realisacão do meu desideratum.

Eu quero resuscitar, no presente, as mulheres do passado que jazem obscuras, devendo ellas encher-nos de desvanecimento, por ver que bem raramente na humanidade, se encontrará tanta aptidão civica presa aos fastos da historia.

Faço, outrosim, salientar as que mais sobressahiram nas lettras, a fim de que se conheça que houve alguem que amou a arte e viveu pelo talento, tirando-as, como as outras, da barbaria do esquecimento, para fazel-as surgir, como merecem, á tona da celebridade.

A mulher não deve viver sómente pelas virtudes, nem pelas graças : ella deve, necessita, agir pela intelligencia, de accordo com os seus deveres moraes e civicos...

Como verão, não quero tornar-me prolixa, nem tão pouco ligeira de mais...

O alargar-me sobre estudos historicos, notas extensas e massante critica litteraria, produziria bocêjos, mas não attrahente impressão. O que digo, para a esthetica do livro, chega.

Ao terminar, deponho nas mãos de V. Ex^a... este modesto volume que espero se tornará a Biblia da instrucção moral e civica assim como o grande codigo de sympathia sincera que me

una áquellas a quem offereço o meu trabalho, que sómente valerá pela mercê com que o acceitarão, pagando-me assim dos mezes, das semanas, noites e dias que nelle gastei.

Acceitem-n'ó como a melhor prenda tirada do espolio do meu testamento litterario. O segundo volume irá depois.

Abram religiosamente a porta deste *templo* brasileiro, que desejaria eu ter raro e original talento para de *pequeno* tornal-o *grande*, ornando este « Pantheon » dos melhores marmores do pensamento, a fim de saliental-o como os magestosos templos da Grecia e de Roma, que têm atravessado gerações.

Analysem, estudem o que fizeram nos seus deveres civicos moraes e mentaes esses quarenta e um vultos e deponham na égide da patria, uma grinalda de rosas, como lembrança e admiração de V. Excellencia para com ellas...

Para mim, apenas a recompensa moral que se deve dar á mulher que estuda e trabalha, mas que necessita de apoio, applaudindo-se a minha idéa.

Ignez SABINO.

Rio, 1º de Janeiro 1899.

CARTA Á LEITORA

No principio soberano de todas as nações cultas, a alma da mulher é o maior alcance das bazes sociaes. Vemos nella a bençã divina que a glorifica como mãe e cuja veracidade acha-se comprovada desde os mais remotos tempos.

Os primeiros talentos têm-lhe dedicado as suas mais bellas estrophes, os seus mais suaves ideaes, em razão da sua propria *fraqueza*, provir a sua maior *força*.

Qual o grande centro que agita o seio das nações, ella é ainda a natural baliza da humanidade e tanto que, todos os povos se orgulham em nomeiar aquellas que honram a patria e o logar onde nasceram.

A historia ahi está.

Pelo assumpto e pela fórma, o *Panthéon* podia ser um ramalhete de flores perante a historia; mas a auctora, obedecendo á tendencia do seu tempo, preferio biographar heroínas a fazer a apothese do bello sexo.

Entretanto, a magnifica collecção é menos uma galeria de retratos do que uma adoravel clientela, defendida por advogado de ordem superior.

Expliquemo-nos : as *Mulheres Illustres do Brazil* são modelos de distincção e virtude, e para que se imponham á sympathia e imitação, para que sirvam de licção e exemplo, basta a leitura do presente livro pelos delicados espiritos. aos quaes é dedicado.

O que é preciso, é não exagerar as proporções do quadro para não perder-se o trabalho, que vae transformando o antigo deserto em delicioso horto.

O homem e a mulher são seres que se completam, são elementos que entram para a formação deste ser superior, que constitue o par.

Mas apesar do que elles têm de commum, possuem caracteres particulares, que constituem as faces diversas da psyché masculina e feminina. Assim, o espirito da mulher caminha do geral para o particular, da especie para o individuo; o espirito do homem segue marcha

opposta, parte da differença para a semelhança, da multiplicidade para a unidade.

Segundo Miramont, não ha n'esta diversidade de aspectos antagonismo ; mas antes collaboração, da mesma sorte que não ha opposição entre a sciencia e a natureza, posto que marchem em sentido inverso, esta multiplicando, e aquella simplificando sempre.

Mas se existe distincção entre o espirito do homem e o da mulher, a conclusão é que ambos não pôdem receber a mesma educação.

A um espirito, que procede por analogia, por generalisação, por synthese, não pôdem ser ensinadas as mesmas materias, que a um espirito, que procede por individualisação, por differenciação, por analyse. A organização da mulher, vindo mais de perto, e a do homem mais de longe, como faces distinctas do espirito humano, seguem caminhos distinctos, e n'este sentido é que deve ser dirigida a educação de um e de outro sexo.

Não combatemos a educação superior da mulher sob o brutal motivo de inferioridade intellectual; pelo contrario, n'este assumpto, estamos de perfeito, accordo com Bernard, quando escreve : « A maior parte das objecções, que a principio foram feitas, quando se

propoz estender ás mulheres as vantagens do ensino superior, eram puramente especulativas; não eram fundadas senão sobre hypotheses, e os resultados irrefutaveis da experiencia vieram desmentil-as. »

O que dizemos é que, de accordo com as propriedades diversas da psyché masculina e feminina, devem ser applicados os programmas e methodos de ensino. É preciso que a educação da mulher corresponda ao seu triplice destino de irmã, esposa e mãe.

Sem uma cultura accomodada á sua organização mental, a mulher não será « a pedra angular da ordem e do progresso », de que fala Mismér.

Em materia de educação, têm predominado até hoje dous erros tão oppostos, quão fecundos em funestas consequencias : o primeiro consiste em equiparar o espirito do homem ao da mulher, e em pretender dar-lhes uma identica instrucção, como se ambos os sexos possuissem a mesma disposição mental ; o segundo está em considerar a mulher um ser inferior ao homem e em conservar-a systematicamente em requintada ignorancia.

A verdade, porém, é que existe um elemento feminino para a intelligencia, como existe um

elemento masculino para o sentimento, devendo cada um d'elles receber cultura accommodada á sua natureza.

É preciso estudar o mundo moral, fazer a histologia da alma, a psychologia dos sexos, distinguir o que é masculino do que é feminino, para determinar a educação, que deve ser dada especialmente a cada um dos sexos.

Existe uma psychologia das raças, uma psychologia das multidões, resta fazer a psychologia dos sexos.

Em um curioso trabalho, intitulado : — *A psychologia dos sexos e seus fundamentos physiologicos*. Fouillée procurou determinar a constituição mental dos sexos; mas fel-o tirando das propriedades physico-chimicas dos germen, nas especies inferiores, precipitadas conclusões psychicas e sociaes para o homem e para a mulher. Assim, escreve o brilhante psychologo : « *A independencia* é o proprio do sexo e do elemento masculino ; *a solidariedade* pertence ao sexo e ao elemento feminino. »

Um ou outro psalmo entoado a esta ou aquella excellencia feminina não exclue o conceito geral — a mulher creadora do ninho, do lar domestico.

« O papel e as occupações sociaes do homem,

diz ainda Fouillée, exigem uma força de intelligencia, um vigor de espirito scientifico, que não são necessarios á mulher, que poderiam mesmo ser-lhe prejudiciaes na realisação de suas verdadeiras funcções. ».

Fouillée considera cada um dos sexos tendo uma natureza estavel, sempre identica a si mesma.

Basta, porém, lançar um golpe de vista sobre os achados da Biologia para comprehender que não se póde partir dos phenomenos da fecundação, grosseiramente observados, e das manifestações mentaes do actual par humano, filhas de circumstancias provisórias, para se concluir que a mulher foi feita para procrear, para conservar a especie, e não para crear, para produzir na ordem moral e intellectual.

A Biologia ahi está a ensinar que o ovo não tem um sexo predeterminado, que o ovo varia de condição conforme as circumstancias de fecundação, de temperatura, de nutrimento. Sabe-se que nos casos, em que o ovo póde desenvolver-se parthenogeneticamente, elle varia de sexo segundo é ou não fecundado. Entre outros muitos casos basta citar o das abelhas, em que o ovo não fecundado produz sempre o macho,

caso interessantissimo, que dá claramente a entender que um individuo pôde independentemente de sexuação transmittir a seus productos o sexo ou qualidades de sexo, que não possue.

Os trabalhos de Siebold, de Treat, de Born, de Yung provam que o calor e o nutrimento determinam o sexo entre os ovos. No genero *Hydatina* Maupas produzio á vontade machos ou femeas, elevando ou abaixando a temperatura.

O sexo não é, portanto, hereditario nem pre-determinado, o que importa dizer que elle não tem uma natureza estavel, permanente, immutavel, sempre a mesma, quaesquer que sejam as condições de tempo e de logar.

O presente livro visa, por meio de uma excellente « licção de cousas », arrancar a mulher da submissão, do receio e da timidez, em que até hoje tem vivido; tende a despertar-lhe o sentimento da autonomia, a consciencia do proprio valor.

A psychologia moderna demonstrou que toda ideia é um começo de acto, e, sendo assim, convem inspirar á mulher a ideia de que a sua missão não é sómente conservar a especie, mas

tambem desenvolver o genio da Humanidade.

Esta ideia, por si só, segundo a theoria das *ideias forças*, do proprio Fouillée, não terá o poder magico de arrancar a mulher da condição inferior, em que até hoje tem vivido ?

Arthur ORLANDO.

MULHERES ILLUSTRES

DO BRAZIL

CATHARINA PARAGUASSÚ

Pelos dominios da historia patria.

.
Em plena barbaria estava a mulher brasileira, em terras desconhecidas do civilizado europeu. O sentimento da honra e da virtude, precisava do elemento regenerador da religião de Christo. O instincto da maternidade carecia ser aquinhado pelas luzes de outra civilisação que o divinizasse, apesar de saber a mulher ser mãe, seja qual fôr a sua condição social, por ter como director do sentimento, o coração, sempre o coração.

N'aquelles dias, uma vastissima parte do globo achava-se no mais completo abandono de tudo que fosse culto.

Conhecido porém o nosso Brazil por Pedro Alvares Cabral, encantou-o a perspectiva do

continente que tinha ante a vista. O zimbório finamente esmaltado da quarta parte do mundo, marchetado por nuvens rozeas ao romper da aurora e por outras de côr mais afogueada ao declinar do sol, tingindo os montes debruçados no mar e as campinas de além, fez com que as riquezas das suas florestas e depois as de suas minas de ouro, de prata e de diamantes, attrahissem á nova Golconda milhares de estrangeiros de todas as nações.

Não venho, aqui entretanto, recapitular largamente os successos da Historia do Brazil, já tão conhecidos, nem muito menos lembrar as immorredouras glorias do seculo XVI.

Depois da primeira expedição, ficou o novo mundo abandonado dos portuguezes, o que motivou outros paizes quererem explorar tambem o riquissimo torrão.

Nas plagas brazileiras aportavam não só expedições enviadas pelos monarchas, como outras muitas á custa de particulares.

Em 1510, porém, naufragou na Bahia de « Todos os Santos » o portuguez Diogo Alves Corrêa, natural de Vianna, que ia em demanda das Indias.

Ora, os Tupinambás, senhores da costa, viram um dia surgir das ondas, como se fosse a cabeça de um monstro, a de um homem, joven, bello, olhar audaz, que trazia cuidadosamente



CATHARINA PARAGUASSÚ.

uma espingarda e com ella pizou em terra, surpreso ante a scena ideal que tinha á vista.

Os selvagens olhavam contentes para a presa, quando elle, ao ver voar um passaro, acto continuo, aponta a arma e fal-o cahir morto. Pela detonação, grande foi a surpresa dos nossos aborigenes que irromperam em gritos : « Caramurú, Caramurú!... que quer dizer : « homem de fogo. »

Salvo por isso de tão melindrosa situação, a sua sorte mudou, cercaram-no de considerações e accumularam-no de presentes.

Entre elle e os selvagens houve longa explicação que deu em resultado ficarem logo amigos.

Gritos de prazer repercutiram pela taba ; desde esse dia, as gesticulações amistosas substituíram as ameaças. A arma de fogo garantiu-lhes o feudo com o concurso do novo aliado. Completamente senhor da situação e da amizade dos selvagens, quiz em seguida moralisar a familia, pelo que fez edificar cabanas, levando para a sua a bella Paraguassú, filha do Caci-que, a quem tomou por esposa, não obstante ter impressionado muito as mais lindas donzelas da tribu, inclusive Moêma.

Assim, a joven india comprehendeu quanto vale uma mulher, que, esposa, se compenetrados seus mais sinceros deveres.

Diogo infundiu-lhe a idéa de Deus e tanto

que, dos destroços do navio naufragado, elle erigio uma capellinha a Nossa Senhora da Graça que ainda lá está (1).

Senhor do idioma e dos costumes do paiz, desejando ver novamente a sua terra, com ella fez-se transportar á França, onde a nossa patricia baptisou-se com o nome de Catharina, em honra da rainha mãe, Catharina de Medicis, sendo madrinha a esposa de Henrique II, e o padrinho.

A este respeito, os historiadores são unanimes em concordar com o facto aqui narrado, tal qual diz a historia, reza a tradição e poetiza a lenda.

Pouco tempo depois voltavam á patria.

Sendo já considerado brasileiro Diogo, teve a Bahia o seu primeiro governador, Thomé de Souza a, quem Caramurú, então já velho, foi

(1) O retrato que aqui damos da celebre brasileira, foi tirado da capella (hoje mosteiro da Graça, dada aos frades de S. Bento por ella e seu marido), e devido á gentileza de pessoa amiga, mas que chegando-me as mãos depois da obra impressa, é preciso sobre o mesmo uma ligeira explicação.

Diz Rocha Pitta á pagina 34, que Catharina, por mysterioso sonho, soube que a imagem ante aquella se acha ajoelhada, pedio-lhes que a fosse buscar dos destroços do naufragio de um navio que navegava para as Indias, o que fazendo ella, collocou á Virgem Santa no altar mór e acolheu os naufragos, por cuja razão, recebeu uma carta do Imperador Carlos V de Hespanha com agradecimento. Foi aproveitando a LENDA que o artista executou o quadro e cuja photographia caprichosamente feita, d'ella têm a copia as minhas choras leitoras, couza que muito me lisongeia.

prestar obediencia, garantindo-lhe a amizade dos Tupinambás, como fizeram com Francisco Pereira Coitinho.

Affirmava isso fiado em sua mulher, que, já mãe de muitos filhos, de grande influencia dispunha entre os selvagens, concorrendo até para a pacificação das tribus, quando revoltadas. Foi della que descendeu a nobre casa da Torre, que tanto brilho teve.

Paraguassú abrio, pois, á mulher brasileira, com as suas virtudes civicas e moraes, o capitolio do lar, e, a mim, que de prazer não me vae n'alma ao ver sobre a primeira folha do livro offerecido á familia do meu paiz, o nome da mulher que teve como apanagio o amor sincero do homem a quem jurou a sua fé, amando-o com verdadeira dedicação...

Ella sobreviveu a Diogo Alves Corrêa algum tempo, fallecendo na sua graciosa casa de « Villa Velha » com oitenta e seis annos, repousando as suas cinzas na legendaria capella, do somno do qual não se acorda mais.

Deixemol-a dormir, apesar de ser eu agora obrigada a sacudir a poeira do sarcophago onde jazem as preciosas reliquias da nossa illustre patricia, que já foi immortalisada pelas pujantes estrophes de Santa Rita Durão — o monge poeta, no seu poema épico — Caramurú.

A PRINCEZA ARCO VERDE

« Oh!.... linda situação para fundar-se uma cidade », exclamou Duarte Coelho, boquiaberto, extasiado, deslumbrado, ante o éden terreal que tinha á vista, depois de haver expulsado os francezes da Ilha de Itamaracá, por ordem de seu rei (1).

Passado o pasmo em que o espirito humano se immerge ante as grandes pujanças da natureza, ao olhar para esse docel de verdura, tendo por tapete a campina e como aquario o mar, Duarte Coelho com os seus homens, saltou em terra.

Admiravel paizagem feria-lhes a vista nessa terra dos Tabajares, nome dos senhores da

(1) Em 1526, D. João III de Portugal mandou Christovam Jaques com cinco caravellas para guardar a costa do Brazil contra os estrangeiros. Foi elle que fundou a feitoria da Ilha de Itamaracá, da qual os francezes se quizeram apoderar, sendo repellidos por Duarte Coelho. Foi esse monarcha que dividio o Brazil em 12 capitancias.

costa, os quaes, como se de accordo com os não menos terriveis Cahités, seus inimigos, provaram que se não disputa impunemente, á mão armada, a propriedade alheia. A natureza que os cercava deu margem para crescer mais, muito mais, essa cubiça que se origina das conquistas.

Em seguida, fundeou as suas caravellas no bello ancoradouro cujas aguas vinham doce-mente beijar a areia loura, juncada de coqueiral. Ao largo passavam as igáras... Os selvagens, iracundos, terriveis, desconfiados, travaram, como era natural, sangrenta batalha com os invasores, que os queriam á viva força desalojar dos seus dominios. N'esse combate encarniçado, rispido, feroz, morriam de parte a parte centenas de homens.

Mesmo já pela noite, quando luziam tranquillias as estrellas no céo, quando o mar, sereno como um lago convidava a poetizar a situação, a marinhagem cantava as *chacaras* e as *lôas* do seu paiz, emquanto, a espaços, uma flecha atravessava os ares, desafiando os recém-chegados.

Os donos dessa *Marim* tão ridente, com a sua corôa de rainha, formada do cocar das palmeiras, expulsando os importunos hospedes, provavam que elles tinham o dominio da vontade, e o recurso da força. Viviam tranquillios no remanso

da paz, enquanto o inimigo não os fizesse brandir o terrível tacape, entesar o arco e assestar as flechas. Nos bosques, á sombra da verdura, ao murmurio dos riachos, ao fragor da quéda das cascatas, as mulheres, como mães, occupavam-se em acariciar os filhos, tingindo-lhes as faces e o corpo, afim de preserval-os das mordeduras dos insectos malignos.

Deitada indolentemente sob um docel de verdura, na sua rede de pennas, emballava-se a filha do terrível cacique, a princeza « Arco Verde », assim chamada por ser perita atiradora de arco e flecha, rapariga formosa, com requisitos para ser amada, não obstante, aos moços da tribu, ella parecer um tanto esquiva.

Como succedeu na Bahia, e em Pernambuco, houve um portuguez que se tornou o *lingua* dos aborigenes, e que, tendo ascendencia sobre elles, lhes marcou limites até certo espaço, ameaçando de morte a quem por ventura se abalançasse a desobedecer, o que acconteceu aos mais affeitos.

Depois de longa disputa, tempos mais tarde, teve nisso influencia o simples poderio da mesma princeza, podendo afinal Duarte Coelho lançar os fundamentos da cidade, nessa galante *Marim* chamada mais tarde *Olinda*, pelas phrases que acima referi :

« Oh! linda situação para fundar-se uma cidade ».

Os portuguezes soffriam uma guerra atroz, até certo ponto justificada. Ora, naturalmente vingativos, os selvagens machinaram o plano de sitial-os pela fome, o que os teria feito perecer, se não fossem as moçoilas da tribu, uma das quaes affeioou-se a Vasco de Lucêna, instigando as suas companheiras a levar-lhes alimentos, o que faziam á noite, sendo os fructos conduzidos em cestos e a agua em cabaças.

A filha do Cacique annuo a esse acto de caridade, impulsionada pelos sentimentos naturaes do coração da mulher, embora inculta.

Victima, porém, do acaso, cae prisioneiro dos Cahités, Jeronymo de Albuquerque, irmão de D. Brites de Albuquerque, mulher de Duarte Coelho. Levaram-n'o para o acampamento onde celebravam-se os medonhos sacrificios, com lugubres ceremonias, cabendo todavia á victima certas regalias, preparando-a por essa forma para o grande festim antropophago. Não obstante estar affeita a estas scenas de canibalismo, a rapariga, vendo-o amarrado com a *Mussurana*, tendo na cabeça a *cangatarra*, sabendo o supplicio que o esperava, estremezia de horror, por ter sido designada como a *esposa do tumulo* e sentir-se, sem o querer, tocada de tal sympathia que não podia explicar, se não promet-

tendo a si, que o salvaria, custasse o que custasse.

No entretanto, aquelle estrangeiro, em cujo cerebro bailava a ambição e n'alma o festim do triumpho, em face da morte tentou mostrar-se superior, affrontando desdenhoso o destino. Que lhe importava dar o corpo aos vermes ou aos antropophagos?

Comtudo, em angustioso mysterio, commocionou-se, vendo a estranha dedicação d'aquella bonita mulher, que, a fallar, a sorrir, a gesticular, na falla, nos sorrisos, nos géstos, sem entendel-a, comtudo adivinhava no todo, as phrases musicas dos namorados...

O velho selvagem, ao saber do rapido affecto da sua filha, exasperado, censurou-a e tratou-a brutalmente. Ella, porém, de joelhos, pedio a vida do Albuquerque, offerecendo a sua, pela delle.

Era um amor digno d'aquella filha do deserto, dos impetos proprios da raça e da sua natureza tropical.

O peito de bronze do Tabajára, palpitou: elle tambem havia amado a mãe, por quem desobedeceria a lei dos seus maiores, em proveito da lei da sensibilidade...

Por suas proprias mãos, desligou o prisioneiro do fatal laço e apontou-lhe os seus domínios.

Uma nova cabana com opulento tecto de coqueiro, coube como residencia ao novo par...

Foi, por esta alliança que o *Tabajara* tornou-se amigo dos recém-chegados, para o que muito influio a princeza, nessa tactica natural de que já tinha sabido dispor uma mulher, como Paraguassú. Maria, por sua vez, conseguiu apaziguar tambem as rixas, mostrando aos seus irmãos de sangue a conveniencia de se alliaarem aos europeus.

Já então principiava o cruzamento da raça, pois que varias indias haviam-se unido aos que para cá vieram.

Deste modo, Duarte Coelho conseguiu assentar os alicerces da nova cidade, como já expliquei.

O *Tabajara*, muito satisfeito, por insinuações de sua filha, não quebrava a união com o europeu, e assistio ao seu baptismo, n'um domingo do Espirito Santo, pelo que veio a chamar-se Maria do Espirito Santo Arco Verde.

Por longos annos, o novo casal viveu cercado de consideração e na mais completa harmonia.

Jeronymo, porém, esqueceu a fé jurada, acceitando, dizem, por imposição real, como esposa, uma fidalguita, vinda do reino, cujo pae era protegido do rei, que o enviara ao Brazil.

O certo é que D. Felipe de Mello infligiu n'alma de Maria grandes dores, por ser já mãe

de oito filhos menores, habituados a respeitá-lo como a um pae dedicado e amigo.

Tempos passaram; succederam-se noites, dias e annos.

Ainda que visse suas filhas casadas com pessoas de posição, tendo uma dellas se alliado ao fidalgo genovez Felippe Cavalcanti, de quem descende a familia Cavalcanti; apezar de ver seu filho Jeronymo de Albuquerque Maranhão tornar-se um dos heroes pernambucanos, o espinho terrível do amor ultrajado teria sempre, pois nada mais dóe a uma mulher do que um juramento disfeito (1).

Entrado em annos, Jeronymo foi nomeado *capitão-mór* do Maranhão, tomando para si o nome da formosa ilha, d'onde expulsou os francezes commandados pelo Senhor de La Ravardière e lá falleceu, tendo tido filhas de D. Philippa, sua esposa, e das quaes terei de fallar um pouco mais adiante.

D. Maria Arco Verde, porém, cercada de sua familia, singela, piedosa, honesta, mal pensava que de si, se orgulhassem os seus descendentes,

(1) Rocha Pitta enganou-se dizendo que uma das filhas legitimas de Jeronymo de Albuquerque casara com Felippe Cavalcanti, o que jamais se deu. Ella e suas duas irmães fizeram-se religiosas, como ver-se-ha garantindo a veracidade do facto as « Memorias historicas de Pernambuco », por Fernandes Gouco.

que a consideram uma heroína da pátria e uma heroína do coração.

Por não haverem deixado successão as filhas do nobre portuguez, é da nossa esboçada, leitora, que descende a família Albuquerque Maranhão e Arco Verde, que se ramifica pelo Brazil inteiro.

CECILIA BARBALHO

Filha do Mestre de Campo Luiz Bezerra, Cecília Barbalho, viuva de um governador desta cidade, foi distinctissima senhora nascida aqui no Rio de Janeiro, a 8 de Novembro de 1618.

Naturalmente pelos preconceitos do sexo, aquella que fôra espoza de Agostinho Barbalho, possuia esta altivez que se infiltra em certos organismos; por isso, desde que o pesado véu de viuva cobrio-lhe a grisalha cabeça, de coração religiosa, resolveu fundar um convento, onde, com suas filhas, podesse estar abrigada das tempestades da vida, por especial graça de Deus, motivando tambem essa resolução achar abaixo da sua grey os rapazes que na colonia quizessem com as senhoritas contrahir matrimonio.

Muito devota, suggestionada pelas glorias do christianismo e ceremonias do culto, seduziam-n'a as impressões das phrazes do « Cantico dos

Canticos », as nuvens de incenso, o mysterio dos altares, o doirado do sacrario, o suave bruxolear dos cyrios, o arôma das rosas, a alvura do tabernaculo que occulta o « Espirito Santo » n'essa hostia immaculada, n'esse « Agnus Dei » salvador do mundo, esse cordeiro sem macula, que o « Homem da Dôr » depois explicou a seus discipulos a origem e a eternidade entre Elle e o homem...

O canto das préces fallava ao sentimento, o silencio das cellas, a obrigaria a reflectir sobre as miserias das cousas, perdoando para ser perdoada, como manda o Deus immortal, aquelle que appareceu a Moysés na « Sarça ardente ». Como mulher colonial, anciosa por ver realizado o intento, declarou que se faria freira, ao perguntar-se-lhe alguma cousa sobre o assumpto.

O mundo feminino bateu palmas á idéa e principiou a dar esmolos a fim de lançar-se a primeira pedra de um grande convento para o seu sexo, em razão de ser pequeno o recolhimento de Mata-Cavillos, onde apenas havia algumas recolhidas, mas não professoras.

A antiga capella foi demolida e deu-se começo ao edificio que ainda vemos disposto a atravessar seculos.

A severa matrona, ajoelhada no seu oratorio, via se erguerem as paredes de um enorme ca-

sarão sem architectura, sem forma de templo, sem esthetica, uma especie de prisão com grades, symbolisando a separação do seculo, com uma varanda ao meio, onde se davam os *oiteiros*, prohibidos depois pelo Bispo.

Rodeiava-o uma grande *cêrca* para recreio das freiras, da qual restam ainda alguns metros sómente.

N'aquella época, no Brazil, as casas de oração eram todas iguaes. Ainda não se olhava para esse grande colosso de marmores e riquezas que se chama « Candelaria », nem para aquelle mimo d'arte conhecido pela « Immaculada Conceição de Botafogo », onde o espirito se eleva, se purifica, sentindo-se pequeno para adorar o *Ser dos Seres*, á vista dessas magnas preciosidades dos marmores, dos florões, das canelluras, dos tons suaves e rendilhados das peças architectonicas, desse feixe de columnas róseas, onde as delicadas linhas da esthetica trazem á mente a estructura dos templos antigos, quando a arte nos periodos classicos dava á imaginação do artista a força no conjuncto do bello.

Participa desses predicados a architectura christã, que foi precedida da architectura romana...

N'aquelles dias, o coração afflicto não se consolava com a palavra moderna de um orador de agora, como um Monsenhor Britto ou o falle-

cido Arcebispo Esberard. Hoje, as devotas modernas, de accordo com a civilisação, vestem os seus melhores trajos para irem visitar os templos onde oram sem hypocrisia nem vaidade indo alli como a um logar de cerimonia, dando com o encanto do traje a idéa de um espirito educado, que vae pedir bafejos de graças entre as espiraes do fume do incenso, compenetrando-se de que a oração é a conta corrente entre Deus e a creatura, cujos juroes são inapreciaveis.

Os conventos tiveram a sua época, o seu fim util, caritativo, civilisador, christão, quando no auge da dissolução S. Bento surgiu d'uma gruta dos Apeninos no intuito de converter o preguiçoso em um amante da actividade e o devasso em um levita da abnegação.

Logo que se concluiu o edificio, já se contavam varias senhoras na milicia sagrada que professavam com Cecilia Barbalho e suas filhas as regras de Santa Clara, autorisadas por uma Bulla papal. Nos nossos dias, depois que separou-se a « Egreja do Estado », continuam as profissões, interrompidas d'antes.

Agora, pela reforma por que está passando o predio, este está mais alegre, por tanto menos tetrico pelo tom de tristeza que lhe dava o pó do tempo (1).

(1) Não posso privar a minha leitora de ficar ao facto de um episodio que deu-se conigo ácerca do convento da

Lá dentro, jaz a sepultura da sua aristocrática fundadora.

No pio inicio dos seus sentimentos, as illustres senhoras educam um punhado de orphãs, a quem dão o pão do ensino, sem comtudo acharem-se aptas quando de lá sahirem, a serem optimas mães de familia, por lhes faltar o convivio do seculo.

Serão felizes?

Permittam-me esta interrogação.

Ainda existem, é certo, vocações monasticas,

Ajuda. Indo com uma amiga ver as obras do mesmo, um operario que nol-as mostrava, introduzio-nos n'uma capella particular que dava accesso para as tribunas reservadas ás religiosas. Entrando, vimos um terraço circulado de canteiros, tendo no centro uma esculptura com a dacta de 1625, representando, naturalmente, um santo qualquer.

Em quanto eu colhia flôres e olhava para um grande pateo cimentado, tendo no centro dous grandes tanques cobertos, onde algumas religiosas lavavam roupa, reparei as cellas que o circulam, só têm uma unica janella. Nisto, uma revoadade pombos foi parar na beira do telhado, indo um delles, porem, passar n'uma janella, onde appareceu uma jovem religiosa vestida de branco que nos olhava com espanto, por ver no interior do convento pessoas desconhecidas á communidade.

O acaso quiz que a obscura historiadora do esboço de Cecilia Barbalho visse indiscretamente o mosteiro, sem orden superior e colhesse com as suas mãos profanas as violetas e o alecrim plantadas por mãos santificadas e respirasse por alguns minutos o ambiente perfumado pelas rosas mysticas dessas esposas do Senhor. Creio e quasi affirmo, que a minha amiga e eu fomos as unicas senhoras que por uma coincidencia gozamos de tal excepção. Com que carinho guardo eu flôres tão raras!

sobretudo quando as viscissitudes da vida ferem as mais bellas illusões; mas, se a préce do espirito humano é o balsamo que desce ao coração afflicto, todavia o fluxo e refluxo do sentimento que brilha no plenilunio das crenças, respeitando aquellas, diz em triumpho á mulher moderna : « Crede em Deus, mas vivei para a familia. »

EMIGRADAS PERNAMBUCANAS

Mathias de Albuquerque, apesar da tactica das suas « companhias de emboscada », que tanto damno fizeram aos hollandezes, desesperado por não poder libertar o Recife, lançou fogo aos vastos armazens e navios, inutilizando assim uma grande fortuna.

Se bem que esse alvitre o reduzisse á miseria, contudo salvava a consciencia de homem de rija tempera, no cumprimento do dever. Olinda já estava perdida; desaparecia dos seus calculllos, Rio Formoso, Affogados, Iguarassú, Rio Grande, Parahyba e até mesmo Porto Calvo e Villa Formosa de Serinhaem.

Achava-se vazio, por esse motivo, o lar pernambucano. A desgraça fazia victimas, em proveito da liberdade.

Á roda do illustre portuguez, aggregavam-se oito mil familias, desoladas, que, semelhantes ao povo hebreu, procurava refugio sem como

aquelle ter a esperança de uma terra da promessa.

No desespero patriótico de se não tornarem captivos, tratavam de conservar a vida internando-se pelos sertões, atravessando montes, valles, florestas e campinas, dormindo á beira das lagôas, encontrando animaes ferozes, indios bravios, exaustas, sem recursos, a alimentarem-se de fructos silvestres, soffrendo, com mil horrores, molestias que lhes sobrevinham, inclusive as febres que em taes circumstancias faziam dizimas para a morte.

As lagrimas quentes e mal enxutas que lavavam os rostos desses desgraçados, cahiam mais abundantes, ao ver aqui, afrouxar o passo o adolescente; sem meios, sentir a mãe desfallecer no seio o filhinho recém-nascido; além, entre abrólhos, abrirem-se duas, tres, quatro sepulturas, onde a tosca cruz deixada por mão amiga, testemunhava a dôr e a saudade.

Entre os emigrantes, diz Damião de Fróes, acompanhava o marido, D. Clara Camarão, que consolava aquellas martyres sem eguaes, traçando talvez na idéa o plano que a fêz a partilhar das lacunas immorredouras da nossa historia.

Além dessa, com quem faremos conhecimento no proximo capitulo, vamos encontrar uma ascendente de pessoa muito conhecida nossa.

Entre varias senhoras da primeira sociedade da colonia, salientava-se D. Catharina, filha de Pedro Camello e de sua mulher D. Maria Camello, que nessa época, — 1635 — achava-se viuva de Pedro de Albuquerque, filho de Jeronymo de Albuquerque e da virtuosa princeza Arco Verde, de quem já fallámos no segundo capitulo destes esboços (1).

Esta patriota era mãe do capitão Pedro de Albuquerque que, em 1632, com oitenta homens apenas de guarnição, commandando o reducto do Rio Formoso, resistiu ás forças contrarias, que só se apossaram do forte depois da perda total da pequena força que o defendia, e quando já o seu chefe muito ferido, escapou com um delles, a nado, não obstante o sangue que perdia.

Chegado que foi o momento azado, com duas filhas e uma sobrinha tambem viuva, eil-a em pobreza voluntaria alistando-se no numero dos expatriados.

Além dessas, ainda, outra tambem muito nobre por ser filha do instituidor dos morgados do Cabo e de Jurissáca, João Paes Velho Barreto e de sua mulher, D. Ignez Guardez.

(1). Houve ainda uma segunda emigração dirigida por Felippe Camarão e onde muito se distinguiu, não só o marido de D. Clara como tambem Francisco Rebello e Henriques Dias, que commandava como sempre o seu batalhão de pretos.

Como estas, innumeras senhoras, e ricas, gozando das regalias que a fortuna proporciona, despresaram-nas somente por amor da patria, a troco da propria existencia, tão preciosa e tão cara!...

CLARA CAMARÃO

A historia de qualquer das antigas Provincias tem a sua physionomia especial.

A de Pernambuco, nas brancas folhas do passado, quando ainda disputavam os estrangeiros um pedacinho do seu solo, em cada linha conta um episodio notavel, sendo poucos os lugares que não fossem baptisados com o sangue dos heróes.

Não fallemos mais em Duarte Coelho Pereira, nem na sanguinolenta guerra entre os Cahetés, nem na triumphante alliança dos Tabajáras, nem da expulsão dos francezes da Ilha de Itamaracá, nem de D. Luiz das Roxas ao vir substituir a Mathias de Albuquerque, o qual, deixando a Bagnuolo nas Alagôas com as suas guerrilhas, marcou como limite do dominio hespanhol o rio S. Francisco.

Não lembremos uma por uma as brilhantes paginas da historia pernambucana, nem fallemos

das noites suaves de luar que se emmolduram no quadro poetico dos rios, cruzando as verdes campinas, nem dos edificios da actualidade, nem da grande civilisação de agora... Cabe sómente alliar o simples nome de uma mulher á redempção da aquatica cidade e de quem se guarda o nome de Clara, esposa do indio Poty, que se tornou conhecido por Antonio Felipe Camarão.

Diz a tradição, que tão amiga era delle que o não deixava nem mesmo na guerra, apesar de não combater a seu lado, por lhe ser isso prohibido pelos costumes da sua tribu.

Tinha todas as virtudes da mulher honesta e todos os vicios dos seus antepassados.

Vimol-a entre as emigradas, sujeitando-se áquella terrivel situação.

Habituada como estava a dormir ao relento, a manejar o arco, a ver sacrificar o inimigo, não obstante já estar civilisada, comtudo olhava rancorosa para o hollandez, que fêl-a passar tão ruins momentos, através de climas inhospitos.

Chegára então ao Recife, com poderoso contingente, o principe João Mauricio de Nassau (1).

Depois de ardua tarefa, os hollandezes incen-

(1) O principe fez prosperar muito Pernambuco, já levantando palheiro, já pontes sobre os rios, transformando o actual Campo de S. Antonio n'um magnifico pomar.

diaram Olinda e voltaram para Porto Calvo, onde o exercito esmorecia.

Clara então achou que devia romper com os preconceitos concedidos á mulher, e, de accordo com meia duzia de destemidas senhoras, insufladas de patriotismo, montam a cavallo e eil-as á frente dos pelotões.

O marido olhou-a surpreso; os capitães, esperançados; os soldados, com mais animo.

Junto ao seu Poty, ella dirigia-lhe palavras animadoras, quando, para vergonha, a capitulação estava prestes a consumir-se...

« Pusilanimos, gritou-lhes : segui-me e a victoria será nossa. »

Ancia enorme lia-se no semblante de Felipe Camarão, ao passo que ella, altaneira como o anjo do combate, brandia a espada com furor, ensopava-a no sangue inimigo.

.....
Tanto bastou para que os nossos patricios se animassem.

O leão ergueu a comra ; terrivel rugido acordou os ares... os valentes manejavam briosos e intemeratos as espadas... o combate encarniçado de homem contra homem, ultrapassava as raias da bravura, emquanto com o olhar incendiado de santo ardor, cabellos soltos aos ventos, incitava-os : « Avante!... avante!... bradava ella. »

Venceram...

Os inimigos debandaram, e Henrique Dias apesar de ter uma mão cortada, com a esquerda fazia prodígios.

No furor da conquista, elle não sentia dôres, emquanto Poty seguia a sua mulher, que, ao invocar o Deus dos Christãos, só se lembrava dos filhos, emquanto cahiam corpos, confundia-se o sangue, aterrorisavam-se os gestos e o hollandez a recuar, a recuar, ante aquelles vultos tão debeis, mas tão estoicos, que, n'aquella melindrosa situação, tornavam-se outras tantas Joannas d'Arcs brazileiras, impulsionadas pela chamma de amor da patria.

Após o triumpho, já que victoriosos estavam os seus irmãos, Clara como creatura sensivel, sem a nevrose que a impillira, recolheu-se ao silencio. Estava de novo alli a mulher, que vive pelo coração e que, sem estar nesse elemento, entre as rudezas da guerra, acha-se deslocada da sua posição na humanidade.

Por este acto de bravura, o rei de Portugal concedeu-lhe o titulo de *Dom* e a seu marido o habito de Christo.

Voltou para a tranquillidade do lar onde, em silencio sobre o assumpto, abriu os braços á familia que necessitava dos seus carinhos e dos seus conselhos.

Em 1618, depois da celebre batalha dos Guararapes, em que os heróes de Pernambuco fin-

caram a flammula da sua liberdade, da sua independencia, feliz, por ter completado a obra que tão caro lhe custou, morreu o cavalheiro Antonio Felippe Camarão, sobrevivendo-lhe Clara a quem os historiadores chamam — « A Bradi-narte brasileira. »

HEROINAS DE TIJUCUPAPO

Á D. Maria Fragoso.

O principe de Nassau deu a Pernambuco um brazão d'armas, representado n'uma formosa donzella com bonita canna de assucar na mão e um espelho na outra.

Original, sem duvida, tal differença, lembrada pelo grande homem que deu bastante impulso ao torrão que pensava aggremiar aos dominios da Hollanda, esse paiz onde os seus filhos lutam tanto para preserval-o das aguas, obrigando a recuar humildemente o oceano, a um simples acêno do homem...

Elle fez bem, concordemos, em erguer assim a mulher pernambucana, cujo patriotismo em todas as camadas sociaes, tanto honra a historia brasileira, hoje provam, as que adornam esta galeria esculpida singelamente por mim.

Já o invasor havia soffrido diversas derrotas,

já experimentára o valor dos leões do Norte, que, intrepidos, se um forte desmoronava-se aqui, outro erguiam acolá.

Ainda assim, os inimigos avançavam intemerosos, até que um dia aportou em « Maria Farinha » pequena flotilha guarnecida por 600 homens apenas, simulando ligeiro desembarque, afim de illudir a vigilancia dos nativos que, sempre de alcatéa, seguiam-lhe o menor movimento, descobrindo afinal ser outro o seu intuito, em razão de se ter alta noite feito de véla para Tijucupapo.

Por ser pequena a povoação, julgavam que, pilhados de surpresa, se rendessem pusilanimamente os seus habitantes. Avisados estes, porém, como preparativos, fizeram um fortissimo reduto de páu a pique, esperando por essa forma os invasores, tendo á sua frente o seu sargento-mór de milicia Agostinho Nunes.

Achava-se com elles um homem chamado Matheus Fernandes, moço ainda, o qual, a commandar mais 30 companheiros, poz-se de emboscada. Ao avistarem os inimigos, uma bala prostou mortalmente ferido o major holandez, bastando isso para que de parte a parte se tornasse o combate terrivel, medonho, digno de nota. Os recém-vindos provaram mais uma vez a sua grande coragem, proseguindo na luta.

Não obstante isso, o reducto resistiu. Então, entre as balas e o fumo, passou-se uma scena gigantesca, raras nos annaes da humanidade. Havia entre os combatentes uma legião de mulheres invictas, olhar brilhante, gesto duro, corajosas, destemidas, sublimes, a distribuirem polvora e a manejarem as armas.

Muito embora os projectis passassem-lhes sobre as cabeças, o grito das que cahiam não produziam ataques hystericos, fazendo-as mudar de posto,

Uma dellas, fervorosa christã, olhar ficto no céu e na dextra a imagem do Christo, com a esquerda, a sua espada parecia um brinco, a manejal-a como consumado esgrimista, ao passo que alentava o grupo de senhoras que alli estava, feições calmas, alma transfigurada n'um sorriso de vencedora convicta, encorajando as que enfraqueciam, tudo isso n'um estoicismo de fazer pasmar o proprio hollandez.

A magestade do todo, a belleza do dia, o calor do sol, entre as benções da patria, as hosannas do futuro, o denodo momentaneo, as filhas da « Marim » antiga, as descendentes dos Tabajaras, obrigaram a recuar o inimigo por tres vezes.

Estes, no ardor da peleja, reuñem-se em massa e aggridem corpo a corpo.

Já não era batalha ; era um duello de morte, terrível, athletico, odio acceso pela disputa da terra, pela defesa do feudo...

Os machados substituíam as espingardas, cruzava-se o ferro, estremecia o reducto, cahiam as estacas, confundiam-se o sangue, as respirações, os brados de agonia, ao passo que aquellas mulheres sem mais ambição do que conservou a posse do lugar que as vio nascer, dignas de haverem figurado nos Circos de Roma ou nos Jogos Olympicos da Grecia, firmes nos seus postos, sem estremecimentos de gloria ou de vaidade, ferem e são feridas, condemnam e são condemnadas!...

Nas vastas regiões da morte, emquanto o hollandez foge espovorado, Pernambuco reune aos seus floridos festões o nome de varias heroínas, as quaes, cousa estranha e gigantesca; — no Brazil, pelos dias coloniaes, surgiram no pó das batalhas, para as batalhas, sem esses sonhos de orgulho e de soberba que dão cansaço e afinal fazem rastejar tudo pelo plano da vulgaridade...

Não tinham por certo reinos a construir, nem palacios a derrubar, nem politica que dirigir, nem congressos femininos a crear...

O Brazil, que diz a tradição ter tido a cohorte

guerreira das Amazonas, podia, pela lei de atavismo fazer resurgir a raça...

.

E o sol, allumiando o quadro, espraizou sobre a frente das nossas patricias um feixe de luz e de gloria!...

D. MARIA DE SOUZA

Diz um grande pensador : « No seio das mães repousa o espirito das nações! »

Havia cinco annos que o estrangeiro se aposára do sólo pernambucano, chegando a sua audacia a ponto de assaltar, em 1635, a Villa Formosa de Serinhaem, onde, após sete horas de combate medonho, os nossos compatriotas, victoriosos destroçavam os hollandazes.

Nessa época, existia ali uma respeitavel matrona chamada D. Maria de Souza, que entre nós tornou-se digna imitadora da mãe dos Gracchos ou das mães de Sparta. Sinceramente patriota, ella achava necessario augmentar o contingente do exercito com um, dous ou tres homens, resultando disso a honra do Brazil, embora com o sacrificio dos heróes e da sua familia. Nessas condições, a nobre senhora elevou-se ao superlativo de qualquer bom elogio; pelo

desmesurado amor que tinha a Pernambuco, que sómente com o sangue dos seus filhos lavando o campo da luta, provava que a paz só se faria quando não restasse mais um homem patriota ou aquelle de que a mesma carecesse como voluntario.

Imaginava ella o tinir das armas, o chocar do bellico contingente; o ferro dos mosquetes, das espingardas, a detonação estridente da artilharia, as nuvens de fumo que abafavam as respirações, os gemidos dos feridos, os ais dos que tombavam, o esfacellamento das bandeiras, a confusão dos corpos pisados pelas patas dos animaes, o sangue coagulado cheirando a carniça, enquanto o homem para o homem, ira accesa, ódio no olhar, chammejando vingança, o desalinho dos trajos, e as imprecações de momento, vomitando improperios, dava em resultado vencer ou morrer. Nessas condições, desperta-se obscuro e adormece-se heróe!...

Já na batalha ácima perdera dous filhos e um genro; porém era tal o seu amor ao torrão em que nascera, que elle supplantara o materno amor.

.

Um homem forma homens pela fraternidade, amparando o seu paiz; é disso que se origina o civismo. A mulher participa do todo, como o

agente da moral. É della que vive a alma da sociedade, portanto, na guerra, como na familia e ainda na propria humanidade, torna-se a sacerdotisa divina que entôa as hosannas á virtude.

Maria de Souza comprehendeu o alcance do quanto deve valer o patriotismo.

Ainda que dolorosamente impressionada, chamou os dous filhos que lhe restavam — Gil de 14 annos e o Luiz de 12 e disse-lhes :

« Acabo infelizmente de saber que vossô irmão Estevam cahiu combatendo em proveito do nosso Pernambuco tão vilmente devastado pelos hollandezes. Se não quereis desmentir o brio e o valor de pernambucanos de quem descendeis, se quereis ser dignos de vossa mãe tambem pernambucana, e portanto offendida pelo inimigo commum, segui o nobre exemplo de vossos irmãos e procuraes alcançar os louros da victoria ou a corôa do martyrio » (1).

Os rapazinhos ajoelharam, beijaram-lhe a dextra e prometteram partir, o que se verificou mandando-os a Mathias de Albuquerque (2).

(1) Esse episodio deu assumpto a um bello quadro historico que se achava na quinta de S. Christavão, no Paço Imperial.

2. Mathias de Albuquerque era portuguez e homem affeito ás campanhas onde pelejára por muitos annos. Foi elle quem reclamou a entrega de Calabar, que foi enforcado e a quem hoje uns applaudem e outros condemnam.

Semelhante ás matronas de Sparta e a D. Felippa de Vilhena, em Portugal, ella provou que o amor da patria e os deveres civicos estendem-se á comprehensão da mulher que se torna heroína, sacrificando o coração.

D. MARIA CEZAR

Á Maria Clara da Cunha Santos.

« O amor é mais forte do que a morte, » disse Salomão, nas suas bellas sentenças. Isto vem-me insensivelmente ao cerebro, ao traçar o nome da mulher que, no seu testamento moral e civico, deixou á posteridade o mais 'terno exemplo do amor conjugal.

Abramos, minha condescendente leitora, a historia patria, justamente no anno de 1645 e lancemos rapidamente o olhar sobre varias occurrencias que motivaram a insurreição dos patriotas pernambucanos, cujo intuito era libertar o solo patrio do jugo hollandez.

O vulcão das ambições humanas fazia tremer as opiniões e subjugava os melhores caracteres.

O mêdo desanimava a uns, dava coragem a outros, afim de poderem agir, vibrando o golpe

mortal no invasor, cujo predomínio durava havia já 24 longos annos.

No entretanto, o Brazil estivera egualmente sob o dominio hespanhol, de 1580 á 1640.

Já se haviam dado varias batalhas, quando o principe de Nassau retirou-se para a Europa, o que deu causa á decadencia da Hollanda, entre nós.

João Fernandes Vieira, de quem prometti fallar, agora rico pelo seu genio activo e trabalhador, por certa fraqueza incomprehensivel, alliara-se ao hollandez e por isso deixou de apparecer no theatro da guerra; mas, desejando casar com D. Maria Cezar, sobre quem fallam diversos historiadores, esta exigio a sua volta ao exercito pernambucano, a quem faltava um chefe de prestigio, sem o que deixaria de dar-lhe a mão de esposa.

Nessas contingencias, naturalmente rendido, cedeu á imposição, visto ser o « amor mais forte do que a morte », como affirmava o sabio da Biblia.

Effectuado o consorcio e rôtas as conveniencias, João Fernandes Vieira tornou-se novamente o homem preciso aos patriotas, portanto, como chefe, grande era a responsabilidade moral que lhe cabia.

A vingança dos contrarios principiou a actuar sobre o marido da nobre pernambucana,

desde que Vieira rejeitou delles os celebres quarenta mil cruzados.

Tendo sabido que procurávam não somente envenal-a como tambem vingarem-se na joven senhora, elle affrontou energicamente o infortunio.

Só o alvitre da fuga era o meio mais facil de deixal-o rehabilitar-se para com a consciencia da patria. Só elle podia restaurar o seu torrão natal, cooperando ella, por sua parte, para o exito da empreza.

Sem trepidar, embora com a alma em prantos, a gentil desposada fez-se forte, apparentou o que não sentia. Jurára que, por seu intermedio, Pernambuco seria livre e... partio. As mattas virgens serviram-lhe de abrigo; elle ficara, promettendo vencer e ser de novo um athleta. Emquanto ella internava-se por desenhcidas brenhas, Vieira com Berenguer de Andrade, Antonio Bezerra e outros amigos patriotas, pôeram se á frente do exercito...

No dia 3 de Agosto dera-se a grande batalha de Tabócas; depois elle com os seus amigos atacaram e yenceram a da Casa Forte, onde os inimigos haviam estabelecido o seu quartel general. Lá estavam presas, no engenho de D. Anna Paes, diversas senhoras, como já foi dito.

Olinda, Nazareth, Porto Calvo e forte Mau-

ricio, sobre o rio S. Francisco, já eram nossos de novo.

Na Parahyba só tinha o inimigo o forte do Cabedello.

N'um mundo de afflicções, n'um oceano de agonias, a joven senhora, na certeza de que seu marido só descansaria triumphando, com absoluta falta de noticias, de longe, com o olhar do espirito, seguio-o através da distancia, sem ter, como é de presumir, carinhos nem ternuras, pensando unicamente na restauração da patria, n'uma esperança convertida em saudade, esperava... E, á sombra das grandes arvores, ao perfume das baunilhas, só cuidava no dia em que deveria ser reintegrada ao domicilio conjugal.

Vieira, entretanto, na scentelha do fogo das batalhas, era um homem contra dez homens, era um heróe devotado para cem, duzentos, trezentos inimigos, que deixavam no campo, armas, munições, bandeiras esfarrapadas, mortos e feridos.

Convencido da sua força, ao tentarem elles a posse de Olinda, foram rechassados vivamente.

E que ao lembrar-se do que promettera a Maria, ainda errante no ermo das lindas noites tépidas do Norte, vaidosa da bravura e das sympathias de que gozava seu marido, aguar-

dava que triumphasse novamente como heróe, recompensando-a assim.

A campanha, como sempre, continuava encarregada e sem treguas. Os hollandezes em numero superior aos brasileiros, com 7,400 homens e 6 peças de artilharia, commandadas por Segismundo, que, intemerato, confiando nas suas forças, pretendia naturalmente vencer, avançavam...

O anjo da victoria estava porém do lado dos brasileiros; o acaso parecia protèger os nossos batalhões. Repellidos, energicamente batidos, grande foi o numero de mortos e feridos; até o proprio estandarte do general hollandez ficou como refem.

Depois disso foi que teve lugar, em 1649, a grande batalha dos montes dos Guararapes, dando em resultado ficar, humilhado e rendido, o invasor, que regressou aos seus lares, abandonando para sempre as terras brasileiras.

Voltando para os dous esposos os dias serenos e para o coração os raios do sol da felicidade, longos annos viveram assim, sendo elle coberto de honras e de glorias. O Papa Innocencio X agraciou-o com o titulo de « Restaurador da Igreja na America. »

Sobrevivendo-lhe, Maria tinha o consolo de que por amal-o muito, o chamado « Castrioto

Luzitano », soube morrer coberto de amizade e de respeito.

Ainda hoje conhecemos pessoas descendentes de sua familia.

Sua mãe, D. Simôa de Albuquerque, era neta de outra D. Simôa de Albuquerque casada com Jorge Teixeira e filha de Jeronymo de Albuquerque, governador do Maranhão, e da formosa e illustre princeza indiana, Maria do Espirito Santo Arco Verde.

RELIGIOSAS BRAZILEIRAS

Logo que descobrio-se o Brazil, o christianismo arvorou a sua bandeira na terra da Santa Cruz, celebrando, como é sabido, a primeira missa entre nós, Frei Antonio de Coimbra.

Depois de haverem os portuguezes tomado conta de Olinda, em nome do seu monarcha, em acção de graças erigio Duarte Coelho a igreja de S. Cosme e S. Damião, ao passo que assentava os alicerces da villa de Iguarassú.

Já depois da fundação de Olinda, no logar onde Vasco de Lucêna traçára os limites aos selvagens, como já narrei, edificou-se a igreja do Salvador, hoje em dia, a Sé do Bispado.

Até n'uma matta virgem construiu-se uma capella dedicada a Nossa Senhora da Luz, por ter-se ahi encontrado uma imagem da virgem rodeada de tal claridade, que parecia abraza-la, sem entretanto conhecer-se a causa. Os Jesuitas, os franciscanos, os simples sacerdotes até,

arrostando perigos, mas tendo a cruz como emblema, baptisavam os cathecumenos cheios de amor e de fé.

A igreja Olindense estremeceu de jubilo : a mulher brasileira tomou parte no banquete do Cordeiro sem mácula, do Deus supremo, do Rei dos Reis.

Havia nesse tempo em Pernambuco uma senhora chamada Maria Rosa, dama de recursos pecunarios, e fervente religiosa, que possuindo grande quantidade de terras nellas fez construir essa singela capellinha de que depois fez doação aos frades Menores, os quaes ensinavam á mocidade preceitos de religião, historia e musica.

Sentindo vocação para o claustro, a suas expensas fundou o convento da Conceição, onde, entre outras senhoras, entraram as tres filhas do consorcio do nosso conhecido Jeronymo de Albuquerque, D. Luiza, D. Cosma e D. Isabel, filhas de D. Felippa de Mello, com quem já travámos conhecimento.

Até mesmo em Portugal, existio no convento de S. Bento em Vianna do Castello, uma pernambucana, cuja vida monastica edificou as suas companheiras.

Depois de haver lá no reino perdido o seu marido, tendo fortuna e sómente uma filha, esta, imitando-a, entrou com sua mãe na casa

das servas de Jesus, onde professou, reduzindo-se á pobreza voluntaria. Sobre ella, expressa-se o licenciado Jorge Cardoso n'uma obra publicada em Lisboa pelo anno de 1652, á pagina 538 :

« Depois de religiosa, era tal a sua caridade, que, nada mais tendo para dar, a illustre brasileira repartia a sua ração com os pobres, guardando a menor porção para si. »

Aqui no Brazil os conventos para ambos os sexos multiplicaram-se. Então, sob as frias abobadas e nos longos corredores solitarios, vagavam as freiras meditando na fragilidade da vida e nos horrores do peccado, procurando pela meditação dos livros santos, pelo jejum e pelos cilícios, encontrar a porta aberta da salvação da alma, assim purificada...

Entre outras senhoras, achava-se a nobre donzella D. Ignez de Albuquerque, filha de Antonio de Sá e de D. Catharina de Albuquerque, que professou na ordem carmelitana de Olinda, fazendo vida exemplarissima, pelo que abandonou os seus bens, posição e vaidade para dedicar-se somente á oração.

Ao fallecer, deixou fama de santidade.

Quem sabe se, talvez um dia, não se veja ainda em nossos altares o seu vulto canonisado, assim como d'outras senhoras, com o seu nome

no kalendarío christão, por se haver reconhecido, enfim, o seu muito merecimento?

Então, os sinos tocarão hosannas e a mulher patricia se convencerá que o culto dos santos é devido unicamente ás virtudes que o ser humano exerce sobre a terra, elevando a alma á altura do Bem e á comprehensão total do Ser divino que a formou.

JOANNA DE GUSMAO

Depois de Martim Affonso ter aprisionado, na altura do Cabo de Santo Agostinho, tres navios francezes, entrando com elles em Pernambuco, ao deixal-os lá, justamente quando Duarte Coelho fundava a capitania, veio para a bahia de Santos, onde depois Braz Cubas edificou, em 1643 (1), a Santa Casa da Misericordia e junto a esta o hospicio com o nome de *Santos* pelo qual é hoje a cidade conhecida.

Nessa época, ella não era mais do que uma pequena povoação, elevada á categoria de *villa*, agora porém o nucleo de grande emporio commercial, com o apito da locomotiva despertando o silencio das selvas e o echo do bellissimo brado do trabalho.

Foi ahi, nessa grande patria, onde vio a luz do dia o patriarcha da Independencia brasileira (2) José Bonifacio, que teve o berço Joanna de Gusmão, filha do Cirurgião-mór do presidio

da mesma villa, Francisco Lourenço e de sua mulher D. Maria Alvares. Educada christamente, Joanna foi uma criança modêlo, o que manifestou depois no seu papel de esposa de um rico fazendeiro. Apesar de muito nova, teve todavia o desgosto de conservar-se esteril.

N'aquelles dias, a mulher colonial era uma especie de reclusa; pouco sahia á rua. Emquanto á religião, algumas pareciam até fanaticas.

Joanna de Gusmão, que depois foi cognominada a — « Mulher Santa », estava bem longe de ser como seus irmãos, illustrada e culta.

Como mulher sensata e educada, tinha consciencia da sua superioridade moral, desconhecendo, porém, as grandes alegrias que o estudo proporciona.

Sobrevindo-lhe uma grave molestia, de combinação com seu marido, resolveu ir a umas aguas « miraculosas » que ficavam bem distante.

Foram.

Para chegarem até lá, tiveram de andar por invios caminhos, atravessarem rios, mattas e perigos, até chegarem á conhecida « Fonte do Senhor », remanso das aguas do rio Iguape, onde em tempos lavára-se uma imagem vinda de Portugal, que fôra encontrada a boiar no mar, devido a qualquer naufragio ou encontro com navios infieis, preferindo os christãos des-

fazerem-se della, a vel-a irreverenciada.

Como diziam que essas aguas produziam curas maravilhosas, os dous esposos, cheios de fé, para lá se dirigiram.

Completamente curada, diante da mesma imagem ambos fizeram voto de qualquer delles que morresse, o sobrevivente não contrahiria segundas nupcias, mas sim peregrinaria pelo mundo a pedir esmolos. Victimado pela variola, morreu o companheiro dos seus dias, ficando ella só. Na resolução de cumprir o voto, pôl-o em practica.

Saudosa, triste, alma dilacerada, após o grande desespero da dor, eil-a prompta para a romaria. Collocando sobre a carne duro cilicio, vestio um habito preto, poz ao pescoço a imagem do Menino Jesus, e de cajado em punho, qual forasteira, pela estrada áfóra lá se poz em marcha demandando ignótos logares, sem rumo, sem guia, tendo nos labios a préce christã e dentro d'alma a alegria da Fé, com a doçura da phrase, no cumprimento do seu dever recebia o óbulo para os necessitados. Em seguida, descansava á sombra das arvores, nutria-se de fructas silvestres até que chegasse á primeira povoação.

Com a pureza do pensamento, estendia a dextra, não se utilisando do que recebia, mas sim repartindo por outros tão pobres como ella.

Em seguida, fictando o ceu, eil-a atravessando mattas, encontrando-se com anthropophagos, com animaes ferozes, reptis damninhos, dormindo ao relento, atravessando rios, charcos, até alcançar qualquer povoado. E assim chegou a Santa Catharina, onde na freguezia da Lagôa fez a sua habitação predilecta, assim como o seu ponto de partida para as futuras perigrinações.

Todo o seu desejo era fundar uma capella nesse logar. Mudando porém de tenção, fêl-a no « Desterro », collocando-a sob a protecção do « Menino Deus », para o que alcançou licença do Bispo, em 13 de Maio de 1750.

Não obstante achar quem a auxiliasse, sobrevieram-lhe, porém, novos impecilhos, de sorte que só dous annos mais tarde é que pôde levar a effeito o começo das obras.

N'uma ambição bem entendida, desejou annexar á capella, um hospital, cujo terreno lhe foi dado pelo rico proprietario André Vieira da Rosa, em 19 de Março de 1792, ao todo dez braças em quadra, com a frente até o mar, para o adrio, e serventia publica. Requerendo á ordem terceira a restituição do dinheiro, principiaram então as obras por sua conta, isso com grande regosijo da sua parte.

Doou então á ordem frasciscana o templo e mais uma casa dependente do mesmo, com a

condição de lhe darem sepultura no mesmo edificio.

Não contente com isso, desde que se instituiu em 1765 a irmandade do Senhor dos Passos, entrou para o seu gremio, conseguindo erigir na mesma capella do menino Deus, outra capellinha ao Senhor dos Passos.

Trajando o habito da ordem terceira da penitencia, á sua sombra se agrupam outras senhoras, entre as quaes Jacintha Clara, que lhe succedeu. A sua actividade não conhecia limites.

Passando os olhos pela infancia, esta mereceu-lhe especial devotamento. Já no ultimo quartel da vida, os pequeninos foram o seu consolo. De peregrina, passou a professora, bondosa, cordata, justiceira e meiga, pelo que conseguiu ser idolatrada.

Por fim, quando já as cans cobriam-lhe totalmente a cabeça, sem os arroubos da illusão, nem as alegrias da mocidade, a encarar de longe o mundo revolto, cheio de furacões e de ondas luctuosas, como o estrugio das grandes tempestades, na placidez do seu pequeno meio, convivendo com pessoas virtuosas, deixava o coração internar-se pelo dominio da saudade, ao ver a forma por que acabaram alguns membros de sua familia.

Que cruel decepção, que dor intensissima, teve

pela noticia de que seus irmãos, Alexandre, favorito de D. João V, cahira das boas graças de D. José I, rei de Portugal, tendo visto a seus filhos devorados pelo incendio que os reduzia á expressão da maxima penuria, expira na miseria (1). Bartholomeu Lourenço, — o voador, assim chamado pela invenção do primeiro balão aerostatico, depois de grande posição, fallece n'um hospital em Tolêdo, feito o seu enterro á custo do cléro!... (2)

Cheia de desgostos, que a sua alma não corrompida da sanie mundana conhecia de sobra, muito velhinha, com 92 annos, no leito d'onde não se deveria mais erguer.

Dia de grande tristeza, no « Desterro », aquelle em que se propalou a idéa do proximo desenlace da sua vida.

O Viatico foi acompanhado por grande massa de povo que, respeitoso, parou á porta do seu pobre quartinho. Deitada e muito pallida, ella tinha a tranquillidade dos justos.

Depois da cerimonia, o olhar fixo n'um ponto determinado, parecia acceder a um appello mysterioso. Era Deus, que abrindo-lhe as portas do

(1) Foi ella quem fundou a colonia de S. Vicente em uma ilha e a mais 9 leguas no interior, a colonia de Piratininga, origem da actual cidade S. Paulo. (1532.)

(2) A idéa do douto brasileiro foi depois attribuida aos irmãos Montgolfier, o que é inexacto; a gloria é do nosso patricio.

paraiso, deixara que contemplasse as bellezas desse éden, desta cidade santa, onde as almas dos justos se transformam em pombas e vão meigamente oscular as flôres odoríferas que adornam o altar de quem os mandou á terra, purificar-se por intermedio das dores.

FRANCISCA SANDI

O exemplo do martyr do Golgotha espalhando-se pelo orbe christão, encontrou um enorme reducto no coração da mulher.

O Brazil continuava a sortir Portugal do ouro o mais fino e das pedras as mais raras, para ornamento das alfaias reaes.

Bem perto, no Rio da Prata, fundava-se a colonia do Sacramento, que foi depois tomada pelo governador de Buenos Ayres e restituída áquelle reino. Mas ao passo que o povo, contente cuidava do commercio e da agricultura, tendo como governador D. Antonio Luiz de Souza Telles de Menezes, marquez de Minas, que pela sua bondade tornou-se querido, deu-se uma epidemia horrorosa, tétrica.

Com a pratica, elle comprehendeu que a primeira missão dos altos poderes é tornar-se benemerito, grangenciando as benções dos pequenos que sagram-n'o em Deus, ou attestam-lhe o titulo

de demonio, com o qual passará ás gerações...

Por esses dias desenvolveu-se na terra de Paraguassú uma enorme peste conhecida pelo nome de *bicha* ou *mal negro*, causa de terrivel horror, a ponto de ficar deserta a cidade.

Habitava uma das melhores casas d'ahi, formosissima viuva bahiana e nobre, chamada Francisca Sandi, a qual reunia aos raros predi-cados com que a natureza brindou-a a piedade pelos que padecem.

Nessas circumstancias, a Caridade, irmã ge-mea do sentimento, murmurava-lhe um hymno de sympathia, dando-lhe a mão no corajoso afan de ser util ao proximo.

Derramando um olhar compassivo pelos ag-onisantes, poraquellesque poderiam ainda salvar-se, abriu a sua casa aos desgraçados, sendo delles a mais sollicita enfermeira, despresando preconceitos, posição e riqueza.

Francisca Sandi mostrou-se estoica.

Eram poucos os hospitaes.

À casa da emerita senhora, aberta de dia e de noite, chegavam doentes ás dezenas, ás cen-tenas, até.

Offuscava-a uma luz celeste na comprehensão do preceito divino que diz : « Se queres ser perfeito, anda, vende o que é teu, dá-o aos pobres e segue-me. »

N'uma especie de loucura sublime, assistia a

este enfermo tomar tal medicamento e consolava aquelle que desesperava de dores, e cerrava os olhos a quem dormia para despertar na Chanaan das esperanças, na patria de Deus.

A Camara e o clero, resolveram, por intermedio de uma procissão de penitencia, aplacar a ira celeste. A primeira effectuou-se em Maio, com o firme proposito de se a renovar annualmente.

A agreste situação em que se via tornou-a sublime de abnegação, nesse desprendimento que suggere o *Bem* na consolação dos afflictos, desses romeiros que atravessariam dolorosamente a existencia, se não tivessem um balsamo no coração dado por alheia dextra...

Passada a epidemia, o rei de Portugal, D. Pedro II, escreveu de seu proprio punho á benemerita senhora agradecendo-lhe o que ella fizera, tendo elle ainda do povo, dos ricos, e dos nobres, as mais reverentes provas de gratidão.

Felizmente foi recompensada.

D. ROSA DE SIQUEIRA

Foi por sobre a vastidão intermina do oceano, na corrente das aguas de um anil muito lindo, n'uma deliciosa frescura de brisas, emquanto as nuvens como flócos de neve brincavam no ar.

Sobre as ondas deslizavam docemente as náos *S. Elias* e *Nossa Senhora do Carmo*, que se guiam derrota demandando terras de Lisboa.

Carregadas de assucar, tabaco e couro, armada com 28 peças, entre os passageiros contavam-se mulheres, crianças e uns tantos judeus remettidos ao Santo Officio, os quaes, no fundo do porão, aguardavam tristemente a sua cruel sorte.

Tomaram passagem entre os viajantes de primeira classe uma senhora casada, por nome Roza, cujo marido era o desembargador Antonio da Cunha Souto Maior e filha de paes heral-dicos, Francisco Luiz Castello Branco e D. Isabel da Costa Siqueira.

A distincta dama, nascida em 1690, apesar

da desproporção de idade que tinha com seu marido, cavalheiro professo da ordem de Christo, este levou-a para a Bahia, onde em dezembro de 1713 tomaram logar na náu já mencionada.

Paulista por nascimento, a sua cidade n'aquelles tempos longe estava do cultivo de agora.

Em 1712 foi que a villa de S. Paulo elevou-se aos fóros de cidade, sendo governador da capitania Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho.

De então para cá é que data o seu grande desenvolvimento, pois no que diz respeito á civilisação das suas selvas, a doçura do nome de Anchieta, o amigo dos Indios, em Piratininga, deixou o perfume das suas virtudes e tambem o dos seus versos...

Nesse tempo os navios piratas cruzavam o oceano.

Foi pela manhã.

A bordo reinava completa paz, quando subito um navio pintado de preto mandou aos dous navios christãos uma bala para saudal-os.

Nessa noite ella com as suas companheiras occupavam-se n'um proveitoso *serão*, para que no dia seguinte não faltassem cartuxames.

Ao frouxo clarão da aurora, já de pé e vestida de homem, verdadeira heroína de occasião, espada em punho e a *fé* n'alma, reprehendia os

judeus que seguiam por ordem régia para responder ao Santo Officio.

A chamar pelo nome de Jesus, rechassou por cinco vezes o inimigo, auxiliando os marinheiros a recomporem os *cabos*, chegando-lhe ainda tempo para cuidar dos feridos.

Havendo arrebetado uma granada argelina junto da vela grande, incendiando-a, sendo mister os combatentes tirarem as suas roupas para abafar o fogo, ella deu-lhes o exemplo, em feris o seu decóro.

Gritos de feroz prazer partiram do navio contrario, por julgarem poder então abordal-o, sendo porém de novo repellidos...

Mais uma noite de angustia fez deþuchar um triste sorriso de esperança, ao fazerem sob a sua direcção outra véla...

Sobre as aguas, mais uma manhã rompia.

O socego das ondas amortalhavam centenas de cadaveres no fundo dos abysmos... O mar era uma vasta necropole, sem uma unica cruz!...

Ao chegar ao tombadilho, ella vio ao longe, muito ao longe, uma vela que partia...

Vencera a sua fé... triumphava a « Cruz de Christo »...

Então, de joelhos, tendo como orchestra das açções de graças, o murmurio do mar, as náus partiram.

Chegando a 22 de Março ás aguas do Tejo,

e aquella senhora distinctissima e de coragem sem par foi alvo de mil felicitações, ás quaes fugia, esquivando-se, como se as não merecesse.

A columna espessa de fumo asphyxiante es-
curecia os ares e alarmou os tranquillos via-
jores.

Passada a primeira surpresa, mimosearam-n'a pela mesma forma, principiando o original e estranho combate.

Muito desiguaes em numero eram os nossos patricios, que esmoreciam, se não fosse D. Rosa cheia de coragem a excital-os a que proseguissem, por ter a seu favor o Deus dos exercitos, para robustecer-lhes as exhaustas forças.

A nobre paulista, muito crente, muito religiosa, apezar de franzina e fraca, ia d'um para outro lado, emquanto o panico assombrava as physionomias.

A sua coragem dava-lhes forças, como se della dependessem centenas de vidas.

Não contente, distribuia armas e munições ao passo que exclamava : « Viva a cruz do Christo!...

De repente, eis que o navio argelino aproxima-se do christão, procurando os infieis abor-
dal-o com a poderosa força...

Tremendo rumor fez-se a bordo; as senhoras gritavam, outras tinham ataques histericos, algumas em altas préces encommendavam a alma a Deus, espérando o ultimo momento, quando

por mais esforços que fizessem os inimigos, não conseguiram saltar no navio, onde uma mulher tímida, n'aquelle dia, — forte, como aquella de quem nos falla a Biblia, n'aquelle transe crudelissimo, pôde mostrar-se superior a todos, até que as sombras da noite tingiram de escuro o di-que sem fim das aguas, ouvindo-se no soprar da viração, como um echo, a sua voz murmurar :
— « Viva a Cruz de Christo!...

D. JOANNA DE SOUZA

À Aurea Pires.

Estava ainda embryonaria a nossa civilização, que promettia ser vasta.

Dera-se a emancipação total de Pernambuco, que sacudia dos hombros em 1645 o jugo holandez. O sangue crusado creava bonitos typos; os casamentos multiplicavam-se entre indigenas, portuguezes, crioulos e mestiços.

Os ricos colonos edificavam faustosas residencias, os engenhos de assucar espalhavam-se pelo territorio; a agricultura offerencia grande fonte de riqueza.

Olinda, ao renascer das cinzas, era opulenta e nobre, comquanto a *republica de Palmares* commandada pelo negro Zumbi, dêsse grande trabalho para desbaratal-a de vez.

A mulher colonial vivia nas trevas da ignorancia; rarissima era a que tinha educação

mais apurada, e, no que diz respeito á litteratura, completa ausencia de meio e de professores.

No entretanto, para gloria do norte, uma houve que sobresahio das suas congeneres, conservando os chronistas o seu nome, na altura do seu talento.

Rita Joanna de Souza, chama-se ella, e filha de rico negociante que bem longe estava, é certo, de apreciar os raros dotes de sua filha, comquanto não a privasse de estudar e escrever. Com a bella perspectiva do espirito, esboçou a primeira poesia lyrica, nessa rima natural que acóde ao estro de quem principia.

Depois de alguns versos, a su'alma de artista, n'um arroubo desconhecido, na sêde de um *qué* indefinivel, principiou a desenhar e a pintar a natureza que feria-lhe a alma n'uma especial forma até então jamais experimentada por si...

Sentada no seu jardim, fascinada pelas bellas artes, a talentosa pernambucana por entre as arvores divulgava a « Quinta do Rei » lá na subida poetica do « monte ».

Ainda impressionada, avistava mais as ruinas de « Palmyra » no deliciosissimo panorama que acérca e dá supremo encanto ao passeiante dos arredores de Olinda, que mimoscou o Brazil com a sua primeira mulher instruida.

Essas ruinas, têm o aspecto de desmoronado

castello, extravagante nas formas das suas altas torres de giz, colorido em diferentes tons, as quaes, á luz já meia fria do occaso, quando o sol dá á terra o ultimo beijo cõr de rosa, deixa no espirito de quem o observa um resquicio de ternura, ao recordar-se de alguma impressão fugitiva.,.

O ermo do local seduz; a vista interroga o espaço. Rapidamente, se de dia, o olhar encontra uma chuva de encantos nessa natureza vigorosa; se de noite, o ar balsamico das plantas e das flores silvestres; ante a fita dos rios, miram-se o fulgor das estrellas, n'aquella especie de natureza virgem, provocando sensações desconhecidas.

Era pois da fartura do matiz e da riqueza selvagem da flora, que ella recebia essa luz esverdeada trazida através das folhas, belleza que ia espraïar pelo espaço do chão onde, sentado em rustico banco, a scismar percebia o encanto que lhe vinha do céu muito azul, aqui e alli coalhado de nuvens, enquanto no barranco, lá em baixo, estalavam as patas das corças nas folhas seccas.

O mar, na fina linha do horizonte, espreguiçava-se meigamente, adormecendo no leito alourado da praia.

O grande sopro do talento atravessou-lhe a frente, ao passo que ella escrevia com a sublime

dedicação entusiastica de quem cumpre o seu dever.

De posse do impulso que a impellia a co-relacionar-se com a arte, de accordo com os sentimentos affectivos, ella trabalhava sufficientemente, para, na sua mésse de pensamentos intimos, escrever em verso ou em prosa, emquanto, outrosim, dava-se ao estudo da Historia, isso com grande escandalo das senhoras de então e do capellão seu confessor, um tanto avêso a mulheres litteratas.

Allumiada pelo lume do genio, dava de hombros e adiantava umas « Memorias », após o que, se fatigada, tomava os pinceis e *d'après nature* pintava as suas paizagens, sentindo ferver-lhe no craneo a evolução da sua bossa de artista, que se manifestava livre e sem peias no arbitrio desse culto divino que amplia a esthetica do bello, fazendo dos que podem *crear*, um *rei* absoluto sobre a terra.

Relativamente cercada de trevas, olhava para o Recife não com olhos de orgulho, mas sim com essa penetração de vista interior que possúe a mulher e culta... (1)

(1) O Snr. Norberto de Souza, falla sobre essa senhora, assim como Ferdinand Denis, no seu *Résumé d'histoire littéraire du Brésil*, o conselheiro Balthasar da Silva Lisboa nas « Notas Biographicas », trata della, que dizem ter sido formosa.

De lá, viria ainda a séde da civilização do futuro ; seria a rainha soberana, emquanto Olinda, depois decahida, viveria das passadas reminiscencias...

A guerra dos « Mascates » proseguia ; da patria de Bento Teixeira Pinto, o primeiro poeta que teve o Brazil n'aquelles tempos e amigo de Gregorio de Mattos, o grande satyrico bahiano, surgiu a sacerdotisa do talento, essa nevrose que faz e obriga a mulher a subir e deixar sobre o papel o muito que lhe borbulha na mente, recuando em seguida como se fosse criminosa, envergonhada do seu alto vôo d'aguia, para encerrar-se na penumbra da timidez...

Da sua avultada bagagem litteraria, o tempo tudo estragou, infelizmente.

O que não pôde fazer, foi romper inexoravel o nome della da nossa historia, que de certo se orgulhará disso.

MARTYRES BRAZILEIRAS

Não pretendo, e nem o devo mesmo, fazer aqui o historico da Inquisição, o que seria fastidioso, não podendo privar-me, porém, de narrar, pela necessidade do assumpto, alguma cousa a respeito, a fim de que se faça uma idéa do que era aquelle terrivel tribunal, cuja influencia chegou até a esta querida patria e ainda mais, castigou com o seu odioso poder a diversas patricias nossas.

Fernando e Isabel, na Hespanha, fundaram o Santo Officio; Portugal, no reinado de D. João III, sob a influencia dos jesuitas, accitou-o tambem.

É exacto que se devem a esses homens muitos beneficios, e nós, os brazileiros, jámais poderemos esquecer o que fez o padre Nobrega, o padre Anchieta, e o padre Antonio Vieira, cujos sermões são um primor d'arte e de erudicção.

Desgraçadamente, como todo aquelle que tivesse sangue israelita era perseguido, para aqui vieram varias familias, fiadas na promessa de D. João V, que jámais seriam encommo-dadas nesse sentido.

Tal asseveração, partindo de tão alto, devia ser cumprida, o que não fez a magestade portu-gueza, obrigando a partir para Lisbôa aquellas cuja syndicancia provasse exercer em segredo a religião de Moysés.

Por documentos valiosos, vê-se que de 1700 a 1778 celebraram-se [n'aquelle reino de Por-tugal 76 autos de fé.

Das nossas patricias (1), não menos de onze meninas menores de vinte annos, tendo entre ellas tres de dezeseis primavéras, mais uma de treze annos, comquanto inconscientes, foram tidas como culpadas de israelitismo, sendo por isso encerradas em carceres tão negros como o do inferno de Dante quando diz :

« Oh vós, que aqui entraes, deixae lá fóra toda a esperanza. »

Ah!... que dor suprema não sentiriam aquel-las desgraçadas no silencio tétrico do carcere, tristemente a lembrarem-se da patria querida e de todas as doces esperanças!...

(1) Veja-se o que sobre ellas escreveu Warnaghen e o conselheiro Pereira da Silva.

Tranzidas de saudades, certamente, não passariam a rude esponja do esquecimento sobre as recordações suaves dos encantos do Brazil, da sombra das suas florestas, onde o perfume das montanhas e o fragor das quedas das cascatas, o segredo dos bosques, o canto dos passaros, emballavam-lhes as doçuras de dias sem nuvens, das noites placidas e bellas, que a nostalgia mais aperfeiçoava o desespero de nunca mais admiral-os!...

Já havia expirado miseravelmente o nosso primoroso poeta e dramaturgo Antonio José (1), quando no periodo de 1767 foram condemnadas á fogueira duas senhoras pernambucanas. Guiomar Nunes, de 37 annos, casada com Francisco Pessoa, latoeiro e morador no engenho Santo André, districto da Parahyba do Norte, *convicta, negativa e pertinaz*, e bem assim Branca de Figuerôa, de 79 annos, christã nova, viuva de Gaspar da Silva, residente no Engenho Velho, tambem districto da Parahyba do Norte e natural da villa de Santo Antonio do Cabo, a qual soffreu carcere perpetuo, como mandava o Auto de Fé de 2 de setembro de 1833.

(1) Dóem n'alma estas tristes verdades historicas, ficando nós pela maldita instituição privados do talento do nosso primeiro dramaturgo, cuja biographia e obras se encontram no Gabinete Portuguez e na Biblioteca Nacional.

D. LOURENÇA TAVARES DE HOLLANDA

Indolentemente reclinada no seu extenso tapete de musgo, Olinda já não tinha o aspecto paradisiaco dos tempos de outr'ora.

Incendiada pelos holandezes, na noite de 22 de novembro de 1631, reedificou-se soberba e altiva, tendo nos faustosos palacios dos fidalgos da metropole a certeza de ser a flor mais bella do Brazil e o maior emporio da sua grande vida commercial.

O berço do primeiro orador sagrado, Manoel de Macedo, o do primeiro guerreiro, Jorge de Albuquerque Coelho, e onde creou-se a primeira typographia, supprimida por ordem do rei D. João V, depois de D. Joanna de Souza, que já foi citada, não podia deixar de ter mais um talento feminino, n'um periodo vexatorio, como o da « Guerra dos Mascates ». D. Lourença Tavares de Hollanda, vio a luz na

antiga capital de Pernambuco, pelo fim do século XVII.

Nas artes, como nas letras, faz-se necessaria a influencia suave da mulher e a penna da nossa patricia de quem falla José de Alencar, na « Guerra dos Mascates », dizendo que muito se avantajou nas letras e virtudes, bem prova que n'aquelles tempos, com quanto raras, já haviam senhoras illustradas, como foi a nobre matrona de quem aqui me occupo.

Depois da restauração de Pernambuco (em 1655), Olinda, fidalga esvelta, conscia de si e dos seus direitos, olhava de revés para o Recife a quem julgava inferior, como burguezia.

Então, o Recife dividido em Ilhas, nada mais do que era vastissimo areal com pobre restinga e extensas praias crivadas de conchas multicores, semelhando um bellissimo tapete, habitada apenas por alguns pobres pescadores dignos emulos dos « Mascates », infima ralé da colonia portugueza, que aos poucos crescia, tendo a grande audacia de olhar para a aristocratica metropole, sonhando um dia poder hombreal com ella.

Rebentou entre ambas uma grande rivalidade, surgindo della o rancor. Naturalmente, a ambição humana progrediu : os pequenos queriam ser grandes pela lei que constitue o direito das cousas.

Nesse intuito, empenhavam-se a que a sua diminuta povoação fosse elevada a *villa*. Rebentou então a guerra civil.

Silencio sobre todos os horrores.

Neste interim, havia chegado a Portugal uma petição a D. Pedro, que, não approvando o pedido, impoz-lhes não o repetirem, que se arrependeriam.

Ora, dizem as chronicas e a historia, que a afinal conseguiram o seu proposito. Dizem mais que a lembrança da republica passou-lhes persistente pela idéa, perdendo com ella a nobreza os seus direitos, o que de fórma alguma convinha.

Finalmente, em 19 de novembro de 1709, a povoação foi elevada a *villa*, sendo nisso empenhado o proprio governador Sebastião de Castro Caldas, que com elles fez optimo côro.

Isso, porém, prejudicava como é de suppôr a alta linhagem, pois que sendo os « Mascates » já poderosos pelo dinheiro, perdia por esse motivo a agricultura do paiz, que baixava de preço, ao passo que as mercadorias delles subiam de valor.

Os fidalgos votaram-lhes profundo odio.

Pois seria possivel que a fina flor da nobreza pernambucana, as ricas damas, as nobres don-

zellas, houbreassem com gente tão infima e sem prestigio?

Mas, como succedeu, as pendencias politicas caminhavam conforme as occurencias de occasião, quando elles, um tanto pavoneados, proclamaram o seu governador e prenderam o bispo, D. Manoel Alvares da Costa, obrigando-o a assignar um documento em seu favor.

Fugindo o prelado para Olinda, reunio a Camara á nobreza e pôz cêrco á futura capital de Pernambuco, a actual « Veneza brazileira ».

Todos tomaram armas, deram-se varios combates, effectuaram-se prisões, a fome fazia-se sentir, d'ahi os abusos que se notam em eguaes emergencias.

Para Portugal seguiram carregados de ferros centenas de presos politicos, a 23 de Outubro de 1713, emquanto outros procuravam escapar a tão triste sorte.

E os « Mascates », venceram, tornaram-se senhores da situação, emprestavam dinheiro a juros elevados aos fidalgos sem recursos, que triumpharam d'um gozo, até certo ponto justificado.

Olinda, a gloriosa e soberba Olinda, via desgostosa e amedrontada o Recife ir crescendo, crescendo, n'uma ambição desmedida, quando eis, embarcam as ultimas 55 victimas para Lisbôa, as quaes já não gozavam das regalias que lhes

dava a manuficencia real, que as perdoára. D. Lourença Tavares de Hollanda, que, segundo a opinião do padre Antonio Gonçalves Leitão, era pessoa erudita de talento, com dous irmãos que tinha, viram partir no ultimo grupo, aos dois irmãos, que desejavam tambem proclamar a « republica », sahindo do seu isolamento, eil-a com o poder da penna e da intelligencia a interceder por elles.

Verdadeiramente compassiva, á sombra das palmeiras e do poetico conjuncto do solar dos seus avoêngos, seguindo o impulso de sú'alma, o amor fraterno surgiu em seu peito de mulher forte, e eil-a, em nome das suas conterraneas intercedendo ao rei, junto ao Duque de Cadaval, ao Conde de Antoguia e ao Conde Vianna.

Portanto, como verá a minha gentil leitora, pelo topico que aqui transcrevo, os seus sentimentos e o seu patriotismo obrigaram-n'a a elaborar a idéa, trasladando para o papel n'uma linguagem classica, escoimada de defeitos, no idioma de Herculano, Garrett e Camillo, a carta que se segue, dirigida ao Duque de Cadaval.

« Exm^o Senr. — Pernambuco 10 de outubro de 1713.

« — Busca na piedade de V. Ex^a a minha penna o seu allivio e a minha esperanza o seu seguro, por conhecer que as pessoas grandes como V. Ex^a mais se empenham pelo que a si

proprio deviam, do que pelo merecimento de quem as roga. Esta segurança me anima a representar a V. Ex^a o misero estado em que me deixam, e a duas irmãs, mas todas viúvas, as prisões do Licenciado José Tavares de Hollanda e do Capitão André Dias de Figueredo irmãos nossos, refugio e abrigo que eram do nosso desamparo e a quem entre Turcos se não conto, que a houvesse em catholicos, semelhante. Atenasados nas rigorosas prisões, em que estiveram perto de dous annos, com as maiores injurias de palavras mais soltas, que pode licenciar a má vontade, e com outros apertos tão crueis e tão tyrannos que possúa qualquer entendimento em o quanto a maldade dos homens se estende, e se dilata, pois sem mais culpa que uma, e muitas falsidades erguidas, por estes se vê a innocencia condemnada, não só a dos meus irmãos, mas d'outros muitos que com elles se veem perseguidos e atormentados e infamados de traidores pelos homens do Recife, quando esta palavra e este nome se não cabe na bocca de filho algum de Pernambuco, porque é affronta e injuria proferil-o, que tal para com elles é a fealdade de tal nome, quanto mais o mesmo crime, antes a facilidade de inculcal-o, indica a mesma de commettel-o, quem o inculca; e mais, sabendo-se serem vingança de aggravos seus particulares.

Esta opinião é tão geral que o sustentaram todos os mesmos naturaes com as mesmas vidas e esta infallivel segurança me esforça a chegar em esta carta aos pés de V. Ex^a das honras que nesta Côrte fez a meu irmão André Dias, seja o seu orador, que, fazendo publica a sua innocencia e a sua lealdade, a elle e aos mais por esse meio faça restituir a sua antiga fé, qual por mão de V. Ex^a pretendem conseguir e fique nesta terra eternizado o nome e a gloria de V. Ex^a a quem Nosso Senhor conceda vida e saude com os augmentos que lhe desejo eu, Illm^o Exi^o Senhor.

D. E. V. Ex^a muita captiva.

D. LOURENÇA TAVARES.

MARIA URSULA DE ALENCASTRO

Deus, na alta esthetica dos seus arroubos de artista, concedeu á mulher uma plastica diferente do homem, portanto mais mimosa, mais bella, a fim de poder governal-o e prendel-o, por isso mesmo que é fraca.

Maria Ursula de Alencastro, filha de João de Abreu Vieira e fluminense por nascimento, sendo excessivamente formosa, despresou esse dote que tantas garantias lhe dava, para trocar os trajos femininos pela grosseira roupa do soldado dos tempos coloniaes.

Uma verdadeira aberração da natureza, fez com que a nossa illustre patricia aos dezoito annos, imflamada pelo desejo ardente de servir a patria, sob a protecção de uma pessoa amiga, seguisse para Portugal, a fim de lá com outro nome aproveitar a sua vocação.

Com effeito, desde pequena, enquanto as irmãs cuidavam dos bonecos, ella, com os irmãos,

punha uma espada de pão ao hombro, chapéu armado de papel na cabeça e com umas calças do irmãosinho mais velho, tambor a tiracollo, a rufar caixa n'um rataplan de ensurdecer, dava vóz de commando repetindo, se a censuravam: « Eu quero ser soldado; não nasci para mulher. »

Conseguindo os seus desejos, assentou praça em Lisboa, sob o nome de Balthazar de Couto Cardoso.

Fiel cumpridora dos seus deveres, a joven filha de Marte seguio com o seu batalhão para a Índia portugueza, onde, entrando em combates varias vezes, teve sempre os maiores elogios dos seus superiores e o respeito dos seus companheiros de tarimba, aos quaes bastava um gesto seu para fazel-os refreiar qualquer phrase mais livre.

De uma correcção admiravel de maneiras, de gestos, de uma moral severissima, nas suas multiplas obrigações, jámais queixou-se; pelo contrario, tornou-se a alegria do batalhão.

Como o militar mais convicto, no campo do combate foi baptisada com varios ferimentos, grangeando por isso o epitheto de valente, o que assás vangloriava-a.

Quando assaltaram a fortaleza Amboino, ao contrario dos companheiros que esmoreciam, ella, já com quatorze annos de serviço, pela

bravura que ahi provará, obteve o posto de cabo.

Era horrivel de ver-se a lucta feroz, encarniçada, que dentro do forte travou-se braço a braço, peito a peito.

Na lufa-lufa do combate, na furia de vencer, ella foi a primeira que arvorou entusiasticamente a bandeira portugueza, a despeito do sangue que jorrava de uma ferida produzida por uma lança, como outras recebidas, que pozeram á prova a sua bravura, persuadida que para valer perante si propria tornava-se necessario sacrificio de semelhante natureza.

Não se pense, porém, que então as gradações militares se fizessem por empenhos a fim de se obter renumeração em razão de interesses pessoais... Pelo contrario, só as alcançava quem as merecia.

A natureza della um dia cansou; grande metamorphose operou-se no seu todo.

Retirada da vida militar, no auge da perfeição physica, comprehendeu a verdadeira missão da mulher na sociedade, o quanto ella valia nos « tribunaes do amor » na idade média; e o quanto vale a setta dardejada por um meigo olhar...

Um seu companheiro do quartel, o tenente Affonso Teixeira Arraes de Mello, pedio-a em casamento.

Então, timida como se fosse uma criança,

correspondeu-lhe o affecto e aceitou a sua mão.

A justiça real e a manuficencia de D. João V, não quiz deixar no olviuo o quanto pela patria fizera aquella formosa e valente mulher, que tanto pertence ao Brazil como a Portugal.

Como ainda não tinhamos direito de nacionalidade, a nossa fortuna publica, os nossos bens pessoaes achavam-se adstrictos á corôa portugueza. Ainda assim, o monarcha remunerou-lhe os altos serviços dando-lhe um *serafin* diario, pago pela alfandega de Gôa e o Paço de Ponguirá, pelo tempo de seis annos, onde ella e o seu marido viram desabrochar as castas impressões do uma amizade sincera, baseada na familia, nos filhos e na sociedade.

Em Gôa, depois de muitos annos, morreu essa senhora que honra as suas patricias, sempre rodeiada de homenagens e consideração, legando á sua descendencia a triplice herança, da honra, da coragem e dos deveres civicos.

Todavia, apesar de admiral-a, considero-a uma *doente*, cuja cura, conforme os preceitos da sciencia moderna, seria, quem sabe, para a mesma sciencia um phenomeno digno sem duvida de um sério estudo.

JACINTHA DE S. JOSÉ

A alta preponderancia do christianismo na sociedade fez que se multiplicassem esses mosteiros, onde cabia grande honra ás familias terem lá uma filha freira ou um filho frade.

Dominava o elemento religioso, e, quando d'Avila sahio a grande reforma feita por uma mulher formosa e instruida, o ponto de daremlhe os *Canones* o titulo de « Doutora da Igreja », acceitando-se-a como uma grande theologa, espirito emfim aberto para a lucta, o Brazil colonial teve um da ordem de Santa Thereza, devido unicamente aos desejos e influencia d'uma senhora, nossa conterranea, cuja fé em Deus jámais arrefecera, fossem grandes, embora, as contrariedades sobrevindas.

Ergamos os olhos para o morro de Santa Thereza, onde veremos um convento olhando para a bahia.

Nada tem de belleza architectonica ; é uma

simples casa de oração como tantas outras.

Pois bem!... aquelle templo, aquelle claustro foi devido á tenacidade de uma virtuosa fluminense, formosa creatura de dezoito primaveras e para quem a religião do Crucificado desvendava uma perenne consolação. No horisonte de amor da futura freira, a esperança com a cruz symbolica dava o osculo piedoso.

Aquella que foi a primeira flôr do Carmello brasileiro chama-se Jacintha Ayres, filha do portuguez José Rodrigues Ayres e de D. Maria Lemos Pereira.

Desde criança que a pequena afastava-se das creaturinhas da sua idade, para ir rezar no oratorio da familia e entreter-se com imagens e objectos dos altares.

De indole contemplativa, Jacintha não brincava; passava horas esquecidas a fictar o céu, onde dizia ver a Santa Thereza e ao menino Jesus, na sua predisposição naturalmente hysterica.

A imaginação é que trabalhava fortemente nestas visões, como fez na erudita doutora, ao ver galante menino descer uma escada, a quem ella, desconhecendo-o, perguntou-lhe o seu nome.

— « E o teu ?

— Thereza de Jesus.

— Pois, eu, sou o Jesus, de Thereza ».

Com estes e outros ensinamentos, já propensa á religião, no que era applaudida por seu pae, que chegou a dar-lhe um cilicio, emquanto a mãe ralhava fortemente tirando-lhe d'ahi os sentidos, a menina levada por essas idéas, orava, jejuava, disciplinava-se, a ponto de fazer a Via Sacra com uma grande cruz aos hombros.

Tanta mortificação fel-a ficar peor de grave molestia que soffria.

Encontrando apoio tambem em sua irmã Francisca, mais moça um pouco do que ella, communicou-lhe que desejava ser freira professora da regra de Santa Thereza, o que a segunda approvou, assim como seu irmão Francisco, que a esse tempo já era sacerdote.

Sem desviar-se dos seus affazeres domesticos, Jacintha, joven, galante, requestada, da sua casa olhava para as ruinas da capella do Desterro, onde ás vezes ia passeiar, podendo por esse innocente alvitre, examinar o local que tanto a suggestionava e que desejava possuir e habitar, toda entregue ao lume desse amor celeste e mysterioso, que emana das graças que Deus concede aos seus eleitos.

Um seu tio, para ser-lhe agradavel, comprou a arruinada propriedade e offereceu-lh'a, causando isto grande prazer á santa donzella, que depois de vender as suas joias, uma madrugada

com sua irmã para lá partiram, ao que já não se oppôz sua mãe, que passára a segundas nupcias. Installadas, receberam a visita de seu padrasto André Gonçalves dos Santos, commisario de engenharia, assim como a de seus irmãos, entre os quaes, o padre José.

Em seguida, trocaram os nomes. Jacintha addicionou ao seu, — o de S. José; e Francisca — o de Jesus Maria, por tanto consideravam-se reclusas, arrebatando, por esse titulo, a cadeia que as ligava ao mundo.

Verdadeiramente felizes na sua nova morada, ao darem os passos para o começo das obras, o seu desejo foi de seguir as regras de Santa Thereza, ou Carmelitas Descalças.

Seu irmão José, sacerdote de vida purissima, foi para lá morar tambem, de sorte que firmes os tres no seu mais bello sonho, ao pôr do sol, quando a natureza cantava o hymno da tarde, divertiam-se elles em carregar pedras para o edificio.

Passou célere o tempo nas longas horas de meditação e de repouso mystico.

A devoção e as virtudes das novas filhas de Santa Thereza, tornaram-se conhecida.

Affluam alli os fieis, abundavam as esmolas quando o conde de Bobadella, Gomes Freire de Andrade, commovido pela constancia e caridade

das duas irmãs, muito cooperou para que a empreza fosse ávante.

Aos poucos, surgiram as grossas paredes, onde já duas gerações hão atravessado, cheias de amor divino e de confiança nesse Deus que tanto as consolava e a quem estremeciam, embora dêsse á mais velha das duas irmãs reclusas o martyrio de ver expirar em seus braços a Francisca, amortalhada por si, a 13 de Julho de 1743.

Continuando com impulso as obras, emquanto igualmente seguia com identica presteza as do aqueducto da « Caricca », as nossas religiosas patricias habitavam uma dependencia da capella, quando chegou de Roma a Bulla enviada pelo Santo Padre, autorisando as profissões na ordem Santa Clara, como as freiras da Ajuda.

Jacinta, desfalleceu de desapontamento. De novo, o fidalgo servio-lhe de paranympo na sua pretensão.

Com seu irmão José, eil-a a caminho de Portugal, afim de valer-se do rei D. José I, para alcançar o que tanto desejava.

Em Lisboa o monarcha recebeu-a com toda a consideração e tratou de protegê-la. Ahi, assistio ella ao tremendo terremoto, e teve sciencia da tentativa do assassinato do mesmo

monarcha, pela familia Tavora, attribuido o caso á influencia jesuitica.

No entretanto aqui entre nós crescia o fervor religioso. No convento de Santa Thereza as reclusas vestiam-se de saia de castor pardo cobrindo as cabeças com um véu preto, emquanto não viesse ordem para trajarem habito, de accordo com o seu desejo.

O fidalgo que de vez em quando ia ver as suas « queridas filhas », achava sempre tudo muito limpo e arranjado, em quanto aprendiam ellas o latim para as ceremonias do culto, cujas primeiras lições tomaram do padre José.

Em Portugal, onde Jacintha demorou-se, posto que passasse bem, comtudo havia no seu espirito nostalgico o predominio da saudade que por fim obrigou-a a voltar para o Brazil.

Eil-a que chega, testemunhando as suas companheiras da immensa alegria que sentia, e quanto a ausencia della lhes havia sido penosa. Esperançada, fez-lhes ver que em breve chegaria a Bulla papal.

O Conde de Bobadella era todo satisfação, ao passo que já lhe não corriam muito á vontade os negocios da possessão portugueza pelas aguas do Prata (1).

(1) Rompendo a guerra entre Hespanha e Portugal, D. Pedro Cavallos, governador de Buenos Ayres, investiu a Colonia do Sacramento, obrigou-a a recapitular, e inva-

Estava escripto, porém, que ella seria contrariada em seus desejos, pois que fallecendo de magoa o Conde, em 1763, por ter perdido Portugal a Colonia do Sacramento, isto bastava para grande transtorno no assumpto.

Entre lagrimas, foi a communiidade buscar o corpo á porta da egreja, lembrando-se das ultimas palavras que ella proferira a respeito da suas protegidas.

« A casa de Bobadella fica feita, mas as minhas filhas ficam ainda sem casa ».

Depois deste acontecimento, que produziu grande tristeza, uma manhã em que a doçura matutina cahia sobre a cêrca do mosteiro, a 2 de outubro de 1768, resignada, morreu Jacinta, sem ver chegar a autorisação desejada, o que só aconteceu depois.

Às noviças, permitto-se-lhes vestir por ordem do bispo, D. José de Mascarenhas Castello Branco, o habito da virgem do Carmello hespanhol, elegendo facultativamente as suas preladas de tres em tres annos.

Aberto o convento para que fosse visitado, deu-se uma scena edificante.

Sahiram em seguida as religiosas desde o então môrro do « Desterro », até o convento

diu o Rio Grande do Sul. Foi este desastre que motivou a morte do grande fidalgo.

da Ajuda, com esse recolhimento que se nota nas corporações religiosas, demorando-se em recreio algumas horas com as suas irmãs de cranças n'uma verdadeira amizade fraterna, findo o que, de novo incorporadas, transparecendo nos rostos a doçura de su'alma, na gravidade do silencio com que o povo as via passar entre alas respeitosaente abertas, no tranquillo gésto em que o pensamento se allia á verdade, entraram no convento cujas portas fecharam-se para sempre.

Lá tambem hão professado diversas senhoras ultimamente, que sem duvida espargirão flores no tumulo que encerra os ossos de Jacintha de S. José.

ANGELA DO AMARAL

As festas dos dias coloniaes tinham um certo ar de aristocracia e imponencia, difficil de serem copiadas agora. Era quasi regia, o ar grave das matronas, o respeitoso silencio que, á despeito do tudo, como que constringia os circumstantes, em face do vice-rei.

Na « Academia dos Selectos », o que de mais apurado havia nos homens politicos e de lettras agrupava-se em delicioso accordo de sentimentos. O mundo da belleza lá se achava, no duello entre a faisca dos olhos e a faisca das luzes, n'uma attracção mysteriosa que fazia curvar o sexo contrario.

Vergavam ao peso das flores, os grandes jarros chinezes ladeados por enormes candieiros de prata com duas e tres vélas de cores, postos sobre mesas de jacarandá com pés de-lão, espelho embutido no centro onde espelhava-se o assoalho de fina madeira de lei.

N'um esplendor incomparavel, na onda compacta dos convidados, entre o fervilhar das risadinhas das senhoras que lavaram de satisfação as boccas perfumadas, todas com o collo nú, as nuças provocantes, os braços esculpturaes, no enthusiasmo da vida em flôr ou na gravidade dos annos que fogem, nessa onda de velludo, de seda e de gase, umas com tons claros como a aurora, outras como um reflexo da rosa escarlata escura, ou tons de seda japoneza laminada de ouro e botões ramalhudos, através do todo, abanando-se com riquissimos leques de sandalo, xarão ou marfim, esperavam o começo do programma, aguardavam acontecimentos litterarios.

Nos vãos largos das janellas com almofada, olhando para a noite divinalmente estrellada, a mocidade ou a velhice só tinha um traje, mais ou menos rico, cabeça empoada ; com o celebre rabicho atado por uma fita, casaca de seda ou de velludo, enfeites de rendas finissimas, calções justos emmoldurando uma perna agil e bem formada, outras nervosas e mal feitas.

Das pesadas caixas de rapé de ouro lavrado tiravam pitadas de rapé cheiroso, a conversarem cômmedidos com o intuito de não perturbarem o grave respeito que naturalmente deviam guardar em face ao conde de Bobadella. Gomes Freire de Andrade, o nobre protector de

Jacintha de S. José, que tal cargo exercia por alvará da muito nobre e poderosa magestade portugueza o Senhor D. José I, rei de Portugal e dos Algarves, senhor d'aquem e d'além mar.

No meio de tanto luxo, no conjuncto de tanta gravidade senhorial, reuniam-se alli para celebrar as virtudes do mesmo vice-rei.

Protector das lettras, que neste tempo eram admiradas pelo que de melhor havia, o secretario de tão util instituição, o D^r Manoel da Cunha Andrade e Souza, reunia á roda de si o que mais sobresahia pelo talento.

Os prosadores limavam a palavra, os poetas afinavam as lyras, as opiniões dividiam-se.

De repente, anciosos, depois de olharem para a porta da entrada, viram chegar, guiada por um homem decentemente trajado á moda do tempo, um vulto de mulher com roupas brancas e simplesmente penteada, ausencia completa de joias. Apenas algumas flores ornavam-lhe o collo e uma rosa surgia das profundas ondas dos seus negros cabellos.

Um murmurio de admiração produzia dó, certa impressão, em quanto saudavam com enthusiasmo, em nome da arte e do talento, a primeira poetisa brazileira.

Angela do Amaral alli se achava com o seu bonito semblante emoldurado nesse pallido

sorriso peculiar aos cegos, o olhar mudo mas limpido, sem ter a dita de ver essas riquezas que só as comprehendia pela memoria, que através dos corpos opacos vae descobrir bellezas e fulgores sob a impressão do genio, imaginando o *bello*. Cega de nascença e pobre, Gomes Freire a protegia e a apreciava.

A natureza, porém, aquinhou-a com as luzes do cerebro.

Só, na penumbra da retina ella possuia a previsão de que era querida e estimada; comprehendia que em torno da sua pessoa agrupava-se um mundo de admiradores. Sem as impressões sensiveis que talvez assaltassem-n'a nos seus sonhos de donzella, o escuro da vida exterior deu-lhe mais brilho na paizagem das faculdades affectivas. As chammas do pensamento creavam para si quadros ardentes, cambiantes, formosos, em que as rosas brancas da juventude espalharam seu odôr n'aquella formosura amortecida da atmosphaera do mundo elegante, como a primeira repentista brasileira.

Gomes Freire adiantou-se tomando-lhe a mão e levou-a ao logar destinado aos poetas.

Affeita a ver-se congratulada, sem a menor vaidade nem arrogancia, negou-se a abrir a sessão, apoiando e applaudindo os seus predecessores.

Em seguida, ergueo-se.

Transfigurando-se-lhe a physionomia, todos os olhares estavam nella fixos, as respirações suspensas deixavam cahir esse grande aneio que corresponde ás grandes sensações. Como o que lhe fosse sahir dos labios comprehendia uma realidade do talento aquella Castalia de rimas, que transmettia o pensamento em chamas de amor, em chuvas de encantos, não voltando a si a indifferença glacial dos espiritos apoucados, na imponencia da modestia virou-se calma para onde se achava o fidalgo, e com emphase, mas sem affectação, conscia do quanto valia, certa de que alguem escreveria o que improvisasse, recitou (1).

« Illustre General... vossa excellencia,
Foi por tantas virtudes merecida
Que sendo já de todos conhecida
Muito poucos lhe fazem competencia.

Se tudo obraes por alta intelligencia
De Deus tendes, a graça adquirida,
Do monarcha, um affecto sem medida
E do povo, uma humilde obediencia.

No catholico zelo a lealdade
Tendes vossa esperanza bem fundada
Que na presente e na futura idade

(1) Todos os seus trabalhos já os vi nos « Jubilos de America ». N'esse Jornal achavam-se igualmente os outros que se celebraram em honra do fidalgo

Ha de ser a virtude premiada
Na terra com feliz serenidade
E no céu, com a gloria eternisada.

.

Já retumba o clarim que a fama encerra
Na vaga região seu doce accento,
De Gomes publicando o alto alento
Por não caber no ambito da terra.

Declara, que si está na dura guerra
Tudo acaba tão rapido e violento
Que o mais forte esquadrão em um momento
Seus alentos vitaes ali subterra.

Vosso nome será sempre exaltado,
Que se voaes nas azas da ventura
Vosso valor o tem assegurado;

Porque nos diz a fama clara e pura
Que outro heroe como vós não tem achado
Debaixo da celeste architectura.

Immenso o successo obtido, enquanto os
outros que recitaram apertavam-lhe a mão.

E a Alorna brazileira sentou-se, sem demons-
trar que estava ensoberbecida com as ovações.

BEATRIZ BRANDÃO

Vamos buscar na distincta familia de Marilia de Dirceu de quem era prima irmã a nossa Alorna brasileira, a eruditissima professora que ainda aos oitenta annos conservava o viço proporcional, escrevia sonetos classicos como aquella poetisa portugueza, conversava e confundia com o seu espirito fino e educado a quem della se approximasse.

Pessoa que a conheceo, disse-me ser satyrica na conversa e até mesmo nas rimas.

Filha do Sargento mór Francisco Sanches Brandão e de sua mulher D. Isabel Narcisa de Seixas, viu a luz em Ouro Preto, a 27 de Julho de 1779.

E crescia a menina, dotada de uma viveza enorme, desejando aprender muito, ao que se oppunha o velho capitão-mór, que achava sufficiente para a mulher o A B C da educação vulgar.

A mercê de um amigo de sua familia, aprendeu o francez e o italiano com essa força de vontade imperativa que abrange os espiritos cultos.

Posto que muito joven, apesar de não querer casar-se, obrigaram-n'a a fazel-o com um fidalgo amante da lavoura, dos cães e dos cavallos, uma especie de marido de Jorge Sand, cuja união, como era de prever, foi desgraçada. Os dous não combinavam ; differentes eram os genios, os gostos e o pensar.

.
A alma da mulher culta, leitora, é semelhante a uma formosa e delicada pintura cujos tons se reflectem nas acções nobres que pratica, assim como nos seus géstos e até nos ademanes.

Comprehende tudo, mais do que outra qualquer. Para ella, as sensações são como nuvens de marfim ou de madreperola que o artista rendilha, sem comtudo macular-lhe a substancia.

Beatriz era por essa forma.

Foi por isso que as letras foram o seu unico consolo; e, quando mesmo as crianças deixassem-n'a extenuada, ainda assim, estudava e tinha idéas *proprias*, o seu mais bello capital, que se não extorque, e do qual se não se pôde apoderar qualquer pessoa..

Publicou varios livros, entre os quaes os « Contos da Mocidadé » « Lagrimas do Brazil » Odes, « Canções, Cantatas », e um drama que

se representou por ocasião da coroação de Pedro I assim como diversas traducções do italiano e do francez.

Sempre a trabalhar, achando pouco o que fazia, ao sentir gradualmente desenvolverem-se-lhe as faculdades mentaes, desejava subir mais alto, crescer, tornar-se conhecida, uma individualidade, emfim...

Enorme, as proporções do seu talento, que já não fazia ao futuro uma interrogação simples, a seu respeito.

O quadro da phantasia desenvolvera-se-lhe com aspecto completamente novo. O pensamento methodisava-se; já se admirava a sua instrucção bem pouco vulgar.

Não contente com isso, intromettia-se em politica, influía em eleições, o que zangava a seus paes, que continuavam a crer inutil a sua orientação mental.

Elles ignoravam que o talento é uma verdadeira revelação transcendental do genio.

Existe, leitora, uma época em que elle explóde, sobretudo na mulher, como se n'uma verdadeira marcha triumphal, n'uma revelação subita, semelhante ás guerrilhas que arrebetam entre as nações, pondo a limpo a cahótica ruina das atrasadas idéas, demonstrando pela clareza que a luz astral radiante e bella do ideal polido imprime n'alma a verdade que solidifica e crysta-

lisa o pensamento, a arte e o bello, apesar da má vontade com que se recebe isso.

Poetisa, escriptora e politica, com o seu talento privilegiado, na sua missão de professora, de mãe moral, poliu aquelles cerebros que se desenvolviam, dirigiu os pequenos corações que se tornavam *grandes* pela bondade, fazendo das suas discipulas, não criaturas imprestaveis, mas sim aperfeçoadoras da vida, que borbulhasse pura, nas acções e no rosto, espelho da physionomia moral...

Ainda hoje existe respeitavel matrona a quem conheço e que della recebeu a esmerada educação que a distingue (1).

Beatriz deixou obras inéditas, assim como musicas escriptas, pois que era perita tambem na *harmonia*.

Falleceu em 1860; foi socia de varias instituições litterarias e scientificas.

No grande curso da mentalidade brasileira do seculo XIX, quando o seculo XX perguntar o que fez no Areopago das lettras a mulher brasileira, Beatriz Brandão e varias outras que aqui esboço, e algumas outras que existem, provarão que a vida espiritual deu-lhes um sopro de graça.

(1) É a mãe da nossa illustrada patricia D. Maria Loureiro de Andrade, cujo nome é bem conhecido das pessoas cultas e da Imprensa brasileira.

Leiamos este soneto della para finalizar.

« Voa, suspiro meu!... vae diligente,
Buscar os lares ditosos onde mora
O terno objecto que a minh'alma adora,
Por quem minha affeição, seu feito sente.

Ao meu bem, avezinha, docemente
Não perturbes seu somno nesta hora,
Em que o amante fiel, saudoso chora,
Durma talvez pacifico e contente.

Aos ares que respira, te mistura.
Seu coração penetra, nelle inspira,
Sonhos de amor, imagens de ternura.

Apresenta-lhe a amante que delira,
Em seu candido peito amor procura,
Vê, se tambem por mim, terno suspira.

DAMIANA DA CUNHA

Em 1780, a antiga Villa Boa, hoje Goyaz, era habitada por varias tribus selvagens, inclusive a dos Cayapós ou Coroados, que lá para os sertões de Capuman tornavam-se temidos, chegando a sua audacia a ponto de virem até Curitiba.

Eram tidos como homens bonitos, muito valentes, porém de uma ferocidade medonha.

Todos os ritos selvagens, que pouco ou quasi nada differem um dos outros, lhes eram conhecidos.

Verdadeiro jardim paradisiaco, como fôra *Marin* (Olinda), principiou a ser explorada pelos bandeirantes paulistas que, ávidos de oiro, tornaram-se mortaes inimigos dos filhos do logar, que lhes levaram a palma em ferocidade. Passaram-se annos.

Realmente, era grande temeridade experimentar relações amistosas com tribus tão bra-

vias; mas, sendo governador da hoje ainda atrazada capital, Manoel da Cunha Menezes, este enviou um soldado, antigo bandeirante e conheedor do terreno, a fim de ver se pela brandura e á custa de mimos, trazia á civilização aquella horda de brutos, apaziguando assim a sua raiva contra os que iam cathechisal-os.

Nessa natureza virgem, farta de bellezas, onde os rios caudalosos arrastavam diamantes e ouro, os seus gritos despertavam as selvas, infundindo terror.

A custa de muito sacrificio poderam conseguir que o selvagem viesse á capital.

Á frente do sequito marchava o chefe da tribu, acompanhado de algumas mulheres, entre as quaes a filha do Cacique, com uma criança atada ás costas e presa por uma faixa, á cabeça.

Foi um dia de prazer, esse em que viram entrar os singulares aliados e cuja civilização mais tarde dever-se-hia a essa innocente que vinha ainda ao seio materno.

Repicavam os sinos, a egreja vestia galas, a população invadia ruas e praças.

Em vista do que, observa, o Cacique declarou que ficava entre os novos irmãos.

A criancinha, muito bella e galante, foi logo o alvo dos carinhos da esposa do governador, que, sem filhas, tomou conta da pequenina, bapti-

sou-a, foi della madrinha, deu-lhe o seu nome de familia e o de « Damiana » na pia.

O chefe dos selvagens, encantado com a hospitalidade generosa, despedio a sua gente marcando-lhe o prazo de seis luas para trazer a tribu a Goyaz.

Submettendo-se ás leis da civilisação, a agua lustral do baptismo purificou da macula do berço os innocentes que não conheciam a vida, os adolescentes que já espreitavam pela estrada ainda liza; os dias de amanhã os adultos que no pleno conhecimento das cousas tinham ante si a esperanza do amor; os velhos cheios de experiencia para quem a luta com o seu congenerere davalhes na força do direito, o direito da conquista, a conquista da raça, sem ter uma idéa, pequena embora, do que fosse o homem, bipede pensante, altivo e senhor, cuja alma possúe, pela sapiencia, attributos quasi divinos...

Damiana, á proporção que crescia em belleza, sobresahia em dotes moraes.

De uma sensibilidade muito afinada, muito pura, modesta e caridosa, foi muito bemquista.

E os tempos tranquillamente passavam, em quanto fartos de paz, os selvagens, para não desmentirem o atavismo da raça, exercitados nas armas de fogo, embrenharam-se de novo nas florestas assaltando a nova capital.

E as couzas tomaram tal character, que o terror avassalara os animos.

Do coração de Damiana partiu um grito de dor.

Sem enthusiasmo, sem orgulho, sem exprobações violentas, meditou concorrer para a paz dos seus irmãos selvagens, no que concordou seu marido, certamente no desejo de auxiliá-la.

Não hesitando em affrontar perigos, empreendendo o que julgava conseguir, cedendo a um pouquinho de força de vontade, interinou-se pelos inhospitos sertões, invadindo aquellas selvas seculares.

Por quatro vezes, sem conquistas politicas, sem o desejo de tornar-se notavel, trouxe grupos enormes de indios, aos applausos da multidão.

Visitada pelo Sr. de Saint-Hilaire, que uniu os seus parabens ás geraes congratulações, perguntou-lhe elle por que milagre continha aquelles barbaros.

« Os Caiapós respeitam-me muito para deixar de fazer o que eu lhes ordenar. »

Passados mezes, eil-os novamente hostis, a invadir Matto Grosso, produzindo lucto e dor.

Os habitantes fugiam abandonando as casas e as plantações; enquanto elles n'uma infernal gritaria, ao som dos canticos guerreiros, á noite, junto ás fogueiras, pareciam furias ou uns verdadeiros precitos do mal. Em tão aspera con-

tingencia, o presidente Miguel Dias de Moraes lembrou-se ainda de Damiana da Cunha, como interprete da concordia, ao que o « Apostolo feminino » annuo.

Novamente cheia de presentes, lá se foi a 24 de Maio de 1830, acompanhada de seu marido.

A 12 de Janeiro de 1831 voltou. Se a victoria foi completa, ella com tudo sacrificava-se em victima.

A sombra do que fôra, alvejava-lhe nas fontes, uma nesga de cabellos brancos.

A pelle outr'ora tão lisa como o jambo; os lábios tão vermelhos como o rubim, resentiam-se do tostado do sol e da pallidez emprestada pela febre, a flexibilidade do corpo airoso como as palmeiras das selvas onde nascera, o andar leve da corça, a graça do sorrir, a sympathia d'aquella mulher que fôra tão bella, typo digno do pincel d'um grande mestre, tudo condizia agora com a angustia que a matava lentamente.

Em pleno embrutecimento de forças, ella exausta, quasi a morrer, tendo a Deus como testemunha dos seus actos, lentamente seguiu o caminho da capital.

O que havia de mais distincto, inclusive o Presidente, foi recebê-la como musica e foguetes.

Apoiada a dous indios, entrou transfigurada em martyr.

.
Não era uma visionaria ; era uma convicta, a quem não se galardoou e que morreu certa de que tinha pura a crença do martyr que expirou suspenso n'uma cruz em proveito da humanidade.

MARILIA DE DIRCEU

Á Andradina de Oliveira.

Acha-se no dominio de todos o motivo da « Inconfidencia Mineira » pelos direitos dos quintos em ouro, o que chegou até o Rio Grande do Sul; o supplicio de Tiradentes, hoje relembrado com annual procissão civica e o desterro de Gonzaga nas áridas solidões de Moçambique.

O martyr da « liberdade », nas injustiças do tempo em que viveo, se não teve moralmente o gozo de ver concluida a sua grande obra, restoulhe ao menos o consolo de soffrer por amor de uma idéa, sem discrepancia da sua dignidade. E comquanto atrózmemente perseguido, a su'alma dilatava-se n'um vastissimo horizonte de amor, mercè do seu grande coração generoso, cujas notas foram afinadas pelo affecto de D. Maria Dorothea de Seixas, filha de Balthasar José Mayrink e de D. Maria Dorothea de Seixas,

nascida na antiga « Villa Rica », a 8 de Novembro de 1767.

O chamado « Petrarca brasileiro », para quem ella era a sua mais bella « Musa », a doce *Marilia* dos seus sonhos pastoris, conforme o modo de então, ficou sendo por elle assim chamada, emquanto para ella, Gonzaga era o seu meigo « Dirceu ».

Minas, a legendaria Minas, na expectatıva de conseguir a sua autonomia, para conseguir libertar-se do dominio humilhante de Portugal, vendo das suas terras sahirem os decantados *Quintos*, e das suas lavras, o jôrro dos brilhantes, de accordo com a influencia de alguns homens distinctos, inclusive o Dr. Thomaz Antonio Gonzaga, ouvidor de « Villa Rica », em segredo tramou conspiração, com alguns amigos mais(1).

Ahi conhecendo a mulher que deveria immortalisal-o pelos seus versos, tratou com ella consorciar-se, o que esperava concluir, a fim de partir para a Bahia, onde exerceria o logar de desembargador, por nomeação regia.

Descoberto o trama politico, com os seus companheiros teve crudelissima sorte, pelo que, coberto de ferros, cercado da maior vigilancia,

(1) Antes de Tiradentes soffrer o supplicio affrontoso, em Villa Rica pelo anno de 1720, Felippe dos Santos soffreu o martyrio, por ter sonhado a independencia. Foi atado vivo à cauda de um cavallo e assim morreu affrontosamente.

com poderosa escolta, o grande politico que desejava afastar do solo livre da America, a supremacia de um *rei*, eil-o recolhido á Ilha das Cobras, onde n'uma horrivel enxovia escreveu, graças ao seu grande talento, os mais inspirados versos até hoje conhecidos, servindo-lhe de penna o talo da laranja que davam-lhe como sobremesa; tinta, o borrão da candeia, e papel, as parêdes caiadas de branco do misero alcouce.

Foi dest'arte que principiou o seu nome, a sua celebridade, juntando ás primicias da sua paixão o grande amor da patria, emquanto ella, saudosa, trajando lucto, não teve a coragem de acompanhal-o ao desterro, jurando, todavia, não trahil-o nunca.

No desconforto da sua triste situação, repetia sem duvida os bellos versos que elle lhe fizera, ao passo que o martyr coberto de ferros, ao gemer das ondas, estremecia de horror e de desalento.

Os seus sentimentos, apurados pela ausencia de Marilia, a su'alma sonhadora de homem muito honesto, conhecia bem de perto essa susceptibilidade estranha que permite a quem pensa, ter consciencia da sua absoluta integridade, emprestada por vibrantes commoções...

Poeta lyrico, subjectivo, as brancas reminiscencias do sorriso della, a electricidade do seu

olhar avelludado, a ternura do sua voz, ahi nessa masmorra, tornou-o um ente superior, nesse delicioso specimen da poezia pastoril até hoje jamais imitada.

Sem ella, elle não seria um vate; sem Gonzaga, Marilia não seria celebre.

Ambos, pois, constituem na patria brasileira a mesma admiração que causavam os amores de Dante e Beatriz, Camões e Catharina, Petrarca e Laura (1).

Após sua condemnação, ao dizer o ultimo adeus á sua noiva, elle dirigio a seguinte poesia com o coração ainda a sonhar no momento em que a alma divagando pelo mundo do sentido, expressou-se desta maneira :

« Leo-se-me em fim a sentença
Pela desgraça firmada...
Adeus, Marilia adorada...
Vil desterro vou soffrer.
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.
Que vá para longas terras
Intimaram-me, eu ouvi.
E a pena que então senti
Justo Deus!... não sei dizer
Ausente de ti, Marilia
Que farei? irei morrer.

(1) Existe uma carta de Marilia a Gonzaga que deixo de dar aqui, por duvidar da sua authenticidade. Ella não se animaria a tanto.

Mil penas estaes sentindo
Dentro d'alma e por negaça,
Me está dizendo a desgraça
Que nunca mais te hei-de ver...
Ausente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.
Por deixár os patrios lares
Não me fere o sentimento
Porém suspiro e lamento
Por tão cedo te perder...
Ausente de ti, Marilia,
Que farei?... irei morrer.

Não são as honras que perco
Que motiva a minha dôr
Mas sim ver, que o meu amor,
Esse fim havia ter...
Ausente de ti, Marilia...
Que fazer?... irei morrer!...

.
A 22 de Maio de 1792, este partia no navio
« Princeza da Portugal », que leva-o para o
exilio, tendo, disse elle, n'esta occasião pro-
posto a Marilia effectuar o casamento na prizão
o que ella recuzou.

Chegando em Angoelie, de lá partiu para
Moçambique onde outra mulher apiedou-se dos
seus soffrimentos, offereceu-se como sua enfer-
meira, casando-se com ella o poeta, por gra-
tidão (1).

(1) Chama-se ella Juliana de Souza Mascarenhas, tinha
19 annos e casou-se a 9 de Maio de 1773.

Muitos censuram-n'o por assim haver feito, porém o que seria delle, se no desterro lhe faltassem os affagos de uma mulher?

Marilia, posto que se lhe impute a pécha de fraca, comtudo personalisou em si a constancia feminina que tanto a enalteceu, remindo aquella falta.

O facto de ser amada e cantada por tão grande vulto; o possuir o livro em manuscripto das suas « Lyras », que depois foram impressas e traduzidas em todas as linguas vivas; o beijar o murcho e quasi desfeito ramo de rosas que lhe dera o vate no dia em que a pedio em casamento; a commoção do sacerdote que lh'as entregára, tudo ella guardava no relicario das reminiscencias, d'onde evolava o perfume da lembrança.

Ao ter a certeza do seu fallecimento, deu-se a um grande pezar, criminando a rebeldia do destino, que a fazia soffrer por tal maneira.

A inclemencia do golpe, talvez houvesse a origem do remorso de não receber o seu ultimo suspiro. Tivesse-o feito ella, que a historia dar-lhe-hia duplo valor, pela virtude do *sacrificio*.

Como uma reclusa, apenas sahia para ouvir missa. É que ella vivia da impressões de outr'ora, as quaes plantaram-lhe no espirito a substancia eterna da saudade.

Quem, depois de ter sido tao amada, entre-

garia o coração, sem o mais cruel remorso?

Para completo successo do seu romance, Marília deveria ter morrido logo depois que elle partiu; então a sua morte viria a tempo, pois quando se morre moço, como que se é mais carpida...

« Ainda podia viver mais » repentem.

.
Os que iam a Minas, enquanto ella viveu, tendo vontade de vel-a procuravam fazel-o, ao que se ella esquivava.

Finou-se com 84 annos, comquanto ainda mostrasse no rosto os signaes da rara belleza, digna de taes versos.

A nova Capital da legendaria terra, n'uma das suas praças, deve erigir a ambos uma estatua, escrevendo no pedestal o epitaphio por elle deixado para o seu tumulo :

« Quem quizer ser feliz nos seus amores, siga o exemplo, que nos deram estes. »

.
Assim, os provindouros conhecerão a legenda do bardo immortalizado; assim é que no bronze e no marmore que endeósa os grandes vultos, a infancia aprenderá, sorrindo, a historia patria.

A FREIRA MARTYR

Liberdade de consciencia, o que és tu ?

.
Que grande, enorme e possante problema terás ainda a resolver, estatuindo no altar solido das crenças um Deus como o Jehovah de Moysés, ou o Christo, nascido em Bethlem, ou o Christna das tradições Thibetianas, e tambem o *Nada*, a materia, o cahos em fim ?

Essa lembrança phylosophica obriga-me, pela successão dos factos, a encadeial-a a outros, que prendem-se sempre aos dominios da historia patria. Abramos as folhas da mesma, na phaze em que a Bahia buscava ter a sua autonomia, livrando-se de Portugal.

Pela manhã do dia 19 de Fevereiro 1823, a indisciplinada soldadesca do general Madeira, não contente com os máus actos praticados, desrespeitando a familia e saqueando estabele-

cimentos, lembrou-se n'uma blasphemia impiedosa, n'uma metamorphose ignobil de homens para irracionaes, de irem aos conventos afim de obter, pelo saque, alfaias e joias.

Da palavra á acção, foi um minuto. Em massa, dirigiram-se ao convento da Lapa.

O tremendo alarido assustava a população, ao passo que os desalmados ao chegarem ao seu destino, a golpes de machado lascavam as portas do templo como uma horda de selvagens que desconhecem o respeito que se deve a Deus, á familia e á sociedade.

Uns, conseguiram entrar na igreja, enquanto outros, afastando-se dos altares, procuravam abeirar-se das grades que separam o recinto da residencia das religiosas, com riso alvar, phrases baixas, gesto obsceno, aos empurões, procurando uns chegarem primeiro que os outros ao ponto determinado. Era Abbadessa dessa casa na Bahia, soror Joanna Angelica, que por muitos annos governava as suas ovelhas, tornando-se querida pela sua grande caridade e meiguice. Ao ouvir a bulha, preuncio de enorme desgraça, reunio as professoras, noviças e o pessoal do serviço, indo com todos para a capella, onde, a orar, esperava os acontecimentos.

Todas tremiam encommendando as almas a Deus, quando a abbadessa sempre tão mode-

rada, a ver junto de si varios rostos sinistros, n'uma superexcitação, nervosa ante os gritos saticos dos que ousavam tocar o seu habito puro de qualquer contacto mundano, antes que elles se atrevessem a ir além e a aggreir as esposas do Cordeiro, resolvida a morrer, abrio os braços formando com elles uma fragil bandeira.

« — Para traz, bandidos, exclamou. Respeitae a casa de Deus. Antes de conseguirdes os vossos infames projectos, passareis por cima do meu cadaver! »

— Mata!... mata!... avança!... bravejou um renegado com os olhos vermelhos de concupiscencia e a bocca a vomitar palavras medonhas, dando um passo para a frente.

— Por Deus!... exclamou a religiosa.

— Mata!... mata!... repetiram, brandindo a espada que embebeu-se toda no peito virgem da martyr, que agora de braços cruzados sobre o mesmo, procurava estancar o sangue que corria a jorros, e lavava o chão. Com o olhar quasi exangue, cahio pesadamente sobre as lages, soltando agudissimo grito...

Não fôra a dor da morte, que esta era pequena, em vista de outra maior. Um homem dera um passo affoitamente para o logar onde ajoelhavam-se as virgens, quando acudio o capellão.

Era tarde... ella estava morta...

As columnas do templo da virtude estremeram nos alicerces.

As religiosas, as noviças, as orphãs, as servas, ou cahiam desmaiados com tremendos ataques hystericos ou fugiam espovoridas em desenfreada carreira...

As vélas amorteceram o brilho; o altar cobriose de luz arroxeadada trazida pelos raios do sol, o calice, a patena, os paramentos, tudo foi irreverenciado... mas, a branca clamide da Custodia, tremeluzindo de alegria, a brilhar com mais intensidade, do alto do céu, abraçada ao Cordeiro Paschoal, triumphante, ao som das cytharas celestes, dos canticos dos anjos, dos risos dos martyres, recolheu n'um lyrio sagrado o sangue de mais uma martyr brasileira, martyr pelo coração, martyr pela patria, e martyr pelo dever.

.
 Embora á custa de um holocausto, raiou finalmente o dia 2 de Julho, sendo porém mister que no tremendo cataclysmo das desencontradas opiniões, uma patricia nossa salvasse a dignidade da religião dos nossos paes e com ella dous altares : — o da egreja e o da patria.

MARIA QUITERIA DE MEDEIROS

« Independencia ou morte !... » exclamou nos campos de Ipyranga, Pedro I, provando com estas palavras que deviamos ser um povo livre.

Mas, independente disso, na Bahia, a lucta continuava renhida entre patriotas e lusitanos, a ponto da indisciplinada tropa do general portuguez Ignacio Luiz Madeira de Mello, dar saques nos conventos, resultando disso a morte da Abbadessa da Lapa.

A villa da Cachoeira, onde fez-se a insurreiçãõ, Labatu teve como successor o Coronel José Joaquim de Lima e Silva, enquanto a capital bloqueiada pela esquadra do Almirante Cockrane reduzia pelo estado de sitio os portuguezes á fome, e d'ahi a muitos vexames.

As familias fugiam para o interior, e angariavam-se voluntarios para engrossar as fileiras patrioticas do batalhão denominado : — « Voluntarios do Principe. »

Um dos emissarios patriotas foi ter ao sitio do colono portuguez Gonçalo de Medeiros, agricultor, que bem pouco se importava com o movimento politico da época.

Recebido com a proverbial franqueza e sinceridade nortista, o dono da casa sentou o recém-vindo á sua mesa, onde a palestra naturalmente cahiu sobre o assumpto da occasião. Discutiram sobre a afflicta situação do povo, que, apesar de já ter no Brazil Pedro I, soffria o dominio de Portugal que pretendia tornal-o novamente em colonia; o que fez com que o imperante, deixando a sua esposa como regente, fosse a S. Paulo e nas margens do Ipiranga soltasse o grito ácima, que fazia-o brasileiro, tornando-se assim em defensor perpetuo do Brazil (1).

A familia do colono, que além de uma filha casada, contava outra do seu primeiro consorcio, ouvia attenta o que dizia o hospede.

« — Se tiverdes um escravo ou filho, será um voluntario de mais, um patriota, emfim, que augmentará as fileiras, continuava elle.

A negativa do dono da casa, sua filha solteira, respondeu : — Se não tendes um filho varão, tendes a mim, como tal.

— As mulheres nasceram para cuidar da

(1) D. João VI deixou o seu filho como regente, não obstante não ter sido feliz o seu reinado.

Luctas intestinas cruzavam o Imperio.

casa; é essa a sua unica missão; retrucou iracundo.

O coração della pulsou violentamente. Na idéa, rapida, traçou um plano : — partir.

No dia immediato, indo seu pae á villa, ella disfarçada em homem seguio — tendo o conhecido batalhão dos « Voluntarios do Principe », mais esse patriota original, que jurou bandeira como artilheiro, cujo mister, sendo pesado para ella, eil-a no batalhão dos « Caçadores ».

Debalde o pae reclamou-a : era tarde ; o passo estava dado, ella era maior.

Maria, tendo como commandante ao major Antonio da Silva Castro, não obstante ser franzinita, foi um soldado modelo. A revolução ia ávante. Davam-se scenas terriveis ; os navios imigos enxotados foram para a ilha de Itaparica, onde debalde pretenderam desembarcar, o que não effectuando, eil-os no rio Paraguassú, onde ella com o capitão Victor José Topazio, sublime como Clara Camarão, como as Heroínas de Tijucupapo em Pernambuco, heroica, ácima de todo o elogio, com agua até aos seios, a tiros, obrigou-os a recuar... a recuar, procurando o largo.

No dia 1 para 2 de Julho, as familias portuguezas embarcaram ao lado dos que lhes eram caros para as terras de além-mar, ficando assim livre o nosso paiz de tão incommodos hospedes.

E a frota sulcava as ondas, emquanto ao Brazil abria-se um novo horizonte no despertar de uma nova felicidade...

Maria não cabia em si de contente.

Commovida, voltou ao quartel. No seu peito de patriota, affirmava-se a imagem do futuro dessa patria estremecida, cujo hymno havia ajudado a agrupar mais algumas notas mavio-sissimas. A cidade estava em festas; ella foi elogiada na ordem do dia; as felicitações que recebia, longe de vanglorial-a, tornavam-n'a timida, depois de se haver feito celebre... Salvavam as fortalezas, a bandeira auri-verde tremeluzia saudando a nação, emquanto ella, ao fictar o sol, que sorria ao da liberdade, com o seu batalhão dirigio-se ao convento da Lapa, cuja nova Abbadessa mandou fazer arcos de folhagem e abrir as portas do mosteiro para receber-a e bem assim aos demais patriotas.

Em lá chegando, o capellão leu ao general Lima e Silva em nome da communiidade a seguinte saudação :

« A madre superiora e mais religiosas deste convento, inundadas de justo prazer e grande alegria pela plausivel e triumphante entrada do exercito pacificador nesta cidade, tem a honra de offerecer a V. Ex^a e aos Srs chefes e mais officiaes do valoroso exercito do seu commando, estas verdes e frondosas folhas de louro, para

com ellas passar neste arco de triumpho. E, como as mesmas religiosas por sua profissão, não podem pessoalmente adornar-lhes as frentes, digne-se V. Ex^a receber das minhas mãos este publico testemunho das grandes virtudes e patriotismo de que se acha revestida toda essa illustre commuidade ».

D. Maria Quitéria de Medeiros, acompanhou também a officialidade, que foi pessoalmente agradecer esta prova de estima.

Cheia de jubilo, as professoras atiravam flores sobre a heroína, coroavam-n'a com grinaldas de folhas de cafeseiro e, abraçando-a, pediram que transmittisse o abraço a seus irmãos pacificadores.

Não julgando concluída a sua tarefa, quiz ser a portadora da noticia ao Imperador, que recebeu-a attentiosamente, collocando-lhe no peito as insignias da ordem do « Cruzeiro » e dirigindo-lhe as seguintes palavras :

« Concedo-vos usar estas insignias como um distinctivo que assignala os serviços militares, que com raro denodo, entre os mais raros do vosso sexo, praticaste, pela causa da independencia do imperio, na gloriosa restauração da Bahia. »

Ella foi alvo de longos commentarios ; teve varias biographias, entre ellas uma de Mary

Graham, escriptora ingleza, que viajava então por aqui.

Apezar de não ser instruida, nem ter tido fina educação, foi notavel.

A convivencia com soldados não a tornou grosseira ; pelo contrario, era delicada e affectuosa. Nos antigos camaradas sempre contou amigos. Alguns poetas dedicaram-lhe versos (1).

Já longos annos são passados.

Como Paraguassú, no notavel monumento erigido ao 2 de Julho, lá ella figura em rico medalhão mostrando, o seu nome immorredouro.

(1) O Sr. J. Noberto de Souza dedicou-lhe uma linda poesia intitulada — A Festa do Cruzeiro.

ANNITA GARIBALDI

A Julietta e Revocata de Mello.

Se, ao grande revolucionario italiano, não fosse necessaria a vida da grande heroína Catharinetta, ella, sem elle, não teria legado ao Brazil o valor da sua bravura elevada ao sublime, de par com o exemplo de um amor desinteressado e nobre.

Anna de Jesus Ribeiro nasceu em Mirim (Santa Catharina).

Filha de paes humildes, essa cidade orgulha-se de lhe haver sido berço.

Heroína pelo coração, heroína pelos deveres civicos, tal mulher tornara-se necessaria ao heróe que glorificava-se de tel-a a seu lado na longa campanha de seis annos, como o seu « anjo tutelar ».

A sua celebridade data de 1839, depois de ser proclamado a republica na sua provincia.

No entretanto, a guerra do Rio Grande do Sul interessava-a. Os « Farrapos », denominação dada pelo Brazil aos habitantes das nascentes republicas Americanas, e d'onde Garibaldi tirou o de « Scarro-pilla, » applicado ao navio que elle aprisionou, transportando para o mesmo os viveres e as armas do *Mazzini*, onde, elle, arvorado em corsario, cruzavas as aguas brazileiras.

Depois de varias aventuras, entrando ao serviço do Rio Grande, cuja séde republicana era em Piratinim, nessa natureza virgem em que se revia a manhã de um grande povo, tomando a peito a causa da independencia dessa provincia, a unica talvez que *reduz-se a Farrapos*, em pró da sua autonomia, fez com que elle, unindo-se a Bento Gonçalves o idolo dos republicanos, ficasse do lado d'aquelles bravos a quem auxiliou pelo espaço ácima já dito.

Depois de varias aventuras, de complicados combates, n'uma festa que davam aos seus alliados na estancia de rica senhora gaúcha, soube haver uma joven que interessava-se tanto por si, a ponto de empallidecer quando por ventura sabia-o ferido ou em situação desvantajosa para os seus feitos d'armas.

Em seguida da atrevidissima excursão a Santa Catharina, elle encontrou áfinal para a su' alma deserta um bom auxiliar na pessoa da



ANNITA GARIBALDI.

Annita, a quem tanto amou, após uma apresentação á familia della, que recuzou a não da joven em razão de lhe haverem arranjado um casamento que teve recusa da joven, na pessoa de Bento Gonçalves.

Por isso, ella despertou-lhe a attenção. O seu peito ávido de qualquer affecto feminino, pulsou escravisado pelo bello olhar d'aquella gentil brasileira, a mesma que por elle tanto se interessava.

Desde então, amaram-se; a vida fez-se em commum, deixando ella, depois, no Brazil, um bello nome, que mais tarde a propria Italia chamou a si, como uma questão de honra e que tanto deve calar no espirito das suas praticias.

.....
Coração de patriota, alma de heroína, Annita, desde esse momento, dia á dia, ao lado delle na campanha, compartilhou das suas desgraças e dos seus triumphos, mostrando energia fóra do commum, tomando parte nos combates, já de espingarda na mão, já na posição de artilheiro, animando os combatentes e, mais ainda, servindo de enfermeira solícita e boa, sem ambulancia, sem nada mais do que esses carinhos que a mulher, seja qual fôr a sua posição na sociedade, sabe dispensar pela bondade de seu coração e do seu sentimentalismo.

Na furia do combate, affeita a ver cair os

corpos e prolongarem-se os ais, indifferente ao fumo e ao estourar das balas, Annita Garibaldi foi mãe.

Entre ambos suscitou-se uma questão.

Que nome dariam ao menino nascido a 16 de Setembro de 1840, nesse mez em que fundou-se a republica Rio Grandense e que por isso teve o nome de Setembrina?...

Deveria dar-se-lhe o nome de um santo?

Não!... Garibaldi deu-lhe o nome de um heróe — Menotti (1).

Deixando o pequenito em casa de pessoas do seu conhecimento, continuou a acompanhar o celebre italiano, que com outros companheiros entrou triumphante em Lagos seguindo d'ahi para o Rio Grande do Sul.

Sem cingir-se ao papel de simples espectadora, a cavallo, ella assistia ao grande desenlace a favor dos republicanos contra os imperiaes, como no combate de Imbituba a 4 de Novembro de 1839.

De outra vez, sendo presa por ter o seu cavallo cahido varado por uma bala, apesar de um projectil haver-lhe atravessado a aba do chapéu, levando uma mecha de cabellos, mostrou-se digna, ainda mesmo humilhada, o que teve

(1) Menotti, hoje general, deve desvanecer-se da mãe que tanto se distinguio assim como de seu pae a cujo tumulo faz-se annualmente uma romaria patriótica.

logar depots da parte activa que tomou no combate de Santa Victoria.

Crendo a Garibaldi morto, pediu licença para verificar a sua previsão, procurando-o entre os cadaveres. Debalde fel-o. Então convenceu-se que, a não estar alli o corpo d'elle, com certeza vivia, em razão de haver encontrado o seu capote. Esta ordem deu o coronel Albuquerque, chefe das forças imperiaes, a quem detestava.

Embrulhando-se com elle, ao chegar a noite, fugiu, fez vinte leguas entre mattas impenetraveis e perigos imminentes, havendo illudido as sentinellas.

Semelhante a uma visão, o corcel corria, quando ao estampido dos trovões, ao clarão dos relampagos, subindo rochedos e galgando valles, vio um largo rio caudaloso onde quatro cavalleiros postados n'uma das margens, fugiram amedrontados.

Ella lançou-se nas aguas do rio Canôas, que passou a nado sobre o animal, animado por sua voz, enquanto segurava-se ás suas crinas.

Grande foi sua alegria, depois de restauradas as forças, em encontrar o seu idolatrado amigo.

Entre todos esses sobresaltos, Annita era mãe, sentia a ausencia de seu filho que necessitava de todos os seus cuidados, do seu amor, da sua vigilancia, tanto mais quanto, uma vez seu pae em difficeis situações, foi necessario

conduzil-o ao pescoço para aquecê-lo. O grande revolucionario, para a familia, era o maior cumpridor possivel dos seus deveres...

Na terrivel passagem das « Antas », nessa interminavel floresta, deu provas disso. Junto ao bom lume, não obstante ter ido comprar um pouco de baêta para agasalho, ficou commovido ao ver um dos seus companheiros tirar a sua vestia de lã e abrigar melhor o infante que estava rôxo de frio.

Sustentando-se de tuberculos, elle terno e dedicado, por esses tres mezes de invernada e chuva incessante, ainda assim, era patriota.

Depois de emergencias singulares, chegando a S. Gabriel em 1847, tomou caminho da patria já com dois filhos, onde outros tantos acontecimentos aguardavam a sua chegada (1).

Depois da campanha da Lombardia, Annita seguiu-o á Bolonha, Ravena, Macerata e Riceti até o dia que o heróe entrou em Nice.

A 30 de Junho, a Republica romana curvava-se á Republica Franceza. Annita, sempre ao lado de Garibaldi, deu o exemplo de calma e intrepidez, como se o que assistia fosse um simples epizodio da vida. Vestida de homem, quando deu-se a retirada de Roma, o 2 de Ju-

(1) Therezita, filha d'elles, perdeu de sua mãe o genio aventureiro. Mais de uma vez acompanhou a seu pae em varios combates.

lho d'aquelle anno de 1848, grávida de seis mezes, partilhou das suas fadigas sendo d'ahi que principiou o martyrio que tão fatal o foi.

Não obstante o seu estado, aquella traversia pela Italia, affrontando perigos sem fim, supportava energicamente as dores que a torturavam.

Em S. Marino, enquanto Garibaldi se occupava em levar soccorro aos Venezianos, ella foi uma das raras pessoas que o acompanharam. Surprehendidos, buscaram apressadamente em Magnaracéa um refugio. Então, já sem poder occultar os seus soffrimentos, os direitos da heroína cessaram, pois, a natureza reclamou os seus. Transportada para a casa de campo do Marquez de Guiccioli, onde por um accaso achava-se um medico, o Dr. Nanvini, elle desesperou de salvá-la.

Já a religião lhes sagrava o laço feito pelo mutuo consenso e terna amizade.

A historia unia os seus dous nomes n'uma aureola immorredoura... O seu genio aventureiro fêl-a egualmente, resolutamente tomar parte na campanha contra a Austria, collocando-se ella ao lado de Victor Manuel, a quem auxiliou na aggremação dos Estados Pontificios para a brilhante corôa da Italia, sem considerar o caso um crime de lesa-patria ou lesa-religião...

Na qualidade de esposa, de mãe, de patriota, Annita, a antiga aventureira, a quasi selvagem, querida, respeitada, vangloriava-se da attitude épica de seu marido, que depois foi eleito deputado e cujo nome enche de desvanecimento a sua patria.

Fallecendo em Nice, a 4 de Agosto de 1849, ás quatro horas da tarde, em cujo cimiterio acha-se o seu tumulo, as senhoras italianas tendo á frente a condessa Cigala, erigiram-lhe por meio de uma subscrição popular uma estatua de marmore, que attesta ás gerações o quanto valeu a illustre brasileira.

Em Ravena lá se acha.

Garibaldi sobreviveu-lhe, voltando depois da sera morte, á America. Fallecendo a 4 de Junho de 1851, acha-se enterrado na sua ilha de Caprera.

A Italia muito lhe deve.

D. THEREZA CHRISTINA

A Baroneza de Loretto.

Depois da maioridade de Pedro II, effectuada a sua coroação na capella imperial, no dia 23 de Julho do anno seguinte, assignou-se o seu contracto de casamento com D. Thereza Christina, filha do rei das Duas Sicilias, nascida a 14 de Março de 1823, por tanto mais velha tres annos do que seu augusto esposo.

Desde que aquella virtuosa senhora pizou o sólo brasileiro, ella só teve um ficto — ser util aos seus subditos, provando que a realeza achasse mais bellamente comprehendida quando o manto de soberana é bordado pelas lagrimas de gratidão d'aquelles que lhe são inferiores. Quando, porém, chegou o lugubre dia 15 de Novembro de 1889, em que, pela attitude da occasião, o general Deodoro gritara com a sua voz de autoridade : « Viva a Republica brasileira »,

a vaga popular machinalmente elevou os olhos para o Paço da cidade, embora a Imperatriz se achasse em Petropolis a passar o verão. A vida politica de uma nação obedece quasi sempre á evolução progressiva que irrompe do pensamento, que o applaude ou o condemna, eleva ou abate o fulgor de um throno ou a audacia de um caudilho.

O simples factó de cahir a monarchia, que perdurára annos, alarmou a população, sobretudo a alma feminina, receptaculo da alheia dor e que condeu-se da cruciante magoa que deveria abater a alma da illustre soberana, a primeira das senhoras illustres do Brazil, quer pela sua posição, quer pelas suas angelicas virtudes.

Quando veio para cá, encontrando um imperio invejado pela prosperidade do seu futuro, amada, e rica, nada disso a deslumbrou. Antes de ser soberana, era simplesmente mulher, dessas que passam á veneração dos seculos sem empanar o brilho da sua fronte, porque soube ser casta e fazer da bondade o seu escudo. Nessas condições, a intima conselheira e amiga de Pedro II, não levava a vaidade a ponto de querer para o seu diadema os mais valiosos brilhantes das minas do nosso paiz. — Ella, do seu dote annual, tirava parte para soccorrer a pobreza, lembrando-se que, ao passo que os seus



D. THEREZÁ CHRISTINA, IMPERATRIZ DO BRAZIL.

filhos viviam entre os arminhos e as rendas, milhares de cabecinhas louras, necessitavam d'um pouquinho de pão. O seu throno vivia juncado das rosas da caridade e do perfume da gratidão.

Mãe terna, esposa devotada, amiga da sua amigas, *avis rara*, sobretudo na sua posição, sobre ella não havia pessoa alguma que não se curvasse ao esplendor das suas virtudes. Os proprios republicanos apreciam-n'a como um exemplo raro de senhora. cuja suavidade angelica jámais offendeu a alguem. Era, pois, a « Regina afflictorum » dos necessitados. Ainda nobre, na queda que a fazia descer do throno, onde havia estado tão longos annos, já no ultimo quartel da vida, resignada e triste, não tinha saudades da realeza, mas sim dos seus pobres, para quem os olhos d'alma lançavam um adeus de ternura.

Com sorriso de martyr, fez a viagem, parecendo que o mar na sua magestade altiva humilhara-se perante a magestade da dor da santa princeza brasileira... pois que tiveram optima travessia. Em chegando a Portugal, no Porto, não podendo resistir ao frio do inverno, falleceu rodeada da sua familia, proscripta como ella, em Janeiro de 1890.

Logo que o telegrapho noticiou a triste nova, grandes e pequenos, nobres e plebeus, chora-

vam sentidas lagrimas por aquella que desprezava as tricas politicas, os enrêdos da côrte, para saber simplesmente pairar a sua soberania no grandioso papel da mulher que fez do seu coração a sua espada de combate, como mãe, esposa, patriota, martyr e amiga.

Na coração de sua familia, como no dos seus subditos, ainda brilhava aquelle doce olhar de Madona que cerrou-se para sempre, apezar de ainda poder viver um pouco mais...

Se um dia, porém, a Historia nos seus feitos, inquirir a razão por que expulsou definitivamente a realeza d'aqui, o nome de S. M. a Imperatriz D. Thereza Christina não tomará assento nas dissensões politicas, nem em cousa alguma que não seja tão pura, como a sua alma de eleita.

MARIA DE LIMA DAS MERCÈS

O seu valor na vida, foi a caridade, o seu logar aqui, é unicamente como uma benemerita.

Ella não teve familia, não teve mais do que a existencia commum e obscura d'aquelles cuja baixa estirpe debalde se a procura, se não pelo leito das rodas ou enchergas das « Maternidades ».

Mestiça, a ninguem tinha por si, mesmo porque a differença das raças ha de ser a eterna linha de divizão, que separa a sociedade.

Não trago-a á proposito, a fim de esboçar conhecimentos sobre a *Paleontologia* (origem dos seres,) longe disso, pois que a tanto não chega o *meu engenho e arte*.

Pobre e humilde, alma ignorada, dessas para quem os sacrificios são o pão commum de cada dia, a su'alma branca como o diamante, não tinha a impallidecer-lhe a menor jaça.

Temperamento puramente maternal, a desgraça dos pequeninos, feria-a directamente.

Na sua pobre casinha, ao fectar á tarde os raios sanguineos do sol ou as nuvens violaceas que indicam a sua despedida, derramaando o olhar pelas ruas de S. Salvador, via passar descalças, semi-nuas ou coberto de andrajos e remendos, innumeradas crianças, umas brancas como os jasmims, outras negras como a noite sem estrellas, aquellas, a rir, a brincar despreocupadas, olhar limpido como a sua consciencia, ou languido pela febre, das urgentes necessidades, que conduzem a mais das vezes a podridão do vicio e do vicio á cadeia e de lá aos prezidios, crianças que devendo ser castas, são perdidas, devendo ser boas, são más, pelo contagio do meio.

Na obscuridade do seu nascimento, lembrava-se que muita vez na sua infancia soffrera fome e andara assim...

Ridentes, as verdes collinas, os magnificos predios, os terrenos devolutos, alguns dos quaes pertenciam ao mosteiro de S. Bento, tão rico, tão nobre, com fazendas e propriedades, em quanto ella invejava um cantinho d'aquellas terras para nellas fundar um modesto asylo em proveito da infancia desvallida. Mas, que impetos sentia para obter tal resultado?

Conhecia de perto o padre Francisco Gomes

de Souza, a quem communicando a sua idéa, elle annuo apressando em soccorrel-a.

Ambos principiaram a agir.

Á final, á custa de muitos sacrificios, preparavam as couzas de sorte que pode ser levado a effeito a caridosa iniciativa dos dous compassivos particulares.

Foi um dia de festa para o seu espirito, o do inauguração da casa dos desprotegidos da sorte, cuja direcção inteira, era sua, somente sua.

Os pequeninos achavam nella os melindres do amor materno. Pois não era ella mulher.

Rapidamente completou-se o numero das asyladas, desse punhado de orphãas que gratas a sua protectorra, cobriam de affagos a quem soube educar homens para o trabalho e mulheres honestas para o exercio util da vida pratica.

Nesta faina escavavam-se os dias, quando falleceu o bom sacerdote, ficando o estabelecimento sem o seu mais forte esteio.

Até 1850, pôde com o seu trabalho sustentar a casa.

A final, sentindo-se debilitada, requereo do Governo o necessario auxilio, no que o Prezidente concorreu, nomeiando-a directora interna do estabelecimento, com regular ordenado. Os annos embranqueceram-lhe os cabellos crespos, as forças vitaes declinavam; a morte approximou-se, roubando-a.

A casa passou a ser regida pelas irmãs de S. Vicente de Paula.

A ingratidão humana, tornou-a esquecida; nem ao menos o seu retrato ficou, para que a posteridade venerasse-lhe a memoria.

Ella era uma alma ignorada, dessas que se encontram semeiando os beneficios, porem recebendo os espinhos cruentos do olvido.

ANNA AURORA DE JESUS

Desde que o espirito nacional comprehendeu que extorquiam-lhe os seus direitos, os pernambucanos já com as idéas abaladas desde a revolução de 17, de 24 e a dos *Cabanos*, em 1830, não podião ficar sem reagir, por isso optavam pela realisação da « republica brasileira », hasteando nessa hypothese, a bandeira da rebelião.

Abramos, leitora amiga, o calendario de 1848.

A guerra civil deu o seu grito de alarma, explicando a situação. O partido *Praeiro* e o *Saquarema*, provaram subido valor e patriotismo.

O facto do Presidente « Chichorro » depois de ver rechassadas as suas forças, entregar as⁹ redeas do governo ao 1° Vice-Presidente-Souza Teixeira, nao afrouxou o enthusiasmo, antes argueu novos odios pela collocação dos praiei-

ros dissidentes no poder, assim como os conservadores arraigados.

Naturalmente o resultado, foi, como é sabido, a entrada das tropas rebeldes commandadas, umas por Pedro Ivo e outras por Nunes Machado, o grande vulto que deixou a béca de magistrado pela barretina do rebelde.

Pondo-se á frente do seu partido, elle tinha a convicção de que, se os homens abalam-se a sustentar uma opinião em proveito da sua patria, mais vale receber o baptismo de uma bala, do que enxovalhar o brio nacional.

Morrendo no posto de honra, a terrivel dor do ultimo momento, lhe parecia sem duvida suave.

E foi o que succedeu ao grande heróe, que cahio varado por uma bala inimiga.

Os amigos do morto então, querendo dar-lhe sepultura digna do seu nome, em segredo levaram-n'o para Belem, a fim de evitar o desrespeito do cadaver, pela sanha do Chefe de Policia, Figueira de Mello, que muitas prizões effectuou.

N'aquelle tempo, no então deserto arrabalde, vivia pacifico cazal. Elle era o zelador de uma singela capellinha; ella, o amparo da sua velhice, occupando-se dos seus affazeres domesticos e da conservação dos paramentos sacerdotaes.

Até aquelles sitios chegou tambem a alar-

mante nova, pois tudo resentia-se do cataclisma que solapara as opiniões.

As ruas da galante, mas aquatica cidade, apresentavam marcial aspecto... O despertar de dia 2 de Fevereiro, foi terrivel...

Dispersas, como se estivessem em campanha, viam-se trincheiras e reductos d'uma e da outra margem do rio Capibaribe, assim como municações, mortos e feridos.

As tranquillias aguas sorriam a um dia bom, a um bonito sol, agitando-se repentinamente pelos projectis que rompiam o liquido elemento, elevando, chorosas, pequenas nuvens de pulverisação esbranqueçada, á proporção que chagavam-lhe a superficie.

Posto que governistas e rebeldes, eram com-tudo brasileiros; mas, como todos queriam ter direito a sahirem vencedores, davam-se actos de deshumanidade, propios de semelhantes situações.

Á final, não cogito como, souberam estar o corpo inerte do magistrado na alludida egrejinha e para lá se encaminharam.

O marido da Anna Aurora, fugio, ao passo que ella como o anjo da guarda do fallecido, escondeu as chaves, jurando só entregal-as se a matassem.

Pela tarde desse dia, em quanto as classes sociaes participavam da verdade ou da loucura

das suas opiniões, para lá dirigiram-se os inimigos, com ares de quem, ainda em uma massa inerte, desejavam vingar a desafronta.

Nessa época, tornara-se difficil o trajecto, por não haver como hoje, a locomotiva do progresso acordando os ares, com estridulo apito da machina a vapor.

Ella ergueo-se com a maior naturalidade, saudando-os.

— Queremos as chaves da capella, para tirar d'ahi o miseravel que não tem juz a um logar sagrado como este.

— Mas elle não está ahi; nem meu marido authorisou-me a isso, respondeu, muito sc-nhora de si.

— Somos do poder : Você, deve saber onde ellas se guardam. Olhe que em tempo de guerra, não se respeita a ninguem.

— E nem a Você, obtemperou outro.

O placido olhar da boa criatura cahio compassivo sobre aquelles grosseiros, que a insultavam.

— As chaves, mulher de todos os diabos, repetio o primeiro. Olhe que se não m'as der, desrespeito-lhe a idade e o sexo.

— Seja feita a vontade de Deus.

— As chaves!... as chaves!...

Tomando attitude digna, exclamou : — Tenho-

as, não as quero dar, ainda mesmo que me tirem a vida. Ouviram?...

Rugiram fêras. O valor civico foi desrespeitado. Bateram-n'a, civiciaram-n'a, cuspiram-n'a, sem que ella, inquebrantavel, cedesse uma linha, dando apenas um passo para a sua casinha a fim de fechal-a.

A couces d'armas, conduziram-n'a para o « Quartel de policia », que aliás fica distante, ao passo que os amigos do morto ali mesmo davam-lhe a ultima morada, protegidos pelas lagrimas da saudade e do dever.

Serenadas as opiniões, annos depois, já bem velhinha, quasi céga, a miseria bateu-lhe á porta.

O Dr. Aprigio Guimarães, talento de primeiro quilate, fez conferencias publicas em favor della, enaltecendo o seu valor civico, terminando por implorar para essa mulher tão digna, a protecção da sociedade feminina.

A caridade e o patriotismo, soaram como uma harpa afinada, no coração das senhoras pernambucanas.

As aristocraticas mãos enfeitadas de diamantes, mãos habituadas a dedilhar as teclas do piano, da harpa ou da cythara, apertavam n'um miseravel albergue as já mirradas da emerita compatriota, mitigando com farta esmola,

a pobre creatura que tanto fez honrando o seu sexo.

E aquella nobre alma, ao aspirar o perfume d'aquelles lábios bemdictos, ella tão humilde, tão desprezada, achou-se relativamente rica nos ultimos instantes, pela compensação moral que gozava inesperadamente.

As damas d'alta roda continuaram a cercar-lhe o leito, e cerraram-lhe os olhos humedecidos pela baga da gratidão, perolas sem preço transformadas em flores que corôam o espirito da velhinha santa, que deo-nos exemplo digno de ser imitado, tão grande tornando-se perante o coração, a consciencia, a sociedade, a patria e a nós, as mulheres.

D. ANNA NERY

O Deus dos exercitos protegeu o Brazil, dando coragem aos bravos para essas explorações victoriosas, onde a espada flamejante das conquistas permite manter a idéa consoladora de encravar nos fastos da nossa bandeira as perolas da tenacidade, onde cada gotta de suor, cada gotta de sangue, é o Evangelho que se grava no livro do futuro, como uma epopéa.

Foi por essa razão que, sentindo-se o Brazil desfeito pelo Paraguay, cessaram as considerações amistosas. A atmospheria de insulto havia aquecido os animos no convenio do amor proprio.

As som das fanfarras, marchavam os batalhões.

A offensa seria lavada com o sangue, procurando moldar a independencia do nome brasileiro, engastando mais um feito d'armas no seu dourado brazão.

O nome de Ozorio, o de Mitre, o de Flores e o de Caxias, ficaram immortalisados. Depois, quando este ultimo e já enfermo, retirou-se para a Côrte, o conde d'Eu, general em chefe das operações seguiu para a guerra, na justificativa do *porque* da sua nomeiação. Elle precisava agir...

Um filho de S. Luiz iria provar o renome dos seus antepassados. O exercito inimigo já desfallecia, pois se haviam dado varias batalhas, com insuccesso para aquelles.

A Europa curiosamente olhava para o Brazil, aguardando o desfecho, quando em 1870, uma senhora bahiana de fina sociedade, D. Anna Nery, viuva do capitão de fragata Isidoro Antonio Nery, accompanhando seu irmão o Tenente Coronel Joaquim Mauricio Teixeira e tres filhos seus, dous medicos e um militar, seguiu para o campo da lucta com o 40 batalhão de voluntarios, na qualidade de enfermeira.

A sua terra natal applaudiu a iniciativa e cobrio-a de flores no dia da sua partida.

Doia-lhe a alma ver tão longe os nossos patriocios sem ter junto delles quem lhes lembrasse a mae ausente, ou a esposa amada, por isso seguiu, sem ter bruel nem véu de religiosa.

Inflamava-a Caridade...

Era a mulher encaminhada simplesmente pelo coração, que sera o eterno gigante que a prote-



D. ANNA JUSTINA FERREIRA NERY.

gerá na sua propria fragilidade, nessa centralização que abroquela o sentimento, tornando-a tantas vezes heroína.

Chegada que foi ao logar do seu destino, durante o tempo da campanha, rezidio, ora em Corrientes, ora em Assumpção.

Supportando as fadigas sobrevindas, ao lado das humanitarias filhas de S. Vicente, aqui, alli, alem, ella consolava os moribundos, nesse desprendimento que evolva do seio da mulher sensível e dos seus cabellos còr de neve.

Lá no campo, soavam os clarins; os bravos, postos em linha de combate, ao som do hymno nacional, cahiam sem sentir a morte, em razão da defeza de uma cauza justa e nobre.

Mas o sangue lastrava o solo, o suor da agonia, orvalhava a selva tapetada de flores, na magestade imponente do direito patrio, que brada ao valente : — Morre, que resuscitarás na historia! »

Mãe, D. Anna Nery, vio, entre aquelles que deixavam a existencia, vio succumbirem dous dos seus filhos, sobrevivendo apenas um, no qual depositou todo o seu carinho, de par com toda a sua affeição.

Afinal, com a morte de Solano Lopes, terminou a guerra, podendo então voltar a illustre

senhora ao torrão que a vio nascer (1).

A dor sem tregoa que acalcanhara-lhe a alma imbutio-lhe na face grande tristeza, por ver muito ao longe, dous tumulos solitarios e fechados para sempre o que contrabalançava com a alegria da patria, e o ruido que faziam á roda do seu nome.

Por de mais convencida, verificou ser a dor, a unica companheira leal do ser que vive. *Nella*, tambem existe uma tal ou qual doçura, por ser inherente ás leis da compensação.

A sua volta, entre tanto, foi um verdadeiro triumpho. Por onde quer que passasse, cobriam-na de bençãos, de flores e considerações.

Ao chegar aqui, as senhoras bahianas offerceram-lhe um Album e o seu retrato a oleo, afim de ser collocado na Camara Municipal da sua Provincia.

O governo Imperial marcou-lhe a pensão de um conto e duzentos annuaes, alem de lhe dar a medalha de prata, concedida pelos serviços prestados á humanidade, pois, bem a merecia ella? Fizeram-lhe justiça: assim foi recompensado o dever civico dessa brasileira illustre.

(1) A nossa esboçada trouxe da guerra seis orphans que educou Vimos o retrato della tirado em Montevideu rodeiada dessas criancinhas.

A virtude, a liberdade, a honra, e o amor do proximo, valem uma epopéa immorredoura, que irronpe da alma da mulher, nesse trio sublime :

— Familia!... patria!... e humanidade!

NIZIA FLORESTA

É-me impossível, ao escrever este nome, não sentir a vassalagem que o espirito rende ao talento culto como era o della. Não exagero; as suas obras ahí estão na Bibliotheca Nacional. As pessoas illustradas, conhecem-n'a; pena foi que não vivesse aqui e que por isso não se tornasse popular. Ella morreu em Nice em 1877.

Nizia Floresta Brasileira Augusta, nasceu no Rio Grande do Norte, onde exerceu por muitos annos o magisterio publico.

Jubilando-se, porém, com seu marido e filhos ainda pequenos, veio para esta cidade por julgar naturalmente o meio mais amplo, tencionando alargar por isso o seu grande talento, cuja estampa deixava nas suas discussões politicas ou litterarias, nas suas conferencias e nos seus volumes.

Olhando então para a politica do seu paiz ainda escravocrata, aqui em 1842, tentou umas

conferencias publicas que aliás foram concorridas pelo que de mais selecto havia.

Sahiam d'ahi deslumbrados não só pela presença agradável da joven senhora, como pela audacia da sua intelligencia de primeira agua e ainda mais... um horror para aquelle tempo! .. por ouzar a illustre dama fallar em abolição e em federalismo.

Odio surdo principiou a deprimil-a nas folhas onde escreviam pasquinadas contra a mesma, pelo que, insultada, retirou-se, acto continuo, para a Europa, não sem deixar impressas em 1842 as ditas conferencias assim como os « Pensamentos » em 1854.

Naturalmente aqui não tinha o centro mental que encontrou na Europa. Occorria mais uma circumstancia : ella era uma professora, que então, não era obrigada a saber grande cousa apesar de haver educado centenas de crianças que foram depois boas mães de familia (o verdadeiro throno da mulher), e rapazes, muitos dos quaes teriam de dirigir o barco da nação.

Eram preconceitos arraigados, mal comprehendidos, por não se interpretar a bussola que guia a emancipação do espirito feminino, quando as scentelhas do genio fazem surgir do cerebro varios predicados honrosos, como o seu poemêto em versos brancos : — « A lagrima de um Cahité. »



NISIA FLORESTA AUGUSTA.

Chegando á Europa, depois de percorrel-a em parte, fixou residencia em Pariz, estando porém, antes disso, na Italia, onde os seus « Pensamentos » foram traduzidos para o italiano e edictados em Florença, na ultima dacta á cima, livro esse que fez com que a litteratura italiana lhe abrisse os braços e a recommendasse aos collegas de Pariz.

É verdade que tudo tem a sua epoca, o seu meio, a sua actividade e os seus adeptos.

Ella por força havia provar que era brasileira; os seus primeiros livros, têm esse capitoso arôma que se infiltra no Brazil, sobre tudo na poesia do Norte. A litteratura feminina, quanto á mim, é muito subjectiva; tem em si um quê de original, sobre tudo a nossa, que não se confunde com outra qualquer.

Por mais energica que seja a penna, hade trahir a origem.

Logo que chegou a Pariz, a litteratura franceza vio o annuncio do seu livro escripto na lingua de Voltaire : *Trois ans en Italie*, que eu li de um folego e o recommendo á minha leitora.

Ao apresentar as cartas, o attestado do que era, fez com que a illustre brasileira, circumspecta, affavel e attrahente, na alheia patria, achasse o que faltava na sua.

Ainda os « Pensamentos » foram traduzidos

em francez, sendo alguns dos seus livros prefaciados por collega.

Frequentava-lhe a casa o erudicto Victor Hugo, Auguste Comte, que della falla n'um dos seus livros, Littré, Alexandre Dumas pae e outros tantos, em quanto ella, educando os seus filhos, via-se cercada do que de melhor existia nas artes, lettras e sciencias. Em 1867, ainda em Pariz, deu a lume o seu romance « Parsis », que, de par com outros, dava a perfeita revelação do quanto valia uma cabeça tão bem-incomunhada, o que comprovou nas suas « Memorias ».

Teve o seu busto em bronze e em marmore, como verifiquei na visita que fiz a seu filho, o Dr. Augusto da Rocha, director de um collegio com o seu nome e em memoria della.

Teve o seu retrato no « Novo Mundo », jernal illustrado, no Almanach de Castilho e em varias Revistas. Além disso, era socia da algumas corporações scientificas e litterarias, honras só comprehendidas pelas almas que não escarnekem do preito assim rendido. Verdadeira organização litteraria, quando idosa, os seus cabellos alvas penteados á ingleza, davam-lhe o aspecto de uma belieza severa.

Ella comprehendia facilmente o gozo que frue a mulher litterata, recebendo essas ova-

ções espontaneas, medindo com o seu olhar de aguia, a altura desses privilegios...

Em seguida, Nizia, de longe, lá do paiz dos gelos, lançava no espaço o olhar que saudoso cahia nesse Brazil tão querido, que mais tarde abolio de todo a escravidão, onze annos depois da sua morte, ao passo que sobre o assumpto escrevera assim :

« A domesticidade é uma instituição eterna que a humanidade consagra e apura ; mas a escravidão é a obra maldicta pela sciencia, pela religião e até mesmo pela politica.

Ella embrutece a intelligencia do senhor, corrompe-lhe o coração e mais tarde até mesmo o proprio character.

.
Quando leio de novo os seus livros, comparo-a em profundeza á actual M^{llo} Martineau, bem conhecida na litteratura de agora e que compillou as obras de Comte.

Nizia Floresta, correspondendo-se com o grande vulto scientifico francez, algumas das suas cartas foram encerradas no acto da inauguração do templo positivista aqui no Brazil, como preito a nossa patricia.

ANNA LOSSIO SEIBLITZ

« In hoc signo vincis », foi a bandeira dessa escriptora, no baptismo da Fé que se espalhou pelos desertos brazileiros, desde que se desfraldou na nossa patria a flammula dos crentes de Jesus.

Nascida aqui no Rio a 6 de Novembro, de 1830, e filha de D. Nuno Lossio Seiblitz e de D. Anna Correa de Araujo, não foi bonita.

Fidalga de origem, educaram-n'a com todas as virtudes do lar domestico, mas com todos os preconceitos da sua raça.

Assim, pois, ouzava encarar, sobranceira, os elementos sociaes com que luctava.

Trabalhadora emerita, o vacuo que divisara ante a vista, dava-lhe coragem para sobrecarregar-se de aífazeres litterarios, recebendo de uns o galardão e de outros a indiferença.

Na sua esthetica mental, o cunho brazileiro achava-se a cada passo, como notei na sua no-

vella dos tempos coloniaes sob a epigraphe. — « D. Narciso de Villar », da qual extraio a seguinte descripção dos nossos costumes sertanejos. « Uma noite de inverno, na minha infancia, achava-me com minha familia em Ponta Grossa, hospedada em casa de umas gentes mais antigas do logar.

Ao pé de um bom lume cujo calor saboreavamos por estar a noite fria, nelle assavamos batatas rôxas e carás, que eu comia com delicioso prazer, julgando-me feliz.

Ouvia tambem historias que me contavam duas Indias irmans, já velhas, com a sua falla pausada e cadenciosa, com essa algaravia unica em que se misturam as linguas primitivas e a portugueza adoptada, que tanto me agradou.

De vez em quando, atiçavam ellas as chamas e tiravam do brazeiro, com tenaz de páo, os carás e as batatas tão bem cosidas como se o fosse n'um forno.

Com a viveza propria do meu character, eu fazia mil perguntas a tia Simôa e á tia Michaelle, as duas alludidas Indias.

Nessa noite, ouvi muitos factos interessantes ácerca dos padres santos que me seria longo enumeral-os ».

Depois disto, examinando os seus trabalhos litterarios, conclui de uma carta escripta em

versos brancos a uma amiga, ter ella soffrido qualquer magua no coração, porque :

« Não o creias não, por tanto, chara Emilia, no que dizem os homens... »

Foi talvez esse o motivo pelo qual, sem forças para arcar com os assaltos d'alma, dedicasse á religião o resto das primicias dessa candura e afeição tão mal recompensada pelo ingrato...

Da sua aristocratica mão, sahio edictado pelos Snrs Laemmert, os livros que lá estão impressos com tal ou qual luxo, ornados de estampas, sob o titulo de : « Historia do nascimento de Jesus Christo », e mais : « O sagrado caminho da Cruz. » Historia da vida de Maria Santissima » e ôs « Contos Religiosos. »

Francamente, prefiro-a como prosadora, apesar de attender á epoca em que os escreveu.

Nessa batalha muda de gabinete, onde o lume da idéa dirige o neophito, nesse ardor de produzir, de arcar e de vencer, sobre tudo quando se trabalha isoladamente, não obstante a serie dos invejosos, já com o seu nome conhecido, Anna Lossio escreveu na « Marmota Fluminense, » no « Brazil Historico » e no « Correio Mercantil. »

Muito pura de sentimentos, em tudo quanto deixou escripto nota-se idéa da religião de Christo.

Não devemos nós, as mulheres, criminal-a por isso.

A especie humana, como toda a especie animal, é sujeita a uma lei experimental, seja desta ou d'aquella forma, tendo como attestado o inicio do Bem, que possúe a sua séde no amor e crença da retribuição moral e na justiça divina, pela comprehensão do mutuo affecto do proximo. A essencia da verdade, leitora, é que a induzia a pensar assim, por tanto aparou a penna e pôl-a ao salario da sua consciencia...

Impressionada pelas leituras sacras, ella traduzio o *Polyucto* esse grande trabalho escripto no seculo xviii por Corneille, tragedia christã e como trecho litterario, acceito em todas as épocas, por ser um bello elemento da civilisação do povo que une-se intimamente á moral.

O Polyúto, lido então no palacio Rambouillet, causou grande impressão nas reuniões dirigidas pela illustre dama, cujo nome chegou aos nossos dias.

Anna leu todas as epopéas christãs, tornou-se intima de Fenelon e de Bossuet, motivo pelo qual tentou escrever no mesmo sentido.

Ella falleceu em 1877, deixando aos seus descendentes o legitimo orgulho de tel-a como progenitora.

BARONEZA DE MAMANGUAPE

· Na então côrte do Imperio, appareceo na « Gazeta de Noticias » um soneto assignado pelatitular, cujo nome encima estas linhas.

Em seguida, leram-se outros muitos, que, embora com o pseudonymo de Carmen Freire, o estylo trahia o talento da elegante poetisa.

Immediatamente, a litteratura prestou ouvidos; os periodicos principiaram a fallar nella, os frequentadores da rua do Ouvidor olharam-n'a mais attentamente : primeiro, por ser a esposa d'um alto dignatario do Senado brasileiro, em segundo, porque fallava-se ácerca do casamento de sua joven filha com um talentoso poeta do Norte, o Snr Guimarães Passos, conhecido na boa roda dos rapazes do tom.

Com a trombeta da fama, com os apparatus elogios da mesma « Gazêta de Noticias », foi ganhando nome de poetisa, a distincta senhora, cuja corôa de baroneza brilhou mais bella-

mente, em razão de unir ás perolas da sua corôa, os diamantes da sua fecundidade mental.

O seu todo de estatua grega, vestida de preto, ar aristocratico, nariz um tanto aquilino, bocca desdenhosa, maneiras desembaraçadas, nervosas quasi histhericas, despertava a attenção, sobre tudo depois que surgiu a poetiza.

Uma mulher de talento, provoca, digamos aqui muito á puridade, uma certa impressão deliciosa em todos aquelles que se compentram do quanto vale o lume do cerebro; e se ella não accelera a fama, tornando-se ruidosa, então, é como um desses lyrios que nascem nas grotas á beira da estrada, mas cujo perfume approxima aquelles que adoram as flores raras...

A fortuna, e a posição de seu marido, davam-lhe o direito de frequentar a grande sociedade e gozar tambem de certo conforto.

Com a subida do novo regimen, com elle adherio á republica, que tornou-os relativamente pobres, por faltar ao barão o subsidio de Senador, assim como os braços escravos, roubados ás suas fazendas pela lei 13 de Maio.

Ella, pois, confiando em si, tendo a seu favor o elogio mutuo da terra, esse arôma venenoso que mata e do qual Scribe já no seu tempo tanto condemnava, resolveu publicar um livro



BARONEZA DE MAMANGUAPE.

cujas provas eu tive entre mãos, livro de bonita contextura artistica, dividindo os sonetos uma elegante corôa de baroneza, que dava motivo á critica por duas razões : uma, o seu nullo valimento perante as leis republicanas, outro, por ter ella annuido ao novo regimen, portanto, haver-se tornado uma burgueza, como a mais simples mortal.

A sua alma, ferida por estes cardos e pelas desillusões da vida, impellio-a energicamente a obter para o idoso companheiro dos seus dias, uma pensão que lhe foi dada generosamente.

Em seguida, cuidou da publicação do seu volume, o que por si, não o podendo fazer, começou a trabalhar, pediu assignaturas áquelles que nos seus salões em curvatura reverante, postravam-se humildes, beijando-lhe a enluvada mão. Felizmente, foram fidalgos, podendo conseguir assim dar começo á impressão.

É nessas condicções que eu admiro-a como heroina, por arcar com o desprezo, (permittase-me a phrase), e irrisão até, que se lança á mulher que trabalha pela intelligencia, nesse humilde labor ainda não bem comprehendido, por não se levar a sério os trabalhos femininos que sahem da forja da imaginação, nessa febre sem cura que desespera, sobre tudo, quem, como ella, via a seu lado uma filha angelica e um filho para educar.

Não foi completo o triumpho de « Carmen Freire », em razão — de ter fallecido em Setembro de 1891 — occupando-se disso a imprensa inteira.

Não sei, porem, que fim levou o seu volume; o certo é, que o espirito moderno comprehende por intuição as paixões que surgem, que esphacellam o espirito e as crenças, nas grandes dores da humanidade. Houvesse entre nós gosto pelas lettras, que grande seria a mésse das sacerdotisas do talento aqui...

Os versos da baroneza de Mamanguape, eram doces, fluentes, harmoniosos, naturaes, sem com tudo darem margem a que se esperasse della esses poemas que ficam e se decoram, pois que não temos sufficiente meio, para atrevidas expansões...

Depondo sobre o seguinte soneto um grupo de rosas, os que deixou, correm mundo com geral aplauso. Leiamos a bem burilada joia.

A PEROLA

Oh! tu que habitas entre os invios mares,
Perola rara de nitente alvura,
Copia divina de immortal candura,
Deusa occulta em maritimos altares.

Desprende-te dos nitidos collares,
Transforma-te em humana creatura,

Então, mulher, prodigio de esculptura,
Como o teu amor affasta-me os pezares.

Sê tu o alento, o poderoso veio
Que penetrando a curva do meu seio
Torne a minh'alma ardente e venturosa.

E mostrando-me as formas peregrinas,
Visão da noute, em sonhos côr de rosa,
Vibra em meu seio inspirações divinas

DELIA

O Diario Official seccamente rezou no seu obituario :

« Maria Benedicta de Borghman, nascida a 25 de Novembro de 1853 e fallecida a 15 de Maio (1896) e nada mais !... »

Officialmente Délia estava morta, registrada a sua certidão de obitos, por tanto envolta no negro sudario e atirada na argilla que decompõe a carne, cujos ossos passados pela retorta da chimica organica, se transformam em cinza e em nada.

Depois o « Paiz » noticiou ligeiramente o traspasso da sua antiga collega ; a Gazeta disse a respeito meio duzia de palavras, e só.

Ella descia ao tumulo, obscura, como qualquer vulgaridade, sem os necrologios da Imprensa, sem grinaldas em exposição, sem missa de requiem, sem cousa alguma em fim que symbolisasse esse pezar mundano, mentido em-

bora, mas que na occasião satisfaz e consola os que ficam...

Não teve uma alma temperada de saudade, que fosse em nome da arte ornar o marmore do seu jazigo com um punhado de flores, ou lagrimas do coração.

Filha de Porto Alegre, e de paes illustres, esposa de distinctissimo engenheiro, desde pequena, mostrara singular intelligencia, vivacidade e espirito.

Abrindo-se-lhe as grandes portas da sociedade, Maria, que então reunia uma belleza adoravel á correção de maneiras finissimas de mulher de salão, instruida, amante das artes, tocava regularmente piano, cantava com magnifica voz de meio soprano, desenhava e conversava elegantemente, alternando a phrase ductil e scintillante, com as luzentes chispas de sua alma culta.

Era uma delicia ouvil-a, ao passo que notava-se no franzir dos cantos dos labios, aquelle tregeito mordaz que tanto a distinguia de outra qualquer senhora presente.

Foi longo o romance da sua vida, que tornou-a em optima psychologa, estudando em si, a psychologia alheia, por necessidade propria.

Casando por amor, pouco tempo depois principiou a comprehender o mundo sob um outro aspecto; d'ahi nasceu a artista.



DELIA.

Então, eil-a a escrever na « Gazeta da Tarde », fundada por aquelle grande talento que se chamou Ferreira de Menezes.

E o tirocinio litterario começou sem treagoas; ella escrevia por necessidade e por temperamente.

Lançou-se no mundo das lettras sem se pertencer, como uma louca, sugeditando-se aos applausos e ás injustiças de um publico que, inconsciente, ás vezes por um capricho acceita ou repudia qualquer trabalho.

Depois desse jornal, desde a fundação d' « O Paiz », que entrou ao lado de Quintino Bocayuva e d'outros nomes sagrados na Imprensa diaria, na collaboração da folha, sendo nelle que amadureceu o talento da illustrada contista.

Com isso, principiou a conquistar um bonito nome que rapidamente tornou-se conhecido.

Formosa, com os bons predicados que possuia, a fascinação da gloria entreabria-lhe o reposteiro da fama, a vaidade veio oscular-lhe as plantas, a phantasia com o poder do seu doirado filtro fêl-a, qual mariposa, embriar-se de um ideal que aos poucos, pelo declive da realidade terrivel, desceu, tornando-a em pessimista rancorosa, discrente, desamorosa pois que soffria, mas não se vingava...

E o coração, aquelle organ palpitante, a

victima do sarcasmo, resentido, só encontrava um alivio na penna, nessa especie de suggestão que arrasta o artista e fal-o comparar ás aguias que fictam o sol, mas que encarando-o, como se humilhadas da affoiteza, descem á terra e vão das miserias da vida, tirar o proveito do proprio mal, apresentando-o como exemplo na cartiha da experiencia...

Foi por isso que ella tornou-se em uma especie de Zola de saias, deixando na « Lesbia », o seu melhor trabalho, o cunho da escriptora que diz convicta o que sente e não se arrepende do que assevera. D'ahi, a nobreza da phrase, a firmeza da penna.

Nesse romance, fez a sua autobiographia, dando a conhecer as amarguras que estraçalhavam-lhe as illusões, prestes a cahirem de todo...

Eu, que ouvi ler o prologo desse livro ainda em manuscripto, analysando-o agora friamente, assim como a « Aurelia, Magdalena » e outros mais, hoje, que a pedra fria do tumulo occulta aquellas formas seductoras, ao acaso abro-o, transportando para estas paginas, o trecho que se segue :

« É um monstro de orgulho o rei da creação, esse miseravel bipede sujeito á miseria, á dor e á morte, encerrando no fragil torax o mais sordido egoismo, á par de insensatas vaidades

e tolos preconceitos. Tomando muito ao sério a sua realza sobre todos os seres, refere tudo á si, exige constantes zumbaias, esquecendo que a sua superioridade apenas consiste na sua intelligencia ou por outra, na faculdade de dissimular e de machinar, dosando assim a sua perversidade. »

Era ella que se retratava, despeitada, quando, na culta sociedade que a vio nascer, ao passar pelos salões arrastando a longa cauda do seu vestido de baile espumante de arminhos com arregaços de flores, collo nú, braços esculpturaes; olhar avelludado, soberana pelo talento a analysar tudo com certa perspicacia julgando e sendo julgada, depois olhava-a com desdem. Terrivel irrizão... Não foi melhor, morrer !...

Com tudo, a descrença não lhe havia ainda sacudido os nervos, tornando-a em escarninho de si propria...

Depois da sua desastrosa « Celeste », seu ultimo livro, incomprehensivel, tresloucado, aneurasthesico, um livro máu de psychologia, appareceu o seu ultimo trabalho litterario n'uma orientação toda nova, nessa « Myladay », feita sobre outro molde, burilado com esmero, um quê de philosophia na phrase, correcta na forma que segundo Scherer, faz o successo ou o descredito de um trabalho. Foi este o seu

testamento litterario; foi esse o ultimo mimo que legou ás lettras n' « A. Noticia », que deve orgulhar-se de possuir aquella joia.

A litteratura por em quanto entre nós, é mal comprehendida sei, mas, se não se obscurecer o merecimento da mulher escriptora, o nome da Délia, tem direito a ser lembrado.

— — —

D. MARIA RIBEIRO

Seja-me licito nesta ultima folha fallar ainda sobre uma senhora que viveu pelo talento e actividade que a distinguia e cujo nome acha-se ligado ao nosso theatro, por varios titulos de honra.

Verdade seja que o theatro brasileiro ainda não conta entre nós muitos volumes, não obstante ter elle tido interpretes e authores de merecimento.

O vulto glorioso de João Caetano, falla bem alto.

Todavia, a força espiritual entre nós, é de grande alcance. Como authores, salientam-se entre outros, Macedo, Alencar e Penna.

Com a continua vinda de companhias de operetas, o theatro dramatico, é certo, acha-se um tanto desprezado, o que é um mal. O drama educa o sentimento e o segredo do escriptor é prender o espectador á scena onde o actor, com-

penetrando-se do assumpto, attinge a idéa, chamando á si, a personalidade que representa. Ambos assim, se unificam é d'ahi que surgem; os *genios*.

O artista da penna e o artista do palco, chegando a commocionar, a attrahir a platéa, terão conseguido o seu desejo, por ser grande o papel que desempenha na sociedade esse duélo de ideas e da consciencia de si proprio.

É evidente e logico que, entre nós, o theatro mais tarde, hade passar por uma methamorphose para a educação esthetica do povo, e da sociedade moderna, como já foi nas idades antigas desde a India, (vide Schegel) que teve uma litteratura brilhante.

Depois, veio a Grecia, com as tragedias de Sophocles, Eschylo e Euripides, teado na satyra, a Aristophanes.

A França sobresahe mostrando as comedias de Molière, o *Cid* de Corneille, as tragedias de Racine, e a escola poetica de Lamartine, Dumas e Hugo.

A Inglaterra orgulha-se de Ben Jonhson e Shakspeare, a Allemanha, de Goethe e Schiller, a Hespanha com a Celestina de Cervantes, o immortal escriptor do celebre D. Quixote e mais as comedias de capa e espada de Lope da Vega e os dramas heroicos e peças religiosas de Calderon de la Barca. A Italia immortalisou a

Ariosto e a Machiavelo, cujas producções por si, bastam para enriquecer a litteratura dramatica, de qualquer paiz.

Ihsen e Bjornson, na Scandinavia, são agora os authores da moda. A *Caza da Boneca*, do primeiro, cujo trabalho me veio os mãos, é esplendido na sua simplicidade verdadeira.

Portugal, desde Gil Vicente, em successivas gerações até Pinheiro Chagas, Gervazib Lobato e D. João da Camara, envia-nos os seus trabalhos que educam o sentimento e dispertam a *alegria* adormecida por fataes desgostos, nessa encantadora verve que traz a platéa em applausos e risadas, como succede com as comedias do fallecido França Junior e com as « Revistas » do Arthur Azevêdo, apoiando com hilaridade a critica e os defeitos onde cada espectador, author e actores, veem nellas as suas proprias faltas... e as do seu meio...

Fallemos agora á cerca da mulher e o que ella tem feito nesse genero.

Na França, contam-se já algumas de nome laureado no theatro, como Madame de Girardin, Jorge Sand, Ignez Ségalas e Madame Caza-Mayor. Na Allemanha, desde remotos annos a Worwitha, a monja escriptora, que iniciou os *autos* e as *farças* religiosas representadas pelas suas pupillas. Lisbôa, se regosija com o que ha

escripto para tal fim, a elegante penna de Guio-
mar Torreção.

Ora, a litteratura brasileira com o quente
aroma da sua poezia, com a largueza do pensa-
mento offerecido pela natureza, com a calor da
imaginação emprestado pelo seu clima, não
podia deixar de lavar de luz brilhante as facul-
dades da mulher patricia ensaiando a litteratura
dramatica, a meu ver, a mais difficil, pelos mo-
tivos já expostos.

A individualidade de Maria Ribeiro, é a que
mais avulta no genero; saibamos quem foi.

Depois de Beatriz Brandão, nenhuma estudou
o enredo d'um drama, a graça de uma comedia,
com mais observação, com mais argucia na per-
sonalização da engrenagem do trabalho assiduo,
dado pela soberania do talento e da força de
vontade (1).

Espirito culto, rodeiada pelo que havia de
melhor entre os collegas do seu tempo que lhe
frequentavam a casa, ensaiavam certames lit-
terarios, experimentando as aptidões mentaes de
cada membro.

Quem a conheceu intimamente, narrou-me,

(1) Nos tentamens apresentados, citamos o nome de Jo-
sephina de Azevedo com o *Voto Feminino*, que teve certo
successo e o *Coração de Mãe*, das duas irmães, escripto-
ras rio-grandenses, Julietta e Revocata de Mello, que tem
algumas representações gloriosas.

que, então, alguém dava o thema. Á roda da mesa da sala de visitas sentavam-se varios concurrentes. Principiava a prova, finda a qual quasi sempre, á ella cabia a palma, pela symphonia estranha da orchestra das suas idéas, ora suaves e doces, ora hilariantes como um desafio de musica guerreira.

A sorrir, sem fadiga, aquella estatuêta de formas sympathicas, olhar expressivo, muito loura, fazia as honras da sua casa, distribuindo aos seus *habitués*, ora uma phrase lisongeira, ora um sorriso amigo, emquanto attendia aos filhos, que lhe reclamavam estes pequenos *nadas*, de que tanto carece a infancia.

Uma occasião, convidou ella entre outros litteratos, a Machado de Assis, Salvador de Mendonça e ao Dr. Luiz de Castro para ouvirem o seu drama — « Os cancos sociaes. »

Foi n'uma chuva de palmas, que elles provaram a admiração pela mulher que vivia de sua intelligencia, que embora ecletica, o *theatro* era o seu ganha-pão; a scena, o horizonte do seu futuro; a observação, a sua grande chave de psychologa; e o rendimento que lhe davam pelos originaes e pelas traducções, o sustento daquelles que faziam parte da su'alma adorravel.

Morreu ainda moça, havendo deixado grande

copia de originaes, que se inutilisaram com as chammas do Lyceu d'Artes e Officios.

O seu « Anjo sem azas », seria um successo, como foram outros muitos, escriptos por si.

Quando na nossa litteratura se der uma completa transformação, o que não será para os nossos dias; quando a valvula do progresso conceder á brazileira illustrada, o logar que lhe compete nas artes, lettras e sciencias e no jornalismo, quando o homem se convencer que a mulher pode enfrontal-o, medindo o pensamento, collocandó-se na altura de uma Martineau ou d'um Jorge Eliot, quando uma simples penna d'aço e algumas gottas de tinta tirarem da alvenaria da razão as paginas que deslumbram, as nossas patricias tornadas em sacerdotisas do *bello*, serão as melhores professoras dos seus filhos, a cadeia de oiro da liga social, a devotada mãe de familia, que conhecendo o cultivo mental, attrahirá pela virtude a seu marido, tornando da sua casa o paraizo d'onde o mais *recalcitrante* jamais se affastará, indo procurar, longe d'ahi, peccaminosas distracções.

O coração *della* será a bussola que guiará o batel confiado á sua guarda... Se então chegar esse dia, as minhas cinzas estremecerão de jubilo por ver devidamente rememorados estes quarenta e tantos vultos deixados nesse livro pela minha obscura penna, o theatro brazileiro

na altura em que saberá manter-se, já com escola *sua* e luzeiros que a dirigirem, o nome de Maria Ribeiro terá o logar de honra que lhe cabe na galeria dos authores dramaticos, da scena do seu paiz. Assim se fará justiça.

PATRIOTAS

Desde que em nosso solo soou o grito de guerra, do Norte ao Sul, os brasileiros sentiram em seu sangue o frémito do patriotismo, comquanto soubessem que teriam de ir muito longe dizer ao inimigo : « Insulta-nos?... Aqui estamos—veremos quem vence, villão ! »

E, nem a idéa de um clima inhospito, nem a ausencia dos entes caros, nem o supplicio da fome, da sede, através das aridas regiões, os fizeram esmorecer.

D'um ao outro lado do imperio, surgiam como por encanto milhares de voluntarios de todas as côres, de todas as classes, ricos, pobres, nobres e plebeus, movidos por um unico pensamento—lavar com o sangue, a bofetada recebida.

Então, das mesmas academias, a mocidade estudiosa de quem dependia o futuro da nação, aquelles que mais tarde podiam chegar ás cumiadas do poder, deixavam o conforto dos

bancos escolares, para tomarem as armas e seguirem como heróis.

Dia de festa, de regosijo nacional, aquelle em que se annunciava o embarque de qualquer batalhão.

Desde pela madrugada notava-se o rúmor do povo despertado, ávidamente percorrendo as ruas ornadas de arcos de flôres, de palmeiras de bandeiras brasileiras e de outras muitas nações, já em postes, já em arcos, movidas pelas frescas brizas matutinas e alegres, partilhando assim do contentamento commum.

Das janellas dos predios, ricas colchas aformoseavam os parapeitos e as sacadas, emquanto o que de mais distincto havia no mundo feminino, trajes garridos, joias deslumbrantes, muitas com cestas de rozas desfolhadas, agglomeravam-se afim de não perder o logar, ao passo que nas ruas repletas de povo contente e ávido de impressões, este aguardava o desejado momento.

Varias girandolas annunciavam a partida de batalhões do quartel, com os clarins na frente, precedidos do *estado-maior* em grande uniforme, acompanhado do medico e dos capellães.

Disfillavam as tropas — Enorme sussurro; phrenetica alegria em honra dos bravos.

Os heróis marchavam de frente erguida descobrindo-se a cada passo para agradecer á mul-

tidão as palmas, as flôres, a saudação dos lençinhos perfumados, enquanto nas igrejas repicavam os sinos, de quando em quando estouravam os foguetes e os poetas recitavam as suas melhores producções.

O sentimento nacional, afinou-se n'um unico diapasão—o amor da patria, e a honra d'aquella bandeira então moldada sob uma forma mais bella, com a corôa symbolica do rei, offerecida e bordada pelas mais aristocraticas mãos.

Em Pernambuco, o ênthusiasmo era como em todo o imperio—febril.

N'um dos batalhões, vindo do Piauhy, seguira com os seus camaradas uma joven mulher chamada Jovita, que na missão de curar os feridos marchava cheia de brio para os campos do Paraguay.

A pressão, a tyrannia, fel-a jurar bandeira e partir.

Enorme sensação causou a sympathica patriota, com as insignias de sargento, recolhida junto á « bandeira », emocionando os corações das suas congeneres que atiravam-lhe flôres e davam-lhe ramilhetes.

O que seria do « Hospital de sangue », se nelle não pairasse o sorriso de uma mulher como enfermeira?

Á conquista dos louros, engrossava a mais a *leva* de cidadãos, quando de Pernambuco en-

toando o hymno do triumpho, durante a presidencia do então conselheiro Paranaguá, apresentou-se uma menina de 18 annos. D. Maria Amalia do Rego Barretto, que com tres irmãos seus, desejava partir na sagrada missão de cuidar dos feridos.

Filha da cidade da Victoria, no 5º batalhão que desse logar veiu incorporar-se aos mais, ella vestida á militar, saiote amarello bordado de verde, com a estrella de 1º cadete no braço, despedindo-se do seu torrão natal, pronunciou o discurso abaixo transcripto :

« Briosa corporação da guarda nacional; bravos Victorienses; vou partir para a guerra!

O brado da patria tão vilmente ultrajada, echoou no meu peito.

As atrocidades praticadas pelo mais requintado canibalismo que o mundo já viu, transpoz-se ao natural acanhamento do meu sexo e me apresentei — Voluntaria da Patria — para no campo da honra debellar essas hordes de infames paraguayos que tão ousadamente profanam o solo brasileiro, manchando o brilho das duas fulgurantes estrellas do imperio de Santa Cruz, nossa cara patria.

Caros patricios!... aqui me acho entre vós fazendo as minhas despedidas.

Sigo para a guerra com animo varonil, incorporada a milhares de bravos que marcham

impavidos ao campo da honra, com o primeiro cidadão, o melhor dos monarchas á sua frente.

Sim, Victorienses! Marianna é hoje um soldado da patria : impavida marcha para uma campanha longinqua, superior ás suas forças ; terei e espero vencer as suas difficuldades : tenho vontade e firmeza e resignação para vencer qualquer perigo.

Tereis noticia de que sem dezar da minha dignidade, tenho sabido cumprir as obrigações de soldado — Adeus, Victorienses, adeus briosa corporação da guarda nacional. »

A sua chegada no Recife foi um delirio.

O seu retrato espalhou-se, deu-se um espectáculo no theatro de Santa Isabel, recitaram em sua honra varias poesias, deram-lhe muitas flores, dispensando-a porém o governo geral, que agradecendo os seus serviços, ella voltou ao lar, apenas com os louros da vontade.

Depois dessa, uma menina de 14 para 16 annos vinda do Bonito, quiz partir igualmente, quando veio a nova deliberação que obrigava-a a retrogar, admirando-se certamente o valor d'essa criança, nova Joanna d'Arc, como já tinha sido D. Marianna e as suas antecessoras, inclusive Maria Carvalhinho dos tempos coloniaes em 1822.

É que o sangue ardente dos pernambucanos

dava lugar a que embora mulheres, fossem patriotas por convicção e indole.

Sobre ellas, escreveu estas estrophes um poeta do tempo.

— « Pois já que é preciso que eu lá me sacuda,
— Judith, vingativa de adaga na mão,
Sinistra, invencivel, lá vou : — Deus me escuda,
Arreda *gaúcho*, dá campo ao leão!... »

BARBARA DA SILVEIRA

Foi uma martyr dos tempos coloniaes, do despotismo desses longos e horrorosos dias, causados pelo perjurio do portuguez Joaquim Silverio dos Reis, que denunciou ao visconde de Barbacena, então governador de Minas Geraes, o vasto plano da revolução que já estei.

Entre os conjurados, lia-se o nome de seu marido, o bacharel Ignacio José de Alvarenga *Peixoto*, sobre nome que addicionou ao seu, por haver um individuo de equal apellido.

Homem de fina tempera, formado em Portugal, que n'aquelle tempo era o que Pariz é agora para nós, depois de ter sido juiz de Direito em Cintra, veio para cá, onde estabeleceu-se em Minas, conseguindo, pelo trabalho e felicidade, avultada fortuna.

Conhecendo D. Barbara Heleodora da Silveira, senhorita de rara formosura e poetiza de

certo merecimento, apaixonou-se com toda a sinceridade pelos seus dotes, tomando-a depois como esposa.

Muitos annos viveram na mais perfeita harmonia, terminando entre os dous conjuges essa crescente sympathia, essa mutua assimilação de sentimentos, essa ternura reciproca, que congraçou as suas intimas susceptibilidades por um instincto de gloria, de praser, por essa alliança digna, secreta, impulsora, que aproxima, mesmo que arrasta, nessa integridade absoluta, que viza um fim grandioso e bello. Ao passo que a rotina da vida faz dos esposos, uns quasi indifferentes, vergados ao peso da realidade das cousas, ella, para angariar a felicidade, cercada de seus filhos, ingenua, docil, o coração aberto á modestia e á caridade, deu em troco dessa alma toda a sua alma, não na exagerada voluptuosidade que a torna vizionaria, mas sim, na criatura terna, com envergadura sensata, corajosa, estoica, provando que a mulher do lar, a mãe de familia, deve ter instrucção precisa para educar a sua prole, possuindo, alem disso, uma bôa dose de discernimento e logica, para guial-a, do contrario, lhe perguntará o homem : — O que és tu e do que serves ?...

Ella tinha um espirito moderno, sanctificado pela virtude, que a fazia instruir-se, escrever,

civilizar-se, com o fim de ser rainha absoluta na regencia desse pequeno reino social — o lar domestico, attrahindo outro coração que comprehenda o quanto vale uma mulher superior que se considera feliz, em quanto o marido conseguise sel-o tambem.

Os dous viviam por essa forma.

Dos filhos, uma menina havia, de rara formosura, que educavam esmeradamente, quando o marido foi prezo.

Principiou cedo o calvario da triste senhora, em cujas mãos elle deixára o manuscrito dos seus versos, hoje conhecido.

Depois desta catastrophe, Barbara com sua familia rezidia no arraial de S. Gonçalo, freguezia de S. Antonio do Valle da Piedade, termo de S. João d'Elrei, quando, por um alvará do visconde de Barbacena, em 1789, sequestraram-lhe todos os bens, para o fisco da Camara real.

Apparentemente, submetteu-se ao despotismo. Havendo porém casado com escriptura de dote e arrhas, seus filhos ficaram com o que lhes pertencia por lei.

Ainda que acabrunhada, desgostosa, a nobre mineira continuava a não se descurar da educação dos seus filhos, escrevendo para elles, sentenças em versos, que os mesmos decoravam, sem cansar.

Ainda lê-se com prazer, as seguintes maximas,
verdadeiros conselhos d'uma cartilha maternal.

Eil-as :

Meninos, eu vou dictar
As regras de bem viver,
Não basta somente ler,
É preciso ponderar.
Que a lição não faz saber,
Quem faz sabios é o pensar.

Neste tormentoso mar,
De ondas de contradicção
Ninguem soletra feição
Que sempre se ha de enganar,
Das caras, aos corações,
Ha muitas leguas que andar.

Sempre vos deveis guiar
P'elos antigos conselhos
Que dizem que a ratos velhos,
Não ha modo de os caçar,
Não boteis ferros vermelhos,
Deixae um pouco esfriar.

Quem falla, escreve no ar
Sem pôr virgulas, nem pontos
Mas pode, quem conta os pontos
Mil pontos acrescentar :
Fica um rebanho de tontos
Sem nenhum advinhar.

Até aqui pode bastar.
Mais havia que dizer.
Mais eu tenho que fazer

Não me posso demorar.
E quem sabe discorrer
Pôde o resto advinhar.

Pela sentença de 2^o de Maio de 1792 que condemnou o coronel ao degredo, foram os filhos declarados infames, o que acabou de ferir ainda mais a pobre senhora, que de seu marido recebeu quando elle preso, os seguintes versos .

« Barbara bella,
Do Norte estrella
Que o meu destino
Sabes guiar.
De ti auzente
Triste sómente
As horas passo
A suspirar.

Por entre as penhas
De insultas brenhas
Cansa-me a vista.
De te buscar.
Porém não vejo
Mais que o desejo
Sem esperança
De te encontrar.

Eu bem queria
A noite e o dia
Sempre contigo
Poder passar.

Mas orgulhosa
Sorte invejosa
Desta fortuna
Me quer privar.

Tu, entre os braços
Ternos abraços
Da filha amada
Podes gozar,
Priva-me a estrella
De ti e della
Busca dous modos
De me matar. »

Nos grandes sacrificios ignorados da vida da mulher, Barbara Eleodóra, resignada e triste, amando a virtude como Jesus amou a verdade, na interptração do seu papel, renunciando aos prazeres, perseverante na attitude heroica da esposa moralmente viuva, pelas fortes impressões deprimida, humilhada, esquecida, a razão foi-se deslocando, lançando-a na grande noite, dos que não tem consciencia da sua grande sensibilidade e heroismo.

DELFINA BENIGNA DA CUNHA

A segunda « Musa Cega », entre nós, foi uma bonita menina nascida a 17 de Junho de 1791, na estancia do Pontal de S. José do Norte, sendo seus paes o capitão-mór Joaquim Francisco da Cunha e sua esposa D. Maria de Paula da Cunha, que na perfeita felicidade viviam, quando de repente uma terrivel epidemia de variolas produzia-lhes desolação, por ter sido della atacada a criança, que cegou, proveniente do mal.

Foi um dia de lagrimas, aquelle em que souberam não haver remedio para semelhante molestia.

Como se adivinhando a terrivel sorte que lhe caberia no futuro, alegre, buliçosa, traquinas, a *enfant gatée* de sua familia, desde que não pôde mais ver os objectos, insensivelmente foi mudando de genio, se bem que não alcançasse de todo a dureza do futuro.

Muito intelligente, a despeito da sua desgraça, principiou a ver com a vista interior, outro mundo completamente novo para si.

As idéas subversivas foram de chofre affastadas, mas substituidas por uma especie de exame intimo, em cujas paginas via a consciencia futurando um exito certo, desde que principiou a versejar.

Não conhecia a natureza, não sentia as vibrações desse sentimento que nos infunde um olhar, um gesto, uma transicção physionomica.

Ella apenas sentia a impressionabilidade e a vibratibilidade das sensações pelo entusiasmo do espirito...

Por esse meio surgiu a poetisa lyrica, espontanea, que deu ao publico as suas estrophes suaves, ternas, nesse grito d'alma, expressando-se assim :

Mas que posso eu fazer? Fraca, nas trevas,
Sem gozar esse dom que é gozo, é vida,
Sim, a vida — o que é? É força, é gozo.
É a luz que allumia o espaço immenso,
Quem não goza a brilhante primavera,
Aquelle a quem distante dos seus olhos,
Todas as flores tem a cor da noite?

A lyra da soledade, da tristesa continua a elasteecer as suas cordas, ao passo que, na publicação dos seus versos, a illustre poetisa do

Rio-Grande, tornou-se conhecida e apreciada.

Consciente do pouco que vale o mundo, descrente, desalentada, expressava-se em quasi desespero :

Hoje, qual uma tabua no oceano,
Abandonada ao impeto das ondas,
E perdida p'ra todos tal me vejo
Tudo careço, porque a luz é tudo
Dae-me a luz, dae-me a luz, em vão, vos peço.

Havendo fallecido os seus progenitores, sem fortuna, atravessou o oceano e veio valer-se de Pedro I que deu-lhe uma pensão annual pelos serviços prestados por seu pae, pelo que então mais satisfeita, pôde :

« Beijar a divinal mão dadivosa,
Que a vida lhe tornou menos pesada. »

Aqui no Rio, deu-se intimamente com D. Beatriz de Assis Brandão, que, se uma irmã lhe fosse, suavizava-lhe os dias. Estes dous talentos reunidos a Violante Bivar e aos poetãs do seu tempo, consorciavam as idéas sem dissidencias; cada qual que procurasse dar vulto ao amigo que publicasse qualquer producção. Cessou de existir em 1857, como morrem as pessoas de talento — sem recursos.

Na grande batalha dos sonhos, no sacrificio

que envergara, sem conhecer o grande oceano das paixões onde sossobram os sentimentos, e desmerece a virtude, além, sobre o altar da poesia, collára em holocausto a sua desgraça, procurando viver melhor, abraçada á sua lyra.

A vida ideal produz emoções enormes que se reflectem no espelho da verdade da palavra escripta ou pronunciada.

No tempo em que ella existio, a poesia era a expressão do sentimento ; a arte não via-se julgada severamente como agora, que o imperio da forma subjuga a inspiração, moldando o verso em um cadinho fino, de onde se o retira para burilal-o, polil-o, enfeitall-o com arabescos exóticos, como se fossem camapheus delicadissimos, ornados de diamantes e perolas.

Sem a luz dos olhos, não podia analysar a sociedade, visto a profunda agitação do mundo não fazel-a constante observadora e psychologa, já commentando alegremente um facto que necessitasse motejo, pois que o duro problema do seu meio, reduzia-se a um apertado circuito. Para ella as perfumadas manhãs primaveris não tinham brilho, pela ausencia completa do bello, attrahente e irresistivel. Tudo em torno de si, resumia-se em noite eterna, que desalenta e faz estremecer de pavor.

Por isso os cégos deixam transparecer no

semblante esse quê de pezar que não disfarçam, embora mostrem-se alegres.

Pessoa de minhas relações que conheceu-a, disse-me que fôra muito linda, morena, cabellos negros, porte elegante, dando o quer que fosse de severo em si, já quando idosa, pela toilette negra que constantemente trajava com longa cauda, ornando-lhe a cabeça uma mantilha de rendas cor da noite.

Andava sem guia pela casa, sendo tal o refinamento das suas faculdades, que conhecia as cores pelo simples tacto e olphato.

Quanto não daria ella para ver a luz, do dia, contar as estrellas, ver o lençol das cascatas, a grandeza do oceano, a poesia dos arroios, a magnitude dos grandes rios e sobre tudo a expressão de um rosto humano reflectindo uma alma adoravel, dessas que desconhecem ou despresam a miseria, as intrigas, o perjurio, para comprehender o que seja puro, bom e estavel... Lamentava viver nas trevas?

Aperfeiçoaram-se-lhe porém as outras faculdades, ouçamos esse doloroso canto.

« Vinte vezes a lua prateada
Inteiro rosto seu mostrado havia
Quando terrivel mal que já soffria,
Me tornou para sempre desgraçada.

De ver o céu e o sol sendo privada
Cresceu a par de mim a magua impia

Desde então a mortal melancolia
Se viu no meu semblante debuxada. »

Sensível coração deu-me a natura
E a fortuna cruel sempre commigo
Me negou toda a sorte de ventura.

Nem sequer um prazer breve consigo,
Só para terminar minha amargura,
Me aguarda triste e sepulcral jazigo.

O Rio Grande tem dado varias poetisas que já não existem, sobresahindo Revocata de Mello, mãe da actual poetisa Revocata de Mello, proprietaria do Corymbo, e de sua irmã. Julietta de Mello Monteiro; D. Amalia Figuerôa, que deixou um volume de versos, irmã da poetiza á cima nomeiada; e mais D. Maria de Andrade Pinto, espoza do Conselheiro Andrade Pinto que escreveu um volume de versos: — Violêtas, — e sobre as quaes fallo no seguinte capitulo.

D. CORINA COARACY

Se eu possuísse o segredo de dizer verdades sem o servilismo da idiotria, sem subordinar-me em fim ao culto mysterioso que nas observações psychologicas, tanto aprofundam o seu estudo os grandes espiritos modernos, na alta missa da critica litteraria, a mim mesma outorgaria o direito de tornar-me a maior admiradora dos espiritos modernos do meu sexo.

E, como mulher de agora, no meu obscuro intuito de tornar conhecidas neste Pantheon as escriptoras brazileiras, cito a Corina Coaracy como uma das contemporaneas que mais sobresahio na prosa, revestida de certa nobreza de penna n'uma Méesse de aristocracia de impressões oriundos de espiritos muito cultos, equiparando-a sem lisonja, a Nisia Floresta Brazileira Augusta e das actuaes, a Revocata de Mello. Corina, viria a ser um grande vulto na litteratura americana, se bem que esboçando-a

aqui, apesar de não ser brasileira e de pertencer a outra raça, com tudo palpitava n'aquelle coração a emocionabilidade de uma mulher do nosso paiz e a quem eu contemplo a memoria com o estylete do verdade na fria analyse da psycollogia das raças e da litteratura também.

Se o estylo é o homem e nello se revela o character individual, Corina Coaracy no que escreveu, deixou, como geralmente deixam todos os escriptores, parte do sue *eu*, notando-se a claresa nitida do seu espirito culto, cousa raramente encontrada em qualquer outra contemporanea.

A sua carreira de litterata era plana, sem artificios de linguagem, não semelhante a um caminho bordado de flores com apanhado de folhagem cortando um sitio pitoresco aqui e alli salpicados por deliciosos filetes d'agua, onde a poezia faz antever um céu mais azul, um horizonte mais puro, n'um perfume desconhecido, exotico, entontecedor; ao contrario, elle seguia por uma estrada larga, ariente, sem tôjos nem sinuosidades, com a palavra firme e concisa, sem argucias nem silhuetas de imaginação doentia.

No posto avançado que o talento concede aos seus eleitos, apesar da mulher, conseguiu a liberdade da acção, do estímulo, encaranhando-se na rude teia das letras, angariando dos



CORINA COARACY.

seus desaffectedos, apódos, precipitados pela catadupa dos invejosos.

Então a mulher envoca em seu auxilio esse proprio progresso que serra-lhe as portas entre nós, não obstante o altruismo das idéas e as qualidades physio-psycologicas que exornam o seu character. As vastas faculdades da intelligencia no culto do amor do bello, se esterilizam muitas occasiões, no mesmo desencontrados conxavos, por falta de apoio.

O mundo espirital, tem, no claro escuro dos seus meanchos, mysterios inexplicaveis !...

Eis porque se encontra tal ou qual colorido juvenil, ardente, violento e explosivo, no culto experimental do pensamento de certos escriptores já adiantados em annos.

A alma, entretanto, não envelhece, o espirito sustentando o culto das subtis argucias que o distingue, sae victorioso nesse segredo de revelar-se jocoso ou finamente educado, n'uma esthetica completamente sua, tendo o don de convencer, de sensibilisar, sem asperesa, nem pretensão.

Neste caso achava-se Corina Coaracy, não que contasse innumerados janeiros, pois que nascida a 18 de Abril de 1858, tinha, na época em que falleceu, (21 de Março de 1892) apenas trinta e quatro annos, portanto em plena ma-

dureza mental e moça ainda, podia viver muito mais.

Masculina, trabalhadora, artista, nos debates da idéa sabia dizer como homem, burilando ainda o seu estylo já correcto, seguindo ávante no caminho que escolhera, desdenhando as opiniões que desbastam o credito da mulher que tem a infelicidade de pegar da penna e fazer della o bordão, hobreando assim com o homem.

Embora isso, ella que auxiliava o marido como professora particular, á luz da véla fazia traducções que assignava, entregando as a livreiros, sujeitando-se á mesquinhesa de uns tantos vintens pelas linhas e uma meia duzia de tostões por milheiros de letras, dando á sua prosa, subido valor.

Geralmente se pensa que as condições de esposa e de mãe não estejam de accordo com a mulher culta, que a mesma negligencia os seus deveres de dona de casa para dedicar-se ao que não lhe traz beneficio algum, sem prever que para esse espirito, o *ménage* tão custoso em organizar-se com a pericia da arte e fino gosto, deve ser abandonado, deixando-se estragar os moveis, os quadros e os bibelots. Engano... engano... Filha do Sr. Vivaldi, consul americano aqui no Rio, ella herdára o genio activo da sua raça e adquirira tambem as boas quali-

dades das nossas patricias. Sem ser bonita, tinha uma certa petulancia na physionomia, que agradava.

Com o marido, collaborou no drama historico *Moema*, que foi levado á scena e sempre a trabalhar, escreveu tambem na *Cidade do Rio*, no *Correio do Povo*, e depois n' *O Pais*, na secção de chronista, onde semanalmente no seu—A Esmo—sahidos aos domingos, apreciava-se a sua fôrma de dizer, narrando factos semanaes politicos, ou não.

Seridamente doente tentou ver se os ares da sua terra natal alliviavam os graves incommodos que affligiam-na. Peiorando, porém, quiz voltar, quando a morte sorprehendeu-a, privando seu marido da sua companhia e a seu filho então menino de uns doze annos, dos carinhos de mai tão extremosa e tão boa.

A sua morte foi bastante sentida, por isso que reunia aos bons predicados, o de não ser pedantesca nem cheia de si, devendo a ella, a animação que me deu para continuar a escrever o livro que agora apresento, auxiliando-me com os dados para a sua biographia, dando valor ao enorme trabalho que acarretei aos hombros, quanto aos dados necessarios para a realisação da minha idéa, modesta embora.

D. BARBARA DE ALENCAR

O sonho dos povos modernos é a paz universal.

Quando torna-se necessaria a guerra, quasi sempre é della victima, a mulher, por ser ferida no coração.

Por tanto, deve detestal-a, embora em certos temperamentos, por uma regra excepcional, não possa tornal-a insensivel, conservando-se muda ante as desgraças da patria. Isso porém, é um phenomeno digno de ser admirado, por imitação, jamais!...

As rainhas, é que devem fazer uso da politica, a fim de saberem governar os destinos do povo; as particulares, para quê?...

Todavia, Barbara de Alencar, era uma victa, sendo pelo seu valor varonil, que o seu nome passou aos nossos dias, ficando como orgulho dos seus descendentes e honra da posteridade.

Ella foi a nossa primeira mulher politica e presa, nessas condições.

Em 1817, ao dar-se a grande revolução que tanto alarme causou, Barbara nella tomou parte.

O motivo embora justo, só esperava occasião azada para explodir : o caso deu-se, e foi assim.

Um official de Henriques Dias espancou um soldado luzitano, quanto bastou para exasperar os animos.

Effectuaram-se naturalmente varias prisões de brazileiros, resultando do conflicto a morte do brigadeiro Joaquim Barbosa de Castro.

Já nesse tempo os impostos eram onerosos e o extremecimento entre portuguezes e brazileiros, materia inflammada, detestado o governo pessimo do celebre Caetano Pinto, o que bastou para a exaltação dos animos, já sufficientemente irritados.

Por essa razão, immediatamente convocou-se um conselho de guerra composto unicamente de officiaes portuguezes, deram-se varias prisões de patriotas, resultando dos primeiros disturbios, a morte do brigadeiro Manoel Joaquim Barbosa de Castro.

Em adiantamento progressivo caminha o triste estado da situação nortista, quando para cumulo de exarcebação, a morte da padre Roma, veio negrejar mais o horizonte da patria.

Soube o digno patriota morrer como hem hou-
vera vivido.

Ao chegar á Bahia em commissão dosseus cor-
religionarios, foi preso, instaurado contra elle
escandaloso processo verbal, sendo condem-
nado a fuzilamento.

« Atirae, disse elle apontando o coração.
Aqui é o centro da vida!... camaradas, atirae! »

Esse incidente mais ainda insuflou os ani-
mos e aggravou a situação.

Entre horrores e disturbios, derramava-se
sangue de parte a parte, até que vendo-se per-
seguido, Caetano Pinto, amedrontado, recolheu-
se ao forte do Brum.

Os nacionaes, considerando-o preso, elegeram
in-continente um governo provisório, reformou-
se a bandeira; e, estando tudo prompto para
tornar de Pernambuco em Estado independente,
enviaram membros do novo partido ao forte,
exigindo do preso a sua immediata retirada,
unindo dest'arte soldados e outros patriotas á
gente que o mesmo governador, contava como
sua.

A Parahyba e o Rio Grande do Norte, que
havião adherido ao plano, ao ver chegar ao
porto uma flotilha tendo á frente o conde dos
Arcos governador da Bahia, puzilanimos vol-
taram-se para o governo.

Como é natural, as cadeias estavam repletas

de patriotas, quando surgiu na politica revolucionaria a nossa Stael brazileira, que longe estava é certo, de equiparar-se á nobre inimiga de Napoleão I°, em talento e em renome.

Filha dos sertões de Pernambuco, porém residente na villa de Crato, ella accompanhou seu irmão Leonel Pereira de Alencar, na sorte que lhe estava reservada.

Seus filhos, os pádres Martiniano de Alencar, Tristão Pereira de Alencar e José Carlos dos Santos (secular), tiveram identica sorte.

Não obstante ser fraca, soffreu resignada varios martyrios, apezar de affrontal-os dignamente.

Com tudo, apezar de seu estoicismo, o coração soffria magoas crueis.

Como mãe, estavam alli os filhos que a faziam chorar ao vel-os tristes, hirsurtos, em quanto elles ao interrogarem-n'a, ella desfarçava o seu desgosto, nessas ingenuas mentiras que as mães inventam a fim de não ferirem o melindre dos filhos, peccado que merece perdão e sobre o qual o proprio Christo derramaria a doçura do seu bellissimo olhar, encantado com esse estratagemas do amor materno na argucia do espirito humano.

Pela patria e em nome da « liberdade. » que tão alto ferio-lhe o coração, entregou sem mover um musculo, os pulsos ás algemas e padeceu

muito sem duvida. Fiada porém na amizade que parecia votar-lhe seu compadre, o capitão Filgueiras, instrumento do governador, pediu para minorar a sorte delles, o que nada conseguiu, antes pelo contrario, foi desterrada com os mesmos para a sua fazenda do Rio de Peixe, onde não se a julgando segura, nem elles, teve ordem de seguir para a cadeia da villa da « Fortaleza », o que foi barbaramente executado pelo general Alexandre José Leite. Conduzida por enorme escolta, sem a menor consideração aos seus cabellos brancos, nem á doentia pallidez do seu rosto, aos crueis apupos da multidão, que lhe cuspia mil injurias, ao lembrar-se que a não merecia, como senhora honesta, chorou, alarmando mais com isto a risota dos soldados, que escarneciam das esguias fórmas, depauperadas pelo má tracto e pessimo passadio.

Chegado ao ponto determinado, propositalmente deram-lhe um quarto cujas grades deitavam para a rua.

A garotagem e a plebe ao ver aquella mulher alli, sabendo da sua historia, sem se condoerem d'aquelle rosto macerado, d'aquelle corpo abatido, d'aquellas vestes negras, insultaram-na em quanto a martyr retirara-se para o mais escuro do carcere, subtrahido-se aquella dor atrás.

A politica tem formado estes martyres que

atravessam seculos a despeito das opiniões contradictorias, sobressahindo a inergia dos contrastes em pról da idéa regeneradora, util, nobre, que dos resultados, formam os combates do espirito e dessa lucta, surgem os heróes.

Longo tempo levou nessa prisão, d'onde foi transportada como rebelde para outra, na Bahia, sendo unicamente consolada pelos seus filhos, os quaes, já sem esperanças de vel-a livre, eis que em 1821, ao dar-se amnistia geral, sahio finalmente das tristes paredes que separavam-n'a do conjuncto social e civilisado, fazendo triumphante viagem, sendo então alvo das maiores considerações, por onde quer que passava.

Seu filho, o padre Martiniano de Alencar, foi eleito deputado ás cortes de Lisbôa, onde defendeu os interesses brasileiros, fazendo, em seguida, parte da Assembléa Constituinte. Depois, ainda envolveu-se na revolução de 24 (1) e morreu senador do Imperio.

— « E ella? perguntarás, tu, leitora minha.

— Legou um nome sem mancha ás Mulheres Illustres do Brazil.

(1) A decantada Confederação do Equador, deu motivo a que no altar da patria se sacrificassem novos martyres, entre elles Frei Caneca e o Major Bezerra Cavalcanti.

GRACIA ERMELINDA

A philosophia antiga, não a de Socrates nem a de Platão, mas, sim, a de S. Thomaz de Aquino e a de Santo Agostinho, estudava-se á sombra dos claustros, tendo um unico objectivo — Deus e a natureza.

A de agora, não, por ser mais lato o sentido, comprehendida conforme a evolução das cousas, estudadas por alguns genios.

Como todos sabem, existe a escola allemã, a ingleza e a franceza.

A philosophia de agora é considerada uma sciencia. Herbert Spencer, e Stuart Mill, assim o affirmam. No entre tanto, na Allemanha, Schopenhauer tornou-se notavel pelo seu pessimismo, em quanto lá figuram entre outros, talentos como Leibnitz, Hegel, Fichte. discipulo de Kant, professor de Schelling e na França, de Voltaire á Rousseau, de Comte a Littré e Roberty são glorias incontestaveis.

A philosophia moderna não está, pois, na novidade, porém sim, na originalidade individual, na determinação das verdades adquiridas e também pela systematisação, como affirma o erudicto pensador portuguez, snr. Theophilo Braga.

Que um cerebro masculino, estudioso, methodico, cheio de leitura util, de vastos conhecimentos, tenha preponderancia sobre as grandes questões philosophicas, é justo; que isto porém succeda a uma mulher, a uma criança de dezeseite annos, é raro, quasi um phenomeno, sobretudo entre nós, onde o nosso sexo ainda não dispõe de instrucção abalisada, a menos que não seja qualquer senhora que troque as puerilidades das salas, pelo cultivo do espirito...

Então, sim... o espirito pode sujeitar-se á disciplina do pensamento; já por si, pode apreciar, reflectir, comparar, e ter a certeza de que a actual sciencia philosophica tem outros meios de ser comprehendida nessa analyse que o proprio universo e as suas multiplices concepções, servem de base.

Das reformas, pois, porque ha passado o genero humano, a começar pela Grecia, até chegar aos nossos dias, em Athenas, onde a individualidade pensante chegou ao seu apogéo, existiam já duas escolas philosophicas — a Jonica e a Eleatica.

Prevalecia então, n'uma, o criterio da objectividade, n'outra o da subjectividade, dando a conhecer os fundamentos do universo, assim como as noções da idéa, do sentimento, do espirito, determinando o materialismo e o nominalismo.

Dellas surgiu naturalmente — o dogmatismo e o evolucionismo.

Então, grandes cerebros conscienciosos, por sua vez deram-lhe novo rumo — Kant, creou o criticismo, Cousin, o Ecletismo, e Comte, o Positivismo.

Nos dias de Gracia Hermelinda, filha do general José Raymundo da Cunha Mattos, de quem ella recebeu esmerada educação litteraria, a philosophia antiga, que tinha unicamente como base o estudo de Deus e da natureza, ensinadas pelo seu professor, o Marquez de Maricá, devia infallivelmente influenciar no seu espirito, dando margem para que methodicamente a joven philosopha fosse optima auxiliar nas « Memorias » que escreveu seu pae, dia á dia, hora á hora.

Pouco depois, apresentou-se ella ao publico, já naquelle tempo um pouco avêssô á mulher litterata, sem raciocinar que no meio da aridez das bancas do trabalho masculino torna-se mistér o sorriso que amenise a philosophia do assumpto, muitas vezes necessario, o olhar que reveja as

provas; o suspiro que entrelace o pensamento; a phrase que encoraje o escriptor a abrir novo capitulo, perfumando o silencio com umas palavras acariciadoras durante as quaes, na collaboração intima, a penna range sobre o papel e prova evidentemente que o talento e o seu cultivo, é o mais delicioso predicado humano, que, onde chega, abranda pezares, embora se alcinhe de mentecaptos, os transmissores desses raios de sol que rompe do craneo.

A critica do tempo, recebeu o livro á ponta de espada, sómente pelo mau gosto de depreciar-se tudo que vêm de uma penna, convicta, embora como a della, simplesmente por se julgar que esta questão de prhenologia tão aprofundada, e que tem o seu lado forte e o seu lado fraco, ponha as aptidões da mulher déz polegadas abaixo da do homem, como se celulas de mais, se celulas de menos, obrigasse o talento a reconhecer sexos.

Sem se importar com as opiniões, seguio o seu programma, continuando a estudar. Do seu livro, porém, furtei eu alguns topicos aqui descriptos.

Dizia ella :

« Cada uma das sentenças que apresento, póde applicar-se tanto aos grandes, como aos triviaes negocios da sociedade e por isso convem lembral-os de tempos a tempos, como con-

selho dos bons mestres. Queira Deus que outras meninas brasileiras mostrem ao publico o fructo dos seus estudos, para darem principio a uma palestra litteraria, que, aproveitando e instruindo as pessoas do nosso sexo, dê mais realce aos salões, frequentados pela mais escolhida e virtuosa sociedade. »

Gracia ainda se convencia de que a mulher de letras entre nós, seria sacerdotisa do altar do bello...

É que ainda a embalava uma doce esperança, que todavia foge ligeiramente.....

Como poderão ellas fazel-o, se não encontram meio, se lhes falta o estimulo?

.

Continuemos, leitora amada, a lel-a, que não nos arreponderemos, garanto.

« Os prejuizos da infancia raramente se perdem.

O colar mais mimoso que orna uma mãe, são os braços de seu filho.

Nas desavenças domesticas, não figures de juiz, para não' sahires intrigante.

As discordias de familias quasi sempre se curam de portas a dentro, com o balsamo do amor de seus filhos, objectos ternos aos olhos dos paes.

A primeira disputa que suggere entre os ca-

sados, é o pômo de discordia que lhes promette campo aberto a guerras continuas.

« A devoção é o anjo consolador das almas piedosas.

O horizonte mais extremo, é o da esperança.

A esperança é necessaria ao coração, como o sol á existencia das flores.

O homem que perde a esperança, toca o gráu maximo do infortunio.

A vida é um ponto entre duas eternidades.

As mulheres devem enfeitar-se com virtudes e sciencia com aceio e decencia.

A bisonhice n'uma mulher é tão feia quanto a sua desenvoltura.

Uma mulher virtuosa, elegante e instruida, é o mais completo ornamento da sociedade.

As mulheres de espirito nunca envelhecem.

A sorte das mulheres, depende muitas vezes da educação moral que se lhes dá, ou da instrucção scientifica que adquirem.

O toucador de uma senhora é tão necessario como os livros; estes ornam a alma, aquelle infeita o corpo.

Se uma senhora instruida não unir as graças artificiaes ás do espirito, se for um prodigio de sciencia e um disparate no vestuario, presidirá a um pequeno auditorio como as sybillas quando proferiam oraculos no fundo das mais

tenebrosas cavernas, pelas farpas que envenenadas, se lhe atiram. »

Continuaremos a ouvir-a :

« Eu mostro aquillo que é velho, que se acha escripto ha milhares de annos. »

Ora, creio eu, que se omitisse eu o nome da primeira philosopha brazileira, peccaria contra o preito que tenho por habito render á mulher de talento, por isso não deixei que os traços terminassem á exterminação do volume, por tanto convido a leitora amiga, a ler commigo o que se segue.

« O uso dos vestidos decentes, não offendem á Deus nem ao mundo ; mas, os nossos vestidos devem ser taes, que se não façam objectos de desgostos, nem risadas.

A maior influencia que se tem conhecido nos negocios publicos, é a das mulheres.

Ha pessoas que affirmam não ser tão forte a sua influencia nos governos constitucionaes, embora seja isso provado, sirvam de exemplo uma Roland, uma Beauharnais, uma Staël, uma Recamier e muitas outras que tiveram tanto poder, como as Estrées, as Maintenon, as Montespan, as Longueville, as Ursinas, todas instruidas, todas respeitadas pelas pessoas da mais alta posição, já pelas virtudes, já pelos vastissimos talentos. »

Seria longo dar aqui a continuação das sen-

tenças, á cuja publicação a joven philosopha não teve tempo sufficiente para apreciar, e continuar a escrever alguma cousa de mais folego, como muito era de se esperar do seu talento.

Uma rapida molestia levou-a ao tumulto, com grande dôr de seu pae, que pouco lhe sobrevivêo.

Infelizmente depois d'ella, ainda não houve outra escriptora brazileira alem de Nizia Floresta, que se occupasse dessa aridez que se chama estudo assiduo que, se mortifica a paciencia, com tudo dá ao espirito tanto deleite, como as suavissimas notas de uma melodia Wagneriana aos ouvidos educados.

Já no seu tempo, ella estimulava as suas patricias a sobresahirem. Faria bem ?

ALBERTINA DINIZ

A mulher, pobre obreira da vontade, obscura trabalhadora do lar domestico, pelas altas regiões do pensamento, se educada, lança mão do contingente mental para delle tirar os proventos que a consciencia lhe ordena nestas palavras : « Ergue-te e trabalha. »

Albertina Diniz, posto que muito jóven, com dezeseis annos, já era educada e illustrada.

Entre a educação e a illustração vae, leitora, uma grande distancia. A primeira, vive sem a segunda, mas, cousa estranha, esta não póde viver sem aquella.

Filha da professora D. Senhorinha Diniz, que viuva, vive do seu trabalho, tendo sido proprietaria de um pequeno jornal sob 'o titulo de. « Sexo femeninô », Albertina collaborando nelle, conhecia já a vida do cerebro.

A enorme tarefa que sua mãe collocou sobre os hombros, desenvolveo-lhe o gosto pelas lettras,

em quanto a musica occupava-lhe o resto do tempo, sobre tudo a harmonia. Compreendendo porém a gentil mineira o auxilio que aos seus daria, trabalhando por si, tornou-se a traductora do jornal de Modas ». « A Estação », quando este vinha em francez.

O agente do periodico, surpreso ao ver acudir ao seu annuncio uma criatura tão jóven, apresentando-se com coragem de traduzir todo o texto, perguntou-lhe entre jocoso e sério, se ella persisteria no trabalho, aliás pesado para si.

— Mas porque não... se é para com elle prover ás necessidades da minha familia respondeu modesta, embora com tal ou qual energia, o que fez o Snr Lombaerts não vacillar e incontinente entregar-lhe A Estação, « que começou deste modo a apparecer em portuguez, merecendo a adhesão da familia brazileira.

As poucas horas que lhe restavam da faina diaria, estudava a morrer, escrevia quer em prosa quer em verso, já para um Almanak já para uma folha litteraria, emquanto a remuneração que recebia era toda posta no regaço materno.

Apezar de muito fraquinha, nervosa, quasi histerica, pouco a pouco adaptou a tempera ao exercicio quotidiano como um habito ou um energico agente, salutar á sau alma de artista.

Invariavelmente sentava-se ao trabalho, satis-

feita e feliz, sem pensar que o corpo resentia-se naturalmente da fadiga, surgindo a olhos vistos depauperamento das forças physicas. Triumphava é certo, a perseverança; a intelligencia se esclarecia, o talento se fortificava, em quanto o futuro da familia garantido por ella, não temia a voragem da miseria.

Ella era um espirito angelico, uma alma em botão, um coração em flôr, que no alcance da idéa da virtude, seguia, romeiro ingenuo, o seu caminho em demanda do progresso intellectual, sem antever a sombra escura da morte que talhava na estrada do céu, o paiz da liberdade. O predominio do habito, não consentio que largasse a penna, que já aparada, escreveu a esplendida poesia « Rosas de Maio » (1).

Não contente, já adoentada, produzio um pequeno drama: — « Margarida, » o qual, embora um inicio na litteratura dramatica, bem demonstrava o folego que poderia mais tarde dar em trabalhos mais profundos. Sentindo-se definhar, revoltou-se contra a morte. « Eu não quero morrer », bradara ella.

A sua natureza mental, a sua organização artistica, talhada para os combates da penna, não permittio afrouxar a constancia, devido a debilidade.

(1) Debalde procurei as « Rosas de Maio » ou outros trabalhos litterarios, que foram perdidos n'um desastre.

A molestia aos poucos fêl-a abeirar-se do leito; a tísica dera-lhe a côr do marmore e as fórmãs do esqueleto, em quanto o espirito, esse sim, como que se apurava pôr necessidade íntima.

A « Estação » n'uma pontualidade chronométrica, ao chegar-lhe as mãos, provocava-lhe o pranto, por já não ser traduzida por si...

A conversar, uma tarde, serrou os olhos para acordar na eternidade.

Ella foi entre nós uma heroina obscura, virtuosa e meiga, cujo talento não teve sincero apoio e precisava viver mais, para fortificar-se.

LUIZA REGADAS

No preludio das divergencias, tomou grande incremento aqui no Brazil, perante a opinião publica e perante a politica especialmente, a reforma completa da sociedade, pela emancipação total da escravatura.

Habitudo o povo, cuja indole é talvez um tanto inerte, a gozar das prerogativas concedidas pelo elemento escravo, aqui introduzido desde o seculo xvi, o horroroso trafico africano, com todos os seus males, constituiu um feudo e, com elle, grande elemento de fortuna para muitos. O imperador foi o primeiro a dar o exemplo, alforriando os seus, graça esta concedida a todos aquelles que seguiram como voluntarios para a guerra do Paraguay.

Ao findar o pleito, o monarcha acolheu jubiloso o projecto que lhe apresentou o conselheiro Pimenta Bueno, depois Marquez de S. Vicente, com o fim de fazer-se uma emancipação gradual.

Nessa hypothese, seguio ávante a idéa, partindo do Visconde do Rio Branco, o da liberdade do ventre da mulher escrava, com obrigação de servirem os ingenuos aos senhores de sua mãe, até á idade de 21 annos.

No gabinete Dantas, porém, o D.^o Rodolpho Dantas apresentou o projecto de serem alforriados aquelles que tivessem attingido a idade de 60 annos, o que se realisou.

Já se vê por consequencia, que a lucta empenhava-se intensamente, tomando parte nella todas as classes sociaes.

Ninguem jamais se esquecerá nesse pleito, do nome de José do Patrocinio, João Clapp e Joaquim Nabuco, até que as couzas chegaram a ponto de caber á princeza imperial, D. Isabel, condessa d'Eu, assignar a lei de 28 de Setembro, que garantia a liberdade do ventre da mulher escrava.

Depois disso, a campanha continuava encarniçada, exigindo-se que se marcasse a data para a emancipação total, até que a 13 de Maio de 1888, depois de varias discussões, estando o Imperador na Europa, a viajar, e sua filha como regente aqui, coube á mesma D. Isabel, a gloriosa tarefa de assignar a extincção do escravo no Brazil, sendo enorme a alegria geral, não só na nossa patria, como no mundo inteiro.



LUIZA REGADAS.

Embora desde 1884, o Ceará e o Amazonas dessem a liberdade aos seus captivos, com tudo, ainda haviam muitas alforrias a fazer, por intermedioda piedade.

A mulher brasileira não podia ser insensível ao apello do coração, por tanto, eil-a em campo angariando donativos, fundando clubs, sociedades, com o util fim de corresponder, por essa forma, ao desejo commum.

Aqui no Rio, uma das que mais se distinguio, foi sem duvida Luiza Regadas, filha do Snr Francisco Regadas e de sua mulher, D. Guilhermina Regadas, mais tarde cognominada : — « O Rouxinol da Campanha Abolicionista », por se prestar ás festas com o concurso da sua voz bonita e culta.

De educação esmerada, estudou o canto com os melhores professores que por cá appareciam, mostrando desde a infancia, a mais decidida vocação para a musica.

Senhora da harmonia e do segredo de saber gorgear, deleitando com as suas volatas as pessoas que a ouviam, em todas as festas abolicionistas eil-a com o concurso divinal, auxiliando mais algumas brasileiras distinctas que se achavam nas Kermesses a venderem flores e objectos valiosas, inclusive prendas feitas por mãos patricias, a despeito d'aquelles que achavam ridiculo tal alvitre, em razão de ter de

proceder-se a tão grande resultado, sem intervenção d'esta ordem.

Masa mulher, a doce interprete da Caridade, fronte inundada de prazeres, estendia a bolcinha de seda para colher o obulo, quer por um objecto de luxo ou de somenos valia, distribuindo depois com esse peculio, a felicidade no grupo dos filhos maldictos da sorte.

Luiza Regadas, incansavel, continuava a cantar em proveito das festas, isso com grandes applausos, quando uma consumpção rapida, obrigou-a a retirar-se do scenario sympathico onde vivia.

As suas amigas, os amigos da sua familia, os seus extremosos paes, o noivo idolatrado, concorreram para que soffresse menos, o que tudo foi baldado, pois que a 8 de Fevereiro de 1887, fallecia a virtuosa e elegante senhorita, que, na sua missão de amadora da musica, tão doces impressões deixou.

É que o « Rouxinol da Campanha abolicionista », sentindo n'alma espriaiar-se a felicidade do justo, foi acordar na mansão, onde jazem as virgens suas irmãs. E não pode ver coroado de exito o sacrificio que fizera em pról da idéa, o que só verificou-se a 13 de Maio do seguinte anno de 1888.

O seu enterro, as demonstrações que recebeu sua familia e o quanto valeu essa jovem que se

tornou illustre por ser benemerita, que o digamos que a conheceram e o tumulo esplendido de mamore onde está o seu corpo, o seu retrato e a sua grinalda de virgem no cemiterio de S. João Baptista.

D. ROSA DA FONSECA

Brilha nos dias da guerra da Paraguay, como o mais esplendido padrão dos deveres civicos, o nome de D. Roza Maria Paulina da Fonseca. E, justamente por não estar a mulher brasileira habituada como as mães de Sparta, a educar os filhos, ellas que, diziam com a maior naturalidade : « Foi para morrer pela patria que eu os criei », é que eu admiro a veneranda senhora.

Felizmente, tivemos no Recife o exemplo de uma mãe dar tres filhos para a guerra, nos tempos coloniaes ; a illustre D. Maria de Souza vio a porção da su'alma terminar a vida pela patria, em quanto enviava os dous ultimos.

D. Roza no entretanto, ao meu ver, elevou-se mais em grandeza, provocando admiração dos presentes, como fará dos pósteros.

Ninguem dirá que n'aquelle corpo franzino

existia um espirito tão nobre e tão fortemente constituído...

Nascida na então villa das Alagôas, a 18 de Outubro de 1802, descendendo da familia Barros Cavalcanti, de Pernambuco, por tanto, com a hereditariedade que caracterisou as nobres matronas de lá, nos tempos coloniaes (1).

Casou em 1822 com o capitão de infantaria, Manoel Mendes da Fonseca, que occupou diversos cargos militares, inclusive o de commandante das forças da provincia das Alagôas e na guerra entra os *cabanos*, de Pernambuco.

Accumalando ao cargo de militar, os de conselheiro de governo, o de chefe de policia e de juiz de direito, oppoz-se em 1839 á mudança da capital da cidade das Alagôas para Maceió, a ponto de prender o Presidente, Agostinho Dias das Neves. Nessa contingencia, pediu soccorro ás provincias vizinhas. Evitando que corresse por isso sangue, veio para o Rio onde entregou-se a prisão.

Com effeito, esteve encerrado por dez mezes em Villegaignon, findo o que, mandou vir a familia.

D. Roza, porém, antes disso, já déra a maior

(1) Na guerra contra os hollandezes, houve uma matrona que deu 13 filhos para a campanha, commandados pelo mais velho, o capitão Manoel Baptista. Houve ainda uma outra que deu cinco filhos, perecidos no conflicto.



D. ROZA DA FONSECA.

prova do quanto vale uma esposa sensata e amante. Com oito filhos ainda crianças e duas meninas precisando educação, provou ser optima auxiliar da energia de seu marido, quando, em 1822, poucos mezes depois do seu casamento na insurreição dos « Monte brechas », tendo a sua casa cercada pelos revoltosos, com suas escravas preparava o cartuchame para os poucos que a defendiam, dando-se até o incidente de haver-lhe uma bala roubado uma das suas bellissimas tranças negras (1).

E corriam os dias da já distincta senhora na missão de mãe de familia, quando no leito, a amamentar a seu filho Hypolito, recém nascido, malfeitores atacaram-lhe a residencia, eis que mais uma bala veio cobril-a de estilhaços de madeira, cahindo arrefecida junto della.

Guardando-a cuidadosamente para memoria, mal pensava talvez, que este mesmo infante que escapára de receber o baptismo de sangue no berço, muitos annos depois, a 22 de Setembro de 1866, á frente do 36 corpo de Voluntarios da Bahia, morresse gloriosamente no seu posto de porta bandeira, abraçado ao santo emblema que representava a honra do seu paiz distante... Dispondo de uma bem dirigida e mediana for-

(1) Os « monte-brechas », eram escravos insurrectos que fugiam dos engenhos, communicando-se porém com os da cidade.

tunazinha, essa mesma desmoronou-se em vista de despesas urgentes, entre as quaes a da trasladação da sua familia para cá, o que coincidio com a grave molestia do coronel Fonseca, devido a uma paralisia geral, sem mais recurso que o exiguo soldo do estremecido invalido, depois de haver lançado mão de todos os seus haveres.

Relanceando um olhar por aquelle grupo amado, desde o terno companheiro dos seus dias, até o delicado complemento da sua vida— os seus filhos, sem poder ficar inactiva, resolveu trabalhar.

Senhora da sua vontade, nessa soberania do *poder* que a mulher energica outorga á si propria, completou o pensamento pela acção.

Não enrubeceu; não sentio-se humilhada. Por amor *delles* sacrificaria a saúde, tendo a certeza que em gratidão e affecto, elles pagariam no futuro, as longas horas passadas entre o suor do rosto e o culto do dever, nesse grande livro da vida que apura a experiencia materna.

Dias depois n'um chacara, eil-a, entre as rosas e as violetas, em quanto o feitor se absorvia na colheita da hortaliça, o indicio do labôr quotidiano, imprimia nas paginas brancas da sua alma, mais um alento de esperanza, como sustentaculo da familia a quem estremecia. Minado pela molestia, em 1859, o Tenente Co-

ronel Fonseca a 24 de Agosto, deixava para sempre o mundo, legando a seus filhos um nome sem jaça, e vendo-os encaminhados a seguir o grande percurso da existencia. Tres delles já eram capitães de artilharia ; tres subalternos, um doutor em medicina, uma filha casada, e outra solteira.

Rodeiada da sua próle, feliz, respeitada, sem ter o leve desgosto dado por nenhum, a illustre matrona sentio no horizonte da patria a necessidade de envial-os no contingente das forças que partiam para o Paraguay (1).

A minha leitora adivinhará sem duvida como mulher, quão dolorosa é a separação dessa parte commum do nosso eu ; mas D. Roza, cheia de animo, verdadeira patriota, fêl-os partir. Filhos dignos della, foram : *Hermes Ernesto da Fonseca*, que falleceu nesta capital, no posto de marechal, conselheiro de guerra e governador da Bahia. *Severiano Martins da Fonseca*, barão de Alagôas e fallecido tambem aqui como marechal, conselheiro de guerra e ajudante general de exercito ; *Manoel Dcodoro da Fonseca*, nascido a 5 de Agosto de 1827, o fundador

(1) O motivo da guerra do Paraguay, foi ter o seu Presidente Solano Lopes, a 12 de Novembro de 1864 mandado prender o paquete brasileiro Marquez de Olinda que levava para Matto Grosso o seu Prezidente Frederico Carneiro de Campos. A guerra durou cinco annos e o Brazil elevou-se a gigantesca altura.

da republica brasileira, generalissimo de mar e guerra e seu 1° Presidente; *Pedro Paulino da Fonseca*, coronel honorario, ex-Senador federal, e ex-governador das Alagôas; Hypolito Mendes da Fonseca gloriosamente fallecido no desastre de Curupaity, em 2 de Setembro de 1866, á frente do corpo 36 de voluntarios da Bahia, que commandava. *Eduardo Emiliano da Fonseca*, que teve igual sorte na batalha de Itororó, em 6 de Dezembro de 1868, quando Major do 49 de voluntarios da patria.

Naturalmente impressionada pelos boletins que vinham da campanha, ella que houvera por ultimo enviado o seu Affonso, o mais moço dos filhos varões, o unico que nascera aqui no Rio, avidamente lia tudo que dissesse respeito á guerra, sendo para ella um dia de delirio, aquelle em que os nossos contavam qualquer victoria.

Ella mesma ia por suas mãos illuminar a fachada da sua casa, lendo-se-lhe no olhar o praser que bailava-lhe n'alma de verdadeira patriota.

Uma occasião porém, elevou-se ao sublime. O amor do seu paiz, suplantou os melindres maternos.

A batalha de Itororó poz em festa o imperio da Santa Cruz.

Ora, ella tinha sabido que seu filho Eduardo

lá expirara e que o Deodoro achava-se gravemente ferido.

Escondeu cuidadosamente o boletim do resto da familia e immediatamente principiou a fazer preparativos para a illuminação, em quanto içava-se a bandeira nacional n'uma janella. Neste interim, entravam varios pessoas para darem-lhe os pezames, não o fazendo porém, em razão da alegria que apparentava, retirando-se muitas, por esse motivo.

Intelligentissima, ella comprehendendo a estrategia de occasião, disse a um cavalheiro que se retirava : « É o senhor, mais um amigo que vem aqui por dar-me os pezames, pensando eu ignore o fim dos meus filhos. Sei o que houve; talvez até o Deodoro mesmo esteja morto. Mas, hoje é dia de gala pela victoria ; amanhã, chorarei a morte delles ».

E no dia seguinte, encerrou-se no seu quarto, onde esteve durante tres dias, incommunicavel.

Quando, em fim de Setembro de 1866, soube do desastre de Curupaity, e da morte do Hypolito e do Affonso, entre soluços murmurou. « O que mais sinto, é que tenham morrido n'um desastre para a Patria ; se ella fosse victoriosa, sempre me seria um consolo. »

Cercada de todos que lhe eram caros, expirou a 11 de Julho do anno de 1873, na sua residencia da rua da Ajuda. Ao lado de seu filho Eduardo,

cujos ossos vieram do Paraguay, dicta que não tiveram os outros que lá morreram e cujos restos não poderam ser encontrados, a sua lembrança não se apaga dos seus que ainda vivem, e da patria que lhe deve ser agradecida.

Ella, se hoje vivesse, poderia ver que todos os seus filhos, acham-se bem collocados.

D. Emilia da Fonseca Mendonça é viuva de Balbino Furtado de Mendonça, chanceller do consulado do Brazil em Genova; D. Amelia da Fonseca Amaral, viuva do capitão de artilharia, Raymundo Ribeiro do Amaral, e o D^r João Severiano da Fonseca, general de brigada, Inspector geral do serviço sanitario do exercito, 1^o Vice-presidente do Instituto Historico; e ex-senador pelo districto federal, morto ultimamente (1).

Feliz mãe!... ditosos filhos!...

(1) Foi elle quem me forneceu estas notas, ao entregarme em visita honrosa, o unico retrato que tinha della.

MAIS QUATRO POETISAS

Às vezes uma nuvem triste cae sobre a minha obscura penna, convencendo-me que o nosso meio aliás já um tanto culto, não se compenetra da *verdade* que a mulher intellectual pode trazer á bouqueta do Bene, desafiando o sentimento e a subjectividade, muito mais afinada que o das escriptoras europeás, não ha negar.

Mas, para que isso succeda, para que a *Arte* entre nós, não seja condemnada a eterno marasmo, necessita-se dar-se-lhe azas, impulso, estímulo, a fim de que o talento surja com a *força* que constitue a sua originalidade.

A litteratura feminina no Brazil, tem caracter proprio e não se confunde com outra qualquer, ainda que para se escrever bem, seja mister a saude d'alma, depois a do corpo.

Então, tudo se revigora; o raciocinio, o entusiasmo, o thema, as imagens, a inspiração,

o sentimento, a *sympathia*, que na febre do espirito caminha com *authoridade*, registrando os factos, as couzas, as opiniões, as alegrias, as tristezas, os *aggravos* e as *dissidencias*, mergulhando em quem o lê, n'um banho de purissimos aromas.

É assim o Evangelho da verdade!...

O *genio*, superioridade do talento, o *talento* menos brilhante do que aquelle, a *imaginação*, que nos apresenta a imagem, o *gosto* (sentimento do bello) a disposição de momento, o *estyllo simples, figurado* ou *sublime*, tudo se encontra na mulher patricia, que na harmonia da *mechanica* da palavra, se lhe derem um logar de honra nas *letras patrias*, a sociedade, a familia; a infancia e o povo lucrará com isso, por ser como mulher culto, o Verbo da *sentimentalidade*.

A que vive pelo cerebro, tem mais percepção do que a que se occupa de couzas frivolas. Ella sente-se n'um mundo que é seu, cria o seu meio, e estatue para a sua vida, uma enormidade de prazeres, que outras desconhecem...

O commercio das idéas que se povoam de figuras, grandes, gigantes e pequeninas, de tudo, tudo, ella cuida com *maternal desvello*, e educa pelo coração, como o homem jamais poderá fazel-o. Se ella vive pelas emoções, para que desprezar-se um auxiliar tão necessario?

Já que posso sem offensa, dar largas á minha penna, fallemos ligeiramente da critica, não da corriqueira, malevola, odiosa, sem preparo, mas sim da critica scientifica, que analisa o livro que tem entre mãos, com juizo *seu*, mostrando os defeitos e salientando as virtudes do volume.

A critica imparcial, feita pelo criterio de um homem douto, é precisa, honra, em razão de não descer ao despeito, nem ao lôdo da inveja corrigindo por meios brandos, o que julga máu.

A critica educa, restando ao critico ser imparcial, dizer o que sente sem se preocupar com idéas alheias, ser em fim, um juiz que por meios brandos ensine e estimule, não se levando pela amizade, nem pelos louvores imerecidos, com o fim de agradar.

A critica, pois, occupou-se de duas poetizas Rio-Grandenses, D. Revocata dos Passos e Mello e D. Amalia Figuerôa, a brilhante authora dos « Crepusculos », a quem Narciza Amalia, chamava, — *poetiza do céu*.

Ambas filhas do mesmo Estado, presas pelo mesmo sangue, unidas pelo mesmo fogo do pensamento, as privilegiadas da Arte, escreveram muito, deixando um nome invejavel no logar que as via nascer e tambem no Parnaso Brasileiro. Da segunda, que cedo foi roubada á

familia e ás lettras patrias, leiamos estes versos que se seguem.

ESPERANÇA

Como na moita de espinhos
Desabrocha o branco lyrio,
Assim a esperança em nossa alma,
Alveja mais no martyrio :
Branca luz que só se apaga
Á luz pallida do cirio !

A esperança com as dôres
Sempre vai-se entrelaçar;
No proprio pranto ella brilha,
Como um pharol sobre o mar.
— Flôr que nasce no rochedo
E que a chuva faz brilhar.

Assim na idéa a illusão
Vai mil quadros desdobrar;
E, quando a realidade
No chão os faz desabar,
Resta Deus ! — E a esperança
Nos manda para o céu ollhar.

E passa a vida... o destino
Não muda o que decretou !
As flores nascidas hontem
O sol de hoje as murchou...
Só a esperança persiste,
Luz que jámais se apagou !

Fallemos agora de uma quasi criança que

começou a escrever aos treze annos, movida por uma paixão verdadeira, sentida por um espirito de élite, paixão correspondida, posto que não aceita pela familia.

Laura Carolina, artista, nervosa, sensível, alma aberta ás grandes emoções, edição rara no seu sexo, tinha em si a musica dulcissima da poesia, em periodos de enthusiasmo e de tristeza.

Ora no grito do peito que ama, ora no pianismo do espirito que soffre, amava, amava, amava, embora correspondida, um homem utopista, um sonhador, um revolucionario, que prestes a anarchisar-lhe o sentimento, a morte implacavel n'uma tísica galopante, tirou-a da vida...

Sem esperanças de ver realisado a seu sonho, deu á morte a abnegação da sua vida, na languidez de um corpo que definhava, cujas feições emmagrecidas tinham estas sombras de alegria que nota-se nos doentes de sua ordem.

O coração onde vellava as dramas do amor, a adoravel cantilena das ultimas esperanças, dizia-lhe baixinho : « Ainda podes viver » !...

Eganada no diagnostico, a vida no escarneo de sempre, levou-a ás regiões do Infinito, pois que o finito conhecia-o ella.

Os seus ultimos versos foram publicados como haviam sido todos os outros. Transcrevo-

as com prazer, aqui, ao escrever mais este estudo sobre uma conterranea que muito promettia, se mais pudesse viver.

Não são da escola moderna; não estarão isemptos de faltas, o que nelles não se poderá negar, é naturalidade e inspiração.

Se a forma não é castiça, attenda-se á idade a perdoem-me o intento, pois não podia passar desaperecebida.

MEU CORAÇÃO

(A. A. F.)

Não vêdes a flôr mimosa
Que se ostentava garrida?
Se alguém na haste lhe toca,
Como ella fica pendida

Não vêdes o cedro altivo
Curvar o tronco ao tufão,
E depois, como o captivo,
Roçar a fronte no chão?

Não vêdes a sensitiva
Cujas folhas delicadas,
Té ao halito d'uma diva
Retrahem-se agastadas?

Assim pois — meu coração —
Sensitiva, cedro e flôr,
Todo altivez e ternura,
Só precisava d'amor!

Como a flôr mimosa e bella,
Não lhe faltou nunca amor;
Mas de envolta com os seus gosos
Quantas lagrimas de dôr!

Depois, como ao forte cedro,
O tufão o quiz vergar,
Mas elle, calmo e altivo,
Não deixou o seu logar!

Hoje, como a sensitiva
A qualquer sopso estremece,
É que no amor verdadeiro
A raiz jámais fenece.

D. Maria Helena da Camara Andrade Pinto, esposa do conselheiro Eduardo de Andrade Pinto, nasceu no Rio Grande do Sul, recebendo de seus progenitores esmerada educação.

Habituada a alta roda, a distincta senhora educava a unica filha que tinha com essa caricia dada á mulher culto e moderna, escrevendo para a sua Alice, comedias em prosa e em verso, que a pequena recitava com amor, no meio das suas amiginhas.

E, não se dissesse que aquelles primores eram originaes da illustre Rio Grandense, que fugia aos applausos, dando a outrem o seu merecimento.

Uma occasião porém, estando gravemente enfermo seu marido, a filha que dava a noticia

acerca do seu estado, com a volubilidade propria da infancia, principiou a recitar bellimosos versos no fundo e na forma.

— « De quem são esses primores », — perguntou o conselheiro F. Octavião, amigo da familia.

— « Da mamã, que os escreve em cadernos para meu uso, porque não são para mais ninguém » — respondeu ella.

Emprestados que foram ás occultas os manuscritos, o amigo de seus paes viu, que tinha diante de si uma verdadeira poetisa, terna, meiga, ideal, modesta, sem aspirações, mal pensando que tivesse publicidade aquillo que sem pretensão, houvera escripto para sua filha, somente.

Evitando zumbaias, até mesmo quando seu marido na posição de ministro, no tempo da monarchia, a sua protecção era invocada, singela e simples, a familia foi o seu unico desideratum.

A instancias, consentiu na publicação dos seus versos, sob condicção de não irem para a Imprensa. Com effeito, os intimos tiveram a ventura de possuir um volume, cabendo-me o prazer de ter um, tambem, cedido graciosamente pela minha distincta amiga, Alice do Rego Monteiro, mulher do Dr. Zacharias do Rego Monteiro, que segundo me disse, guarda as

ultimas vontades de sua mãe, não publicando os trabalhos della que existem em seu poder, nem o titulo, aliás pedido com instancia por mim.

pena, porque a infancia muito lucraria com a publicação das citadas comedias e tanto mais por serem de patricia nossa... e que patricia, com talento, posição, fortuna e belleza !...

A despeito da sua grande modestia, o nome de D. Maria Helena, que falleceu tísica, conservando até o ultimo instante o seu espirito lucido, é conhecido, se bem que o envolveu no perfume das suas « Violetas », que tenho junto a mim, e que um dia figuravam como uma prova de que a mãe de intelligencia esclarecida, é a fonte onde os filhos bebem a agua regeneradora do sentimento, do exemplo, e de todas as optimas qualidades moraes, como ella os tinha.

Do livro impresso com esmero, furto estes versos para serem decoradas pela mulher brasileira, que nella terá um optimo exemplar de mãe de familia e... tambem da mulher de letras, se o tivesse querido.

A LIBERDADE

Com o mundo nasceu a fada peregrina :
O giro de seu vôo, se estende á immensidade,

**Não tem patria, nem leis, abrange o mundo inteiro,
Aspira ao infinito ; seu nome é — Liberdade.**

**È sempre bella e nobre : ás vezes pavorosa,
Ruge como a panthera que luta fratricida,
E a mão que arranca os ferros de misera opprimido
Quebra o sceptro dos Reis e os leva de vencida**

**Ou grande e soberana nas margens do Ypiranga,
Ou meiga e carinhosa na mente do galé.
A dilecta de povo arrasta em suas vestes
O porvir das nações e o symbolo da fê.**

**Mas, quando fatigada das luctas gigantescas,
Ao mais modesto lar se acolhe a Liberdade,
O misero captivo, transforma em homem livre,
A fada muda o nome, e o nome é — Caridade!...**

INDICE

| | |
|--------------------------------------|-----|
| PREFACIO..... | VII |
| CARTA Á LEITORA..... | XII |
| Catharina Paraguassú..... | 1 |
| Princeza Arco Verde..... | 9 |
| Cecilia Barbalho..... | 17 |
| Emigradas pernambucanas..... | 23 |
| Clara Camarão..... | 27 |
| Heroínas de Tijucupapo..... | 33 |
| D. Maria de Souza..... | 37 |
| D. Maria Cezar..... | 43 |
| Religiosas brasileiras..... | 47 |
| Joanna de Gusnião..... | 53 |
| Francisca Sandi..... | 61 |
| D. Roza de Siqueira..... | 65 |
| D. Joanna de Souza..... | 71 |
| Martyres brasileiras..... | 77 |
| D. Lourença Tavares de Hollanda..... | 81 |
| D. Maria Ursula de Alencastro..... | 89 |
| Jacintha de S. José..... | 93 |
| D. Angela do Amaral..... | 101 |
| Beatriz de Assis Brandão..... | 107 |
| Damiana da Cunha..... | 113 |
| Marilia de Dirceu..... | 119 |
| A freira martyr..... | 127 |
| D. Maria Quitéria de Medeiros..... | 131 |
| Annita Garibaldi..... | 137 |
| D. Thereza Christina..... | 147 |

| | |
|---|-----|
| Maria de Lima dos Mercês..... | 153 |
| Anna Aurora de Jesus... .. | 156 |
| D. Anna Nery..... | 163 |
| D. Nizia Floresta Brazileira Augusta..... | 171 |
| D. Anna Lossio..... | 179 |
| Baroneza de Maranguape..... | 183 |
| Délia (Maria Benedicta de Borhman)..... | 191 |
| D. Maria Ribeiro..... | 199 |
| Patriotas..... | 207 |
| D. Barbara da Silveira..... | 213 |
| D. Delphina da Cunha..... | 219 |
| D. Corina Coaracy..... | 225 |
| D. Barbara de Alencar..... | 233 |
| D. Gracia Hermelinda..... | 239 |
| Albertina Diniz..... | 247 |
| D. Luiza Regadas..... | 251 |
| D. Roza da Fonseca..... | 259 |
| Mais quatro poetisas..... | 269 |

RETRATOS

| | |
|-----------------------------|-----|
| Ignez Sabino..... | 1 |
| Catharina Paraguassú..... | 3 |
| Annita Garibaldi..... | 139 |
| D. Thereza Christina..... | 149 |
| D. Anna Nery..... | 165 |
| Nizia Floresta..... | 171 |
| Baroneza de Mamanguape..... | 185 |
| Délia..... | 193 |
| Corina Coaracy..... | 227 |
| D. Luiza Regadas..... | 253 |
| D. Roza da Fonseca..... | 261 |